

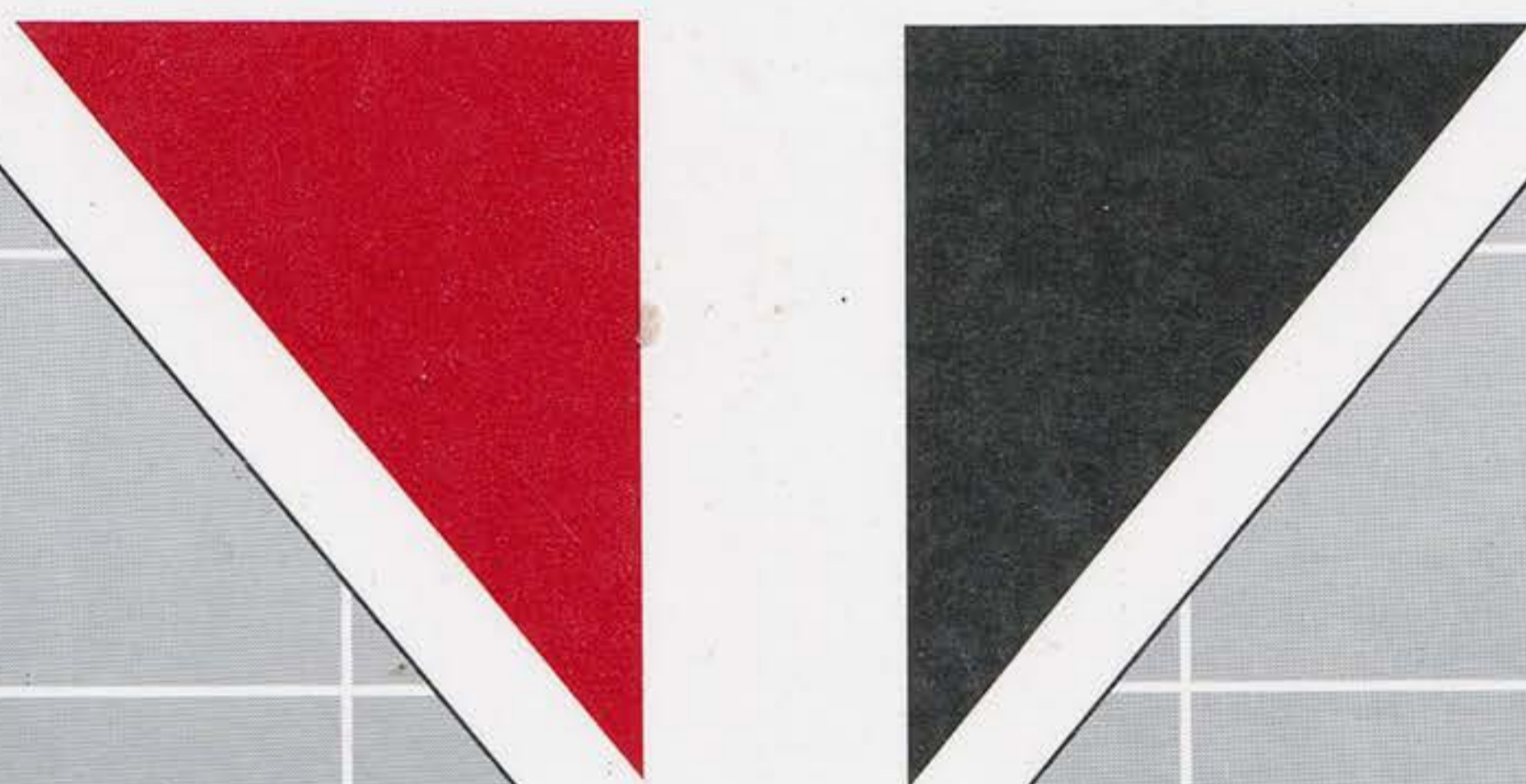
PEQUENAS GRANDES

HISTÓRIAS

DO



SPFC



FATOS, FEITOS

E

FÁBULAS

Todo clube tem sua história composta de episódios pitorescos, que lhe dão sabor especial e se transformam, com o tempo, em verdadeiras lendas.

A própria história da humanidade, sob a ótica francesa, debruça-se mais sobre os costumes e a vida cotidiana dos povos do que sobre os episódios “cinematográficos” que conformaram seu destino.

O São Paulo tem aqui contadas a sua história de glórias e também a sua deliciosa história de episódios do cotidiano, de especial colorido caseiro.

Este livro é uma soma de pequenas grandes histórias que marcaram o correr dos anos da vida são-paulina, todas elas mostrando como a garra, a abnegação, o talento e a picardia de nossa gente dão aos eventos uma tonalidade diversa dos

que conformam as pesadas histórias de outros povos.

A iniciativa é de ser louvada, pois perpetua, na vida do clube, acontecimentos que eram transmitidos pela tradição moral, como nossos maiores faziam à época em que não havia livros e jornais.

Apenas hoje a memória pode ser perpetuada, graças aos meios de comunicação modernos.

Bem agiu o presidente José Augusto Bastos Neto ao tomar a iniciativa desta publicação, que objetiva preservar para a posteridade os fatos, os feitos e alguns dos alegres e bem humorados episódios da vida e da história são-paulinas, as fábulas.

Ives Gandra da Silva Martins,
presidente do Conselho
Consultivo do São Paulo F.C.

São Paulo Futebol Clube

PEQUENAS GRANDES

HISTÓRIAS

DO

SÃO PAULO F.C.

FATOS, FEITOS

E

FÁBULAS

1ª Edição

São Paulo - SP

Abril - 2000

© 2000 by São Paulo Futebol Clube
Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1 - CEP 05653-070
*Fone: 0 ** 11 3749-8000*

Coordenador
José Augusto Bastos Neto

Supervisor
Paulo Planet Buarque

Diretor de Comunicação
Eduardo Alfano Vieira

Arquivo Histórico
Agnelo Di Lorenzo

Editor
João Prado Pacheco
Mtb 10.378-SP

Repórteres
Walter Lacerda
Carlos Bortole
Juca Pacheco Neto
Cinthia Savino Gagliardi

Colaboradores
Alexandre Silva Santos
Carlos Eduardo Valim
Giancarlo Lepiani
Maik Rene Lima
Márcio Ogata

Capa e Editoração Eletrônica
Galvão Moraes

Editora
Trama Editorial Ltda.

PRÓLOGO

Este livro nasceu no estádio, no bar, na festa chique, no baile pobre, no forró, na esquina, no norte, sul, leste, oeste... nasceu em todo lugar em que se fala de futebol, em todo lugar em que se fala de São Paulo F. C.

Qual são-paulino que não gosta de ouvir histórias do São Paulo? Do time, do estádio, do jogador, do dirigente, do torcedor, do clube enfim?

Tivemos, então, a idéia de lançar um livro não sobre a Grande História do São Paulo em sua sequência cronológica, mas sobre as Pequenas Grandes Histórias que, independentemente de ligações entre si, construíram e solidificaram a trajetória do São Paulo.

Parte dos contos deste livro é constituída por fatos; outra parte, por feitos; outra ainda, fábulas. Fatos são as verdades indiscutíveis, a fundação, a construção do estádio, os grandes vultos; feitos são

as conquistas, as goleadas, os títulos conseguidos pelo clube; fábulas são as histórias vistas pelos olhos de quem as conta, seja por que ângulo for.

No meio do ano passado, enviamos uma carta a todos os conselheiros, a vários são-paulinos conhecidos, a ex-jogadores, diretores, ex-diretores informando-os sobre o projeto e solicitando que enviassem suas narrativas. Torcedores que sempre estão colaborando com as publicações do São Paulo também deram seu quinhão.

Este livro, assim, foi escrito por centenas de mãos, todas tricolores. Sabemos que existem muitas outras, que, por motivos diversos, poderiam enriquecê-lo com mais e mais histórias. Quem sabe numa próxima edição, daqui a alguns anos, motivadas pela leitura desta. Tomara!

Outro aspecto importante: se uma história foi contada, uma personalidade foi lembrada e outras não, isso se deve unicamente às recordações levantadas e facilidades proporcionadas pelas pessoas procuradas.

A edição do livro e sua distribuição nas livrarias e bancas especializadas vem na esteira do que dizia Cícero Pompeu de Toledo:

“Quem pensa grande valoriza seu folclore, preserva sua memória.”

É mais uma manifestação do grande São Paulo, que não só pensa, mas realiza grande – e sempre se baseando na lógica, no bom senso.

Os contos, para facilitar a leitura e o entendimento, estão dividi-

dos por décadas, independentemente de serem fatos, feitos ou fábulas.

O livro termina com a relação de títulos oficiais e dados estatísticos referentes ao futebol atualizados até abril de 2000

São 300 páginas. Tanta tradição teria, um dia, de ser reunida numa publicação escrita. Para a satisfação dos mais velhos e o conhecimento dos mais novos.

Pois que o São Paulo, como uma família, é constituído por ideais que passam de geração a geração, como heranças.

Histórias do São Paulo F. C., Feitos, Fatos e Fábulas, por sinal, é um livro que tem muito a ver com herança – como, também, as estatísticas das últimas páginas.

José Augusto Bastos Neto,
presidente do clube e coordenador do livro.

PREÂMBULO

A história tricolor tem etapas, momentos, ocasiões, mostrados geralmente através de números. Desta vez, a versão é diferente. As etapas, os momentos, as ocasiões são contadas em partes, pequenos fragmentos, instantes fugazes.

Diria que se trata de episódios, alguns históricos, outros cômicos, aqui ou acolá interessantes, partes de um todo que é a vida deste clube de tantas tradições, de tantos títulos, de amor incondicional, de imensa torcida, de altos e baixos, de demonstrações de poderio, de vontade indômita.

Aqui, nesta publicação, que será objeto indiscutível do interesse do público tricolor, de todas as idades, porque o que se conta é sem tempo, há o testemunho de dirigentes, jogadores, torcedores, conselheiros, técnicos, personagens, em suma, que participaram desta notável comédia da vida. É a história de um clube que nasceu

apenas futebol, em função do encerramento das atividades do seu antecessor-nobre, o Clube Atlético Paulistano, para se tornar a agremiação poliesportiva que é hoje.

Pena, realmente, que essa boa idéia, nascida do presidente José Augusto Bastos Neto, não tivesse ocorrido antes. Com certeza, muitas coisas também importantes poderiam integrar este grandioso acervo.

Episódios com os que já nos deixaram e que marcaram época, a começar por Meca; depois esse incrível e denodado Decio Pacheco, em verdade o primeiro presidente que “viu” o São Paulo grande; Pedroza, Cícero e tantos outros que mereceriam ser citados. O esplendoroso Porfírio da Paz, um tenente das Forças Armadas que se tomou de paixão pelo Tricolor, impediu o seu desaparecimento, carregou Leônidas nas costas e acabou sendo general e vice-governador do Estado.

Quem tenha existido e não tenha o que contar sobre si próprio não terá sido digno da vida. O mesmo se pode dizer das pessoas jurídicas. O São Paulo F.C. sempre teve muito o que contar! Não apenas sobre como surgiu, mas também pelo amor como foi e vem sendo mantido. Pela sua vida de momentos inolvidáveis, representados por suas conquistas futebolísticas e seu crescimento patrimonial. Uma linda e comovedora história!

Paulo Planet Buarque,
conselheiro consultivo e supervisor do livro.

PREFÁCIO

Aqueles sim eram tempos difíceis...

Cada centavo que se amealhava, era vertido em cimento, areia, ferro...

Precisávamos erguer nosso sonho, plantando definitivamente os alicerces de um gigante, que se mostraria insuperável através dos tempos...

Mas às vezes o desespero se chegava daqueles homens abnegados que pisavam aquele barro e respiravam aquela poeira, que mais tarde se transformaria no maior estádio particular do mundo – o nosso Morumbi...

Naquela noite, estavam sentados à mesa alguns destes obstinados são-paulinos: Laudo Natel, Manoel Raymundo Paes de

Almeida, Marcel Klaszco, Homero Bellintani e outros, como eu...

Eles calculavam e recalculavam as despesas com aquela monumental obra... Reviravam as contas em busca de mais algum recurso... Matutavam que matutavam uma nova maneira de se obter mais dinheiro...

Foi aí que chegou o meu grande e saudoso amigo Monsenhor Bastos, um dos mais apaixonados torcedores do São Paulo que eu conheci e que dispensa apresentações para nós, tricolores de verdade.

Esbaforido e entusiasmado, como quem encontra o bilhete premiado, ele interrompeu a reunião e pediu a atenção de todos.

— Presidente — bradou Monsenhor se dirigindo a Laudo — na cidade de Santos tem um garoto que é um fenômeno. Um novo Pelé! Joga no meio de campo, pela direita, mas também sobe bem ao ataque, dentro da área é um azougue, dribla como o Canhotoiro, chuta como o Jair da Rosa Pinto, cabeceia como o Baltazar...

E por aí foi... As pessoas se entusiasmaram com a descrição feita pelo Monsenhor Bastos, que ao final emendou...

— Não podemos perdê-lo, Laudo, o São Paulo precisa contratar este rapaz...

Mais do que depressa, alguns dos presentes juntaram-se ao Monsenhor e incentivaram a idéia.

Alguém disse:

“Precisamos fazer alguma coisa pelo nosso time... O es-

tádio é importante, mas não agüentamos mais esse sofrimento, essa agonia de ver o São Paulo sempre tropeçando dentro de campo”...

Eu confesso que também vibrei com este fenômeno, descrito em verso e prosa pelo meu amigo Monsenhor Bastos. Achei que o São Paulo não podia deixar a oportunidade passar e me juntei ao coro que clamava ao presidente pela sua contratação...

Laudo prestou muita atenção ao discurso do Monsenhor Bastos e às ponderações de todos aqueles que estavam presentes...

— Eu vou ter que usar o dinheiro da venda das cadeiras cativas para comprá-lo, Monsenhor, o senhor tem certeza?... alertou Laudo.

— Absoluta, Laudo, absoluta! Eu não estaria aqui falando tudo isso se eu não tivesse certeza... disse apaixonadamente o Monsenhor, entusiasmando a todos cada vez mais...

— Então me responda só mais uma coisa e eu compro esse jogador, Monsenhor: Ele é preto ou é branco?... perguntou matreiramente o nosso patrono.

Claro que o Monsenhor Bastos não sabia a resposta, ele não havia visto o “craque” jogar. Alguém o encantou, como ele a nós, e o seu amor pelo São Paulo foi maior do que a sua razão...

Bem, o Laudo comprou mais alguns sacos de cimento com aquele dinheiro e, alguns anos depois, o Morumbi ficou pronto e o nosso querido São Paulo voltou a ganhar os grandes títulos...

Essa é uma pequena história das muitas que eu vivi no meio dos meus amigos são-paulinos. Outras estão reunidas neste livro e, com certeza, irão nos fazer lembrar dos nossos tempos difíceis, mas alegres, tão alegres e brilhantes como os feitos e os fatos aqui contados também.

Benedito Ruy Barbosa,
são-paulino, escritor, autor de novelas.

O FIM... OU MELHOR, O INÍCIO!

O São Paulo surgiu do fim do futebol do Paulistano.

Fim?

Não!

Início do clube-modelo do Brasil!

Fundado em 29/12/1900, o Clube Atlético Paulistano surgiu como uma das maiores forças do futebol brasileiro. Seu primeiro presidente foi o então secretário do Interior, Bento Pereira Bueno. Os primeiros diretores do Departamento de Futebol foram Renato Miranda, Olavo de Barros e Sílvio Penteado.

Satisfação e emoção à parte, o sucesso do futebol do Paulistano pode ser comprovado por números: nos seus 29 anos de existência, ganhou onze campeonatos estaduais (líder absoluto até então). Por isto, seu apelido era “Glorioso”.

Fora de campo, entretanto, os ideais de amadorismo do

Paulistano foram sendo minados a partir dos anos 20. Em 1925, o clube até liderou o movimento para a criação da Liga de Amadores do Futebol (LAF), mas cinco anos depois percebeu que estava praticamente sozinho na empreitada.

Dia 8 de janeiro de 1930, em Assembléia Geral Extraordinária, a maioria dos clubes da LAF decidiu pela dissolução da Liga. A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) já dava total apoio à outra entidade, a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), incentivadora do profissionalismo.

O “Glorioso” não viu então outra saída senão fechar o seu Departamento de Futebol. Num dia chuvoso, feio e frio do inverno daquele ano, o presidente Antônio Prado Júnior foi a público e anunciou:

— Futebol no Paulistano é capítulo encerrado. Daqui para a frente, só como recreação. Os jogadores poderão se inscrever por outras agremiações e continuar sócios do clube.

Uma parte de São Paulo ficou inconformada, triste, perdida até.

O jornal “O Estado de S. Paulo” lamentou, perguntando:

“Surgirá um dia um time de futebol tão bom, tão paulista?”

No Largo do Café, onde os ricos fazendeiros se reuniam todas as manhãs, o assunto predominante também era esse.

Nestor, Clodô e Bartô; Romeu, Rueda e Abate; Luizinho, Joãozinho, Friedenreich, Milton e Zuanella - que formavam o time-base campeão estadual de 1929 e também da Taça Cidade de São Paulo do mesmo ano - e os outros jogadores ficaram sem saber o

que fazer.

Do mesmo modo, um grande número de diretores, associados e torcedores, como Edgard de Souza, Alberto Caldas, João da Cunha Bueno, Gastão Rachou, Caio Luís Pereira de Souza, com o aval do então governador do Estado, Washington Luís Pereira de Souza, os jauenses João Prado de Almeida Pacheco e Saul Galvão de Barros França, Raphael Salles Sampaio, os jornalistas Júlio de Mesquita Filho, Francisco Mesquita, Alfredo Mesquita e Décio de Almeida Prado...

Eles não iriam mais ao Velódromo nas tardes de domingo, um dos grandes acontecimentos sociais da época. Nem os jogadores seriam mais os atores principais daqueles eventos. Só de pensar eles já sentiam falta dos gritos de “aleguá”, marca registrada da torcida do “Glorioso”.

Mas, como não há mal que sempre dure...

Ex-diretores, ex-jogadores e ex-torcedores do Paulistano passam a se encontrar mais vezes nos “points” sociais como a Leitaria Paulista, na Rua São Bento, o Mappin, na Praça Ramos de Azevedo, a Sociedade Riograndense na Barão de Itapetininga – e a conversa é uma só.

— *O que vamos fazer? pergunta Friedenreich, o grande jogador da época, a Rubens Salles, jogador também de grande qualidade e que viria a ser o grande técnico de São Paulo.*

— *Temos de encontrar um jeito de não nos dispersar. - res-*

ponde Salles.

João de Oliveira Barros, dirigente do futebol do Paulistano, entra na conversa:

— Vamos fundar um novo clube...

Júlio Mesquita Filho, já comandante do jornal “O Estado de S. Paulo”, incentiva a idéia:

— Não podemos ficar sem um time que represente os ideais paulistas...

Gastão Rachou, outro dirigente do “Glorioso” intervém:

— A Associação Atlética das Palmeiras também está fechando o seu futebol. Eles possuem um bom campo na Chácara da Floresta. Que tal nos unirmos? Nós temos bons jogadores, eles têm um bom campo...

O médico Benedicto Montenegro, que se consagraria como um dos maiores cirurgiões do País, e o senador Vicente de Almeida Prado, dono do Banco de São Paulo, dão apoio total:

— Boa idéia, vamos em frente...

E foram mesmo. A boa vontade superou os obstáculos, entre eles, o atraso de um dia do cartório para preparar a ata, já que os fundadores queriam 25 de janeiro como data de aniversário, para coincidir com o da cidade.

Mas o dia 26 de janeiro de 1930 também foi ensolarado, claro, bonito. No seu transcorrer, uma reunião efetuada na Praça da República nº 29, sob a presidência de João de Oliveira Barros, defi-

niu a fundação do São Paulo Futebol Clube - que se não tinha o amadorismo como lema, baseava-se também nos princípios de respeito à ética, à moralidade, à coisa bem feita, sem subterfúgios.

Ficou acordado que as cores do novo clube seriam vermelho, branco e preto. O vermelho, representando a faixa que os jogadores do Paulistano usavam para reforçar o amarrão do calção e, depois do jogo, dar de presente às damas que compareciam aos campos; o preto, simbolizando do mesmo modo a faixa dos jogadores da Associação Atlética das Palmeiras; e o branco por causa dos uniformes de ambos.

Só que em vez de faixas soltas, as faixas vermelha e preta do São Paulo ficariam fixas na camisa, como são até hoje. O formato das camisas, titular e reserva, e o símbolo foram desenhados por Walter Ostrich (Olivier), o grande estilista da época, que presentou o São Paulo com sua arte porque, assim, poderia continuar torcendo por Nestor, Clodô e Bartô...

Enquanto Olivier trabalhava, a equipe fazia seus primeiros treinos na Chácara da Floresta (bairro da Ponte Pequena, mais tarde), sob o comando de Rubens Salles. Titulares e reservas, à espera do novo uniforme, treinavam usando as camisas do Paulistano e da Atlética.

Sessenta dias depois, o São Paulo F.C. estava pronto. Fez, então, seu primeiro jogo oficial, de campeonato, dia 16 de março de 1930. Empatou por 0 a 0 com o Ipiranga, atuando com Nestor, Clodô e Bartô; Buck, Zito e Alves; Luizinho, Milton, Friedenreich,

Mário Seixas e Zuarella.

O Campo da Floresta ficou lotado, a maioria gente bem vestida. A cidade começava a ouvir o “Uaique, Paique, Chaique, Uaique, Tchangô, Tchangô, Tchangô, Rah, Rah, Rah, São Paulo, São Paulo, São Paulo” — que caracterizou os primeiros anos tricolores.



ANOS

30

Foi uma época de muita dificuldade para o São Paulo e para o próprio futebol, por causa da chegada do profissionalismo, implantado oficialmente no Estado em 1933. A maioria foi a favor dele, mas muitos eram contra, gerando um sem-número de conflitos. Por causa de um deles, em 1935, o São Paulo passou por uma reciclagem. Teve de suspender juridicamente suas atividades, retomando-as sete meses depois.

Outro fato significativo ocorrido na década foi a fusão com o clube Estudantes, em 1938, através da qual o São Paulo se fortaleceu bastante – o que não quer dizer, frise-se, que não tenha nascido forte, tanto que foi campeão paulista já no segundo campeonato de que participou.

Nos anos 30, o São Paulo foi campeão paulista de 1931.

O PRIMEIRO TÍTULO

Já em 1931, o São Paulo foi campeão paulista, no segundo campeonato de sua existência.

Iniciou aí um currículo de glórias que não poderia justificar melhor a sua descendência do Clube Atlético Paulistano.

Depois de 19 vitórias, cinco empates e apenas uma derrota, o time comandado por Rubens Salles chegou à penúltima rodada empatado em pontos com o Santos.

Faria seu último jogo com o Corinthians, no Parque São Jorge, enquanto o Santos enfrentaria o Juventus, na rua Javari.

O Moleque já era travesso naquela época.

Estava em oitavo lugar, mas tirou um ponto do líder Santos, com o empate de 1 a 1.

Já o outro líder, São Paulo, goleou o sexto colocado Corinthians por 4 a 1, gols de Armandinho (2), Fried e Araken.

O São Paulo atuou com Joãozinho, Clodô e Bartô; Milton, Bino e Sasso; Luizinho, Armandinho, Fried, Araken e Junqueira.



O PRIMEIRO TÍTULO

Já em 1931, o São Paulo foi campeão paulista, no segundo campeonato de sua existência.

Iniciou aí um currículo de glórias que não poderia justificar melhor a sua descendência do Clube Atlético Paulistano.

Depois de 12 vitórias, cinco empates e apenas uma derrota, o time comandado por Rubens Salles chegou à penúltima rodada empilhado em pontos com o Santos.

Faria seu último jogo com o Corinthians, no Parque São Jorge, enquanto o Santos enfrentava o Juventus, as suas Javali.

O Molique já era travesso naquela época.

Estava em ótimo lugar, mas teve um ponto do líder Santos com o empate de 1 a 1.

Já como líder São Paulo, golou o sexto colocado Corinthians por 4 a 1, gols de Armandinho (2), Fried e Araken.

FRIEDENREICH

Arthur Friedenreich, paulistano de nascimento, filho de alemão com uma mulata, conservou do pai o sobrenome e os olhos claros e da mãe, uma cor mais tênue.

Fried, como era chamado normalmente, foi o primeiro Deus do Futebol na época do amadorismo.

Iniciou sua carreira na várzea do Glicério e logo, apesar de não ser totalmente branco, passou a jogar no Ypiranga e Mackenzie.

Sua fase de ouro atravessou a década de 20, quando pertencia ao Clube Atlético Paulistano, tendo participado da famosa excursão daquela equipe à Europa, onde ele e seus companheiros foram considerados “Os Reis do Futebol”.

Chegou ao São Paulo em 1930.

Nos anos 30 e 31, o Tricolor disputou 52 partidas pelo Campeonato Paulista e Fried participou de todas elas como titular, tendo

marcado neste período 57 gols. Uma média superior a um gol por partida.

Em 1932, com a Revolução Constitucionalista, o Campeonato Paulista ficou interrompido.

Para se ter uma idéia desta interrupção, a rodada que estava marcada para 10 de julho só foi realizada no dia 6 de novembro.

Fried, muito ligado à causa constitucionalista, se alistou-se e, como precisava receber instrução militar, nem sempre participava dos treinos. Acabou indo para o front da revolução.

O campeonato de 32 só teve onze rodadas (um só turno), e Fried marcou apenas um gol. Havia se deslocado para a armação do jogo, devido ao cansaço e à idade.

Nos anos de 1933 e 1934, o Tricolor disputou 28 partidas pelo Campeonato Paulista, e Fried participou como titular em apenas 12 delas desde o início. Entrou no segundo tempo em sete partidas e não jogou em nove.

Neste biênio, fez apenas oito gols, mesmo tendo o São Paulo conhecido duas vitórias esmagadoras, contra o Sírio (12 X 1) e o Internacional de São Paulo (11 X 0), não tendo marcado em nenhuma delas.

Com o recuo de Fried para o meio de campo, Luizinho acabou sendo o grande artilheiro do time, tendo marcado 27 gols em 25 partidas.

Fried jogou, no total, 81 partidas pelo Tricolor no Campeonato Paulista. Marcou 66 gols no período, com a média de 0,814 gol

por partida, que o consagra até agora como o maior artilheiro por média no São Paulo de todos os tempos.

Sua última partida pelo Campeonato Paulista com a camisa tricolor deu-se no dia 02/09/34, quando vencemos o Palestra por 1 X 0. Gol dele, Fried, aos 18 minutos do segundo tempo.

Fried criou o drible curto, a finta de corpo, o chute perfeito. É o recordista mundial de gols, 1329, reconhecidos pela FIFA (46 a mais do que Pelé).

Diz a lenda que nunca perdeu um pênalti.

A maior conquista do Brasil quando o futebol era amador foi o Campeonato Sul-Americano de 1919. A final foi contra o Uruguai, que naquela época dividia a hegemonia do continente com a Argentina.

O Brasil ganhou por 1 a 0 na prorrogação, gol de Fried a dois minutos do final.

O jornal “A Noite”, que nunca havia colocado uma foto na sua primeira página, estampou o pé do goleador em seu tamanho natural.

Enquanto os argentinos ou uruguaio, não se sabe direito quem, o apelidaram de “El Tigre”, os franceses passaram a chamá-lo “Le Danger”, após uma vitória do Paulistano sobre a Seleção France-

sa, em Paris, por 7 a 2.

Mas revolução mesmo Fried provocou em Londres, num jogo do Paulistano contra a Seleção da Inglaterra, por aquela mesma excursão. Entre os assistentes, no Estádio de Wimbledon, estavam o rei George V e a rainha Mary.

O primeiro tempo terminou com os ingleses vencendo por 3 a 0. Na segunda etapa, o Paulistano empatou e, aos 45 minutos, fez seu quarto gol. Fried pegou a bola no meio do campo, driblou toda a defesa adversária e entrou com bola e tudo. O juiz, entretanto, anulou o gol.

Fried, que falava várias línguas, entre elas o inglês, quis saber o porquê. O árbitro respondeu, em tom de reprimenda:

— Você desrespeitou o rei e a rainha. Nenhum time pode ganhar da Seleção da Inglaterra, ainda mais na frente de suas majestades.



RECICLAGEM

EM 1935

Em 1935, problemas político-financeiros levaram o São Paulo da Floresta a interromper temporariamente suas atividades jurídico-administrativas em 14 de maio, um dia, por sinal, chuvoso, cinzento, feio.

Politicamente, o São Paulo desligou-se da APEA (que tinha o apoio da CBD) para integrar-se à LAF (Liga Paulista de Futebol), o que resultou numa cisão interna. Administrativamente, comentava-se que o clube havia gastado muito dinheiro com a montagem da sede do Trocadero, o que originou também desconforto interno.

A solução jurídica encontrada pela maioria do Conselho Deliberativo foi uma fusão administrativa com o Clube de Regatas Tietê, que passou a chamar-se C.R. Tietê-São Paulo até 1940 e, a partir daí, apenas C.R. Tietê. Foi, na verdade, uma junção dos bens materiais das duas agremiações, não de idéias.

O sonho da formação de um time de futebol forte, que representasse os ideais paulistas, continuava firme – e voltou a unir os são-paulinos, entre os quais Manoel do Carmo Meca, o então prefeito Fábio Prado, o tenente Porfírio da Paz, Monsenhor Bastos, Fernando Sampaio, Francisco Pereira Carneiro, Eolo Campos, Frederico Menzen, Sebastião Portugal Gouveia, Deoclesiano Dantas de Freitas, Jose Loureiro, os irmãos Faro, Cícero, Sílvio e Eduardo, Waldemar Albien, Ariosto Amalfi...

— *Temos de continuar no futebol. Vamos fundar um clube com o nome de Clube Atlético São Paulo - propõe Fernando Sampaio em reunião realizada em sua residência no dia 4 de junho de 1935.*

— *Por que não criarmos um departamento autônomo de Futebol no Tietê-São Paulo? - atira o prefeito Fábio Prado, em reunião convocada por ele e que teve como local o Salão Nobre da Prefeitura paulistana, dia 20 de julho.*

Outras idéias surgiram. A que prevaleceu foi a decidida em 16 de dezembro de 1935, dia claro, ensolarado e bonito, no escritório do advogado Silva Freire, localizado na rua Onze de Agosto (hoje Praça da Sé, onde o São Paulo instalou um marco): a reativação daquela associação de futebol campeã de 1931 e vice de 30,32, 33 e 34.



25 DE JANEIRO

Depois da interrupção jurídico-político-administrativa, a chama tricolor voltou a brilhar dia 25 de janeiro de 1936, data da fundação da cidade de São Paulo, ocasião em que, no seu primeiro jogo da nova fase, o São Paulo derrotou a AA Portuguesa de Santos por 3 a 2.

Jogou essa partida com King, Rui e Picareta; Ferreira, José e Segôa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazzo e Paulinho.

O dia 25 de janeiro ficou sendo, porque essa era a vontade dos fundadores, a data de aniversário do São Paulo F.C.



A FUSÃO COM O ESTUDANTES

O São Paulo ganhou nova força em 1938 ao se fundir com o Clube Estudantes Paulistas, que possuía um campo na rua da Moóca e uma boa situação financeira. Um dos episódios marcantes desse importante fato histórico foi a decisão dos sócios de ambos os clubes de abrir mão dos seus números de matrícula para facilitar o acordo.

A posição adotada pelo então presidente do Estudantes, dr. Piragibe Nogueira, na decisão sobre o nome da associação derivada da fusão, foi também digna de nota. A votação estava empatada e ele seria o último a anunciar o voto.

– Só pode ser São Paulo Futebol Clube - proclamou o dr. Piragibe.

E assim foi feito. O São Paulo ganhava, além do novo aliado, um campo para mandar seus jogos e vários jogadores de nível, entre

eles Agostinho, Iracino, Lysandro, Fiorotti, Mendes, Armandinho e Araken, além de Pedroza, goleiro da Seleção Brasileira.



PIRAGIBE
NOGUEIRA

PIRAGIBE NOGUEIRA

O médico Piragibe Nogueira foi presidente de 1938 a 1940. É visto como uma das colunas-mestras do grande clube de hoje. Desde a fusão São Paulo-Estudantes, em 38, quando, com seu voto de minerva fez o nome São Paulo F.C. prevalecer, nunca mais parou de trabalhar pelo engrandecimento do clube, do qual foi também diretor médico durante muitos anos e sócio-benemérito e conselheiro consultivo.

Quando assumiu a presidência, percebeu porque o clube era chamado de São Paulinho.

— Vi que não tinha realmente nada. A sede era uma salinha na Avenida São João em que mal cabiam os poucos conselheiros. E nas reuniões do Conselho passava-se o “chapéu” para recolher dinheiro, prática com a qual logo acabei porque muitos dos conselheiros ficavam constrangidos, pois nem todos viviam boa situação

financeira.

Para ele, o São Paulo começou a se diferenciar dos outros por causa de um grupo de planejadores que ficou conhecido no início dos anos 40 como “Grupo da Sela”.

— Era um grupo muito competente que pensava grande e tinha visão de futuro. Não se discutiam questões de poder, prestígio pessoal. Qualquer decisão era tomada em conjunto. O São Paulo cresceu assim...

— O São Paulo é tão campeão e o Morumbi é tão grande porque os são-paulinos aprenderam a pensar grande.



PEQUENAS HISTÓRIAS

DOS

ANOS 30

—□— O 1º JOGO NOTURNO —□—

O primeiro jogo noturno em São Paulo foi promovido pelo São Paulo F.C., em 29/03/30, no Estádio da Floresta. Vencemos o Sportivo Buenos Aires por 8 X 1.

—□— O 1º GOL —□—

Formiga marcou o primeiro gol do São Paulo. Este fato aconteceu no Torneio Início de 1930.

—□— O 1º TREINO —□—

O primeiro treino do São Paulo, já no Estádio da Floresta, foi

realizado no dia 03/02/30.

Dois fatos interessantes na história tricolor aconteceram neste dia.

Como o clube ainda não possuía uniformes, foram usadas camisetas do Paulistano no time principal e da Athletica no segundo time.

O outro fato digno de nota: João Chiavoni, que havia sido escolhido para técnico do novo clube, ficou no cargo apenas um dia, pois, ao escalar as equipes para o treino, colocou Fried e Araken no time reserva.

—□— 1ª GOLEADAS —□—

No futebol não se pode ter dó de adversários – e o São Paulo nasceu sabendo disso.

No dia 03/07/32, por exemplo, aplicou uma goleada histórica no Internacional, em jogo válido pelo Campeonato Paulista: 11 a 0! Armandinho fez um gol, o terceiro. Araken e Luizinho marcaram os outros dez, cinco cada, e alternadamente. Ou seja: Araken fez o primeiro, Luizinho o segundo (pula o terceiro, de Armandinho), Araken marcou o quarto, Luizinho o quinto...

O São Paulo atuou com Moreno, Caetano e Barthô; Milton, Amleto e Orozimbo; Luizinho, Armandinho, Fried, Araken e Ermete.

Já no dia 27/08/33, quem apanhou feio foi o Sírio: 12 a 1! Waldemar de Brito fez cinco dos 12 gols tricolores. Araken (3),

Hércules (3) e Luizinho completaram a grande goleada.

O São Paulo jogou com Moreno, Sílvio e Barthô; Raffa, Zarzur e Orozimbo; Luizinho, Armandinho, Waldemar de Brito, Araken e Hércules.

—□— 6 A 0 NO PALESTRA E A REVANCHE —□—

No dia 26/03/39, pelo segundo turno do Campeonato Paulista, o São Paulo aplicou sua mais memorável goleada sobre o Palestra Itália: 6 a 0, com gols de Armandinho (3), Eliseo, Araken e Paulo.

O time atuou com Pedroza, Agostinho e Inácio; Fiorotti, Lysandro e Filipelli; Mendes, Armandinho, Eliseo, Araken e Paulo.

Pela maneira como foi conquistada, aquela vitória deixou também a certeza de que os alvi-verdes tentariam ir à forra no próximo confronto.

— E daí?, diziam os eufóricos são-paulinos, imaginando que a equipe poderia aplicar outra sonora goleada no Palestra.

Mas o próximo encontro demorou, como era comum naquela época. Só foi se realizar no Campeonato de 39.

A situação financeira do Tricolor piorara.

O salário do mês anterior estava atrasado e a diretoria temia que, com esta situação, os jogadores não tivessem ânimo para enfrentar suas vítimas.

Surgiu uma idéia que logo foi aceita.

— Vamos fazer um jantar festivo, pagar os atrasados e dar um

prêmio a cada jogador, levantando o moral deles para o próximo jogo.

Restou só um problema: onde arranjar o dinheiro?

Ficou combinado que cada dirigente deveria tentar resolver a questão.

Dois dias depois, na hora da arrecadação do dinheiro. Porfírio da Paz chega contente e, mostrando algumas notas de dinheiro, diz:

— Minha mulher (que era costureira) recebeu um adiantamento de uma cliente para comprar tecido e fazer três vestidos.

— E o que isto tem a ver conosco?

— É que eu peguei o dinheiro da gaveta da máquina de costura e ela não sabe.

Nesse instante, o Monsenhor Bastos coloca também sobre a mesa umas notas e muitas moedas:

— Peguei isto da caixa de esmolas da igreja. E Ele sabe.

—□— 1º RECADASTRAMENTO —□—

Quando da fusão do São Paulo com os Estudantes, os associados das duas agremiações abriram mão de seus antigos números de filiação àquelas entidades.

Foi o primeiro recadastramento do São Paulo, realizado no ano de 1939 (ficou pronto em agosto).

Este trabalho, na época chamado de “reconsideração”, foi realizado por Walter Nehring. Por este motivo, não existe nenhum as-

sociado do São Paulo que tenha registro antes desta data.

Em abril de 2000, 24 associados daquela época continuavam firmes torcendo pelo São Paulo.

—□— O GOL DE MÃO —□—

Dia 23 de abril de 1939, Corinthians e São Paulo decidiriam o título de campeão paulista de 1938. O Corinthians, com um ponto a mais, jogava pelo empate.

Aos 2 minutos de jogo, Mendes fez São Paulo 1 a 0.

A chuva, que já caía com certa força, resolveu engrossar. O campo do Parque São Jorge não agüentou, tornando-se impraticável.

O juiz, Thomaz Cardoso de Almeida, teve que levantar as calças para trabalhar.

Aos 22 minutos do primeiro tempo, ele interrompeu o jogo e adiou sua continuação para o dia 25.

No dia marcado, os dois contendores voltaram a campo. As arquibancadas estavam cheias novamente, mesmo porque havia uma semana que em São Paulo só se falava da decisão.

A própria esposa do interventor Adhemar de Barros, dona Leonor, esteve presente. Ela foi uma das espectadoras que se surpreendeu com o gol de empate do Corinthians, feito com a mão pelo atacante Carlito.

— Ué, eu não sabia que no futebol também se pode usar a mão!

— exclamou a primeira-dama.

O jogo terminou empatado por 1 a 1.

—□— A GRANDE PAIXÃO —□—

O Monsenhor Dr. Francisco Bastos foi um dos personagens mais importantes da história do São Paulo. O auditório do clube, onde o Conselho Deliberativo realiza suas reuniões, leva o seu nome.

O Monsenhor era o pároco da Igreja da Consolação e dividia seu tempo entre os fiéis e o São Paulo.

Certa vez, foi convidado pela Cúria para trabalhar no Vaticano.

Declinou do convite, dizendo:

— Não posso ficar longe do meu São Paulo e nem das minhas Filhas de Maria...

—□— PELA BOCA DOS OUTROS —□—

O Monsenhor Bastos, por ser sacerdote, sabia muito bem que não podia se expor em situações que não fossem as eclesiásticas.

Mas era um torcedor fanático, e como tal também gostava de pressionar os juízes e os próprios jogadores, quer do Tricolor ou adversários.

Deste modo, ao assistir aos jogos, sempre procurava se sentar ao lado de um torcedor ou conselheiro mais exaltado, pois quando via que as coisas não iam bem, pedia ao companheiro:

— Xinga agora! Xinga!

—□— CONCENTRAÇÃO ABENÇOADA —□—

Como o São Paulo não possuía local para se concentrar e temendo que os jogadores se excedessem nas vésperas dos jogos, o Monsenhor Bastos os alojava na sacristia da igreja. Antes de desligar a luz, benzia todos

—□— A BATINA —□—

Na época do Monsenhor Bastos, padre sem batina era um ultraje. Ele entretanto, trocava-a por ternos nas viagens muito calorosas que fazia com o time.

Em uma delas, pouco antes de entrar numa determinada cidade, o Monsenhor parou em um acostamento mais ou menos escondido e começou a fazer a sua rotineira troca de indumentária. Não notou a presença de um certo caboclo, que fumava, calmamente, um cigarro de palha numa casinha de pau-a-pique.

Ao ver o padre trocando o terno pela batina, o citado caboclo não teve a menor dúvida e gritou:

— Está vindo da farra, hein, seu sem-vergonha...

Era uma das histórias que Marcel Klaczko gostava de contar, mas nunca na presença do Monsenhor.

—□— CAXAMBU, O INVENTOR DA “PONTE” —□—

A exemplo de outros dois são-paulinos imortais, Friedenreich e Leônidas, que inventaram o drible curto e a bicicleta, respectivamente, um terceiro, o goleiro Caxambu, também deixou como legado uma invenção que do mesmo modo revolucionou o futebol: a ponte.

Dia 2 de julho de 1939, Caxambu surpreendeu os torcedores ao defender uma bola de modo diferente, saltando lateralmente, ficando no ar por alguns segundos, todo esticado, agarrando a bola à meia altura e caindo com ela ao chão.

Era a ponte? ou o vôo, como dizem os locutores.

Antes de 1939, os goleiros espalmavam essas bolas para a linha de fundo ou para a frente, mas sem “voar”.

Hélio Geraldo Caxambu foi goleiro tricolor de 1937 a 1944. Depois, foi técnico das divisões de base e auxiliar de Bella Guttman, em 1957.

Foi também torcedor dos bons. Sua cadeira cativa, no setor 6, superior, estava sempre ocupada até 1997, quando morreu, aos 79 anos.

—□— O BANDEIRINHA —□—

No início do futebol, o árbitro era escolhido entre os torcedores presentes no estádio. Esta prática terminou já no começo do século

XX, quando as ligas passaram a indicar os árbitros.

A situação dos “bandeirinhas”, hoje auxiliares, só foi regulamentada em 1939, quando a Confederação Brasileira organizou a arbitragem.

Até aquela data, cada time tinha seu próprio bandeirinha. Ele acompanhava a delegação e possuía um uniforme especial (diferente do outro bandeirinha) com as cores do clube ao qual pertencia, mas distinto do uniforme da equipe.

O bandeirinha que acompanhou o São Paulo até 1939 foi Hugo Margi, concessionário do restaurante da Cia. Paulista de Estrada de Ferro.

Hugo começou no Paulistano em 1924, tendo se “transferido” para o São Paulo em 1930.



ANOS

40

Foi a década da afirmação do São Paulo como time grande. Trouxe de volta Luizinho, contratou Noronha, Sastre e também Leônidas, na maior transação financeira da América Latina até então. Em seguida, ganhou o título paulista de 1943, quando ainda era desacreditado. Diziam, os adversários, que era mais fácil uma moeda cair de pé do que o São Paulo ganhar um título paulista.

Melhor ainda: a moeda continuou caindo de pé, pois o São Paulo ganhou mais quatro títulos até o final da década. E só não levou o quinto por causa de um juiz inglês de nome Mr. Bradley, que ficou mais conhecido como Signore Bradelli.

Foi nos anos 40 também que os dirigentes começaram a discutir com mais firmeza a possibilidade da construção do grande estádio. Uma parte era a favor, outra, contra.

O São Paulo ganhou nos anos 40 os títulos paulistas de 43, 45, 46, 48 e 49.

O MAIS QUERIDO

O cognome “O Mais Querido” foi criado (e “implantado”) há 60 anos.

Tudo começou no dia 27 de abril de 1940, durante a inauguração oficial do Pacaembu.

Um dos presentes era o então chefe do governo federal, Getúlio Vargas – que, naquela fase, havia mandado incinerar em praça pública, em nome da unidade nacional, as bandeiras representativas dos estados.

Durante o desfile de clubes desportivos da Capital, a entrada de um deles, o São Paulo, mudou o clima da festa.

A ovação foi inigualável, fantástica, espetacular.

Getúlio Vargas virou-se para o interventor Adhemar de Barros e perguntou:

— Pelo jeito este é o clube mais querido da cidade, não?

Adhemar respondeu:

— Sem dúvida, presidente.

Os atletas do Tricolor envergavam as cores do pavilhão paulista, dando ensejo àquela manifestação de fundo patriótico.

São Paulo, através do São Paulo, não concordava com o Estado Novo imposto por Getúlio e seus pares.

No dia seguinte, a Gazeta Esportiva saía com esta manchete, criada pelo influente jornalista Thomaz Mazzoni: “O Clube Mais Querido da Cidade”.

Algum tempo depois, como se fosse para confirmar, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) instituiu um concurso para saber qual era o clube mais querido da cidade.

O São Paulo ganhou de goleada: 5.523 votos, contra 2.671 do segundo colocado (Corinthians) e 2.593 do terceiro (Palestra Itália).



O TÍTULO DE 43

Foi o ano em que “a moeda caiu de pé”.

Palmeirenses e corinthianos, que dividiam praticamente todos os títulos estaduais, diziam, jogando uma moeda para o ar: “Se der cara ganha o Corinthians, se der coroa ganha o Palmeiras (ou vice-versa). O São Paulo só ganhará se a moeda cair de pé.”

Pois caiu e continua caindo até hoje, pois o São Paulo é o recordista de títulos paulistas a partir de 1930, quando foi fundado.

O time-base de 1943, o primeiro a ser aclamado como “Esquadrão” de Aço, era este: King, Piolin e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal.

Esse título foi ganho num heróico empate de 0 x 0 com o Palmeiras, jogo no qual Sastre levou uma entrada dura de

Junqueira aos seis minutos e mal pôde andar em campo nos 84 minutos restantes. Se o Palmeiras vencesse, terminaria o campeonato com o mesmo número de pontos do São Paulo.

O jogo foi realizado no Pacaembu, perante 50.143 espectadores.



O TÍTULO DE 45

O título paulista de 1945 foi calmo e tranquilo. De ponta a ponta, enterrando definitivamente a idéia de que os bichos-papões do Estado eram Corinthians e Palmeiras.

O São Paulo terminou o campeonato cinco pontos à frente do segundo colocado, o Corinthians. Ganhou a taça na penúltima rodada, com um 3 a 2 sobre o Ipiranga. Atuou nessa partida com Gijo, Piolin e Renganeschi; Bauer, Zarzur e Ruy; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira.

Este campeonato foi o ocaso de Zezé Procópio, um dos grandes craques da época, bem como de Zarzur e Virgílio. Foi ao mesmo tempo o desabrochar de Bauer, José Carlos Bauer, um jogador que tem destaque especial na história do São Paulo. Para se ter uma idéia da grandeza de Bauer, basta citar que ele foi considerado o melhor jogador do Campeonato Mundial de 1950, ganhando,

por isto, o apelido de “Monstro do Maracanã”. Ainda pela Seleção Brasileira, foi campeão pan-americano no México em 1952 e capitão do ‘scratch’ na Copa do Mundo de 1954.

Outro jogador importante em 45, este geralmente esquecido nas citações, foi o ponta-direita paraguaio Barrios, que atuou na maioria das partidas do campeonato, mas não saiu na foto oficial do campeão porque não jogou a final.



O TÍTULO DE 46

O São Paulo dependia só de si para ser o campeão (bicampeão) paulista de 1946. Teria de vencer o Palmeiras na última rodada. Se empatasse, terminaria a competição com o mesmo número de pontos do Corinthians, se este vencesse o jogo fácil que faria contra um time pequeno.

O Palmeiras já estava fora da disputa, mas endureceu o jogo o quanto pôde. Defendeu-se até na violência, no anti-futebol, o que acabou gerando uma verdadeira “batalha campal” – depois da qual quatro jogadores foram expulsos, dois do Palmeiras, Og Moreira e Viladôniga, e dois do São Paulo, Remo e Luizinho. Este último tinha uma cicatriz no rosto que explicava ter sido proveniente de um chute de Oberdan, no tumulto daquele jogo.

Aos 38 minutos do segundo tempo, Bauer foi cruzar uma bola e ela tomou o rumo do gol. Oberdan, o goleiro, que já havia dado

dois passos à frente, conseguiu voltar atirando-se para trás. Pressou a bola entre sua mão e a trave. Ela caiu mansa, quicando ali junto à risca.

O zagueiro Renganeschi apenas fazia número, acometido que fora por uma distensão muscular.

Num esforço supremo, ele arrancou inesperadamente e, empurado pela torcida dos jogadores e do público, conseguiu chegar até a bola e tocá-la para o gol.

O gol do bicampeonato de 1945/46, do título invicto.

O São Paulo atuou nessa partida com Gijo, Piolin e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira.



O TÍTULO DE 48

O time continuava sendo chamado de “Esquadrão de Aço”, mas com novos figurantes, entre eles Mário, Savério, China, Ponce de León e o zagueiro-central Mauro Ramos de Oliveira, outro jogador que tem destaque especial na história do São Paulo.

Este campeonato marcou também o aparecimento da linha média Bauer, Rui e Noronha no lugar de Rui, Bauer e Noronha. O promotor dessa troca foi o técnico Vicente Feola, que, num “toque” mágico, inverteu as posições de Rui e Bauer, ganhando naquele um centro-médio fora de série, e neste, o maior alfo-direito do Brasil.

O time que confirmou o título com vitória de 4 a 2 sobre o Nacional, dia 18/12, foi Mário, Savério e Mauro; Bauer, Ruy e Noronha; China, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira. Os gols tricolores: Ponce de Leon (2), Remo e Leônidas.



O TÍTULO DE 49

O destaque deste título foi o ponta-direita Friaça, artilheiro do campeonato com 24 gols, que o ajudaram a ser o segundo maior artilheiro por média da história do São Paulo (0,727 gol por jogo).

Em 49, o ponta foi responsável por quase 35% do ataque que ficou conhecido como “Vanguarda dos 70 gols”, com média, arrasadora, de 3,2 gols por jogo.

O título de 49 foi matematicamente confirmado na antepenúltima rodada, com um 3 a 1 no Santos, mas foi ganho quatro rodadas antes, com um emocionante 4 a 2 no Palmeiras.

Naquela ocasião, o líder São Paulo estava caindo de produção e o vice-líder Palmeiras estava crescendo. Se vencesse o Palmeiras, as posições seriam invertidas.

O São Paulo fez 3 a 0, (gols de Ponce de Leon, Remo e Friaça)

o Palmeiras marcou dois, ameaçou, pressionou, mas, faltando 30 segundos, Remo marcou o quarto gol tricolor. A manchete do dia seguinte do jornal “O Esporte” foi esta: “Triunfo Consagrador”.

O time-base dessa conquista foi Mário, Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Friaça, Ponce de Leon, Leônidas, Remo e Teixeira.



LEÔNIDAS DA SILVA

Foi o melhor jogador do mundo dos anos 30/40. Participou das Copas do Mundo de 34 e 38 com sucesso, tendo sido o artilheiro desta última com sete gols. Sua contratação, em 1942, pode ser considerada o ponto central da consolidação do São Paulo como time grande. Antes dela, corinthianos e palmeirenses consideravam que o espaço para a conquista de títulos era só deles. Depois de Leônidas, perceberam que não era bem assim...

Leônidas estava em baixa no Flamengo. Tinha uma contusão que parte da imprensa dizia ser crônica. Mesmo assim, o São Paulo apostou nele, comprando o seu passe por 200 contos de réis, na maior transação do futebol sul-americano até então.

O cantor de emboladas nordestinas Manezinho Araújo teve papel fundamental na transação. Ele era amigo do craque e também de Paulo Machado de Carvalho, diretor do São Paulo e dono da

Rádio Record. Numa das suas vindas a São Paulo para atuar na rádio, ele levantou o assunto com o dr. Paulo, que se entusiasmou com a possibilidade. Estava dado o passo inicial rumo à grande contratação.

Os adversários do São Paulo provocavam, dizendo que o clube tinha gasto uma fortuna para comprar um “bonde”. Erraram. Já no primeiro jogo de Leônidas com a camisa tricolor, a presença no Pacaembu do público recorde (até hoje) superior a 72.000 pessoas provou que, financeiramente, o São Paulo também havia acertado.

Encorpada e barulhenta, a velha locomotiva puxava mais uma composição que chegava à Estação do Norte. Lenta e ainda distante de sua parada, foi avistada pela multidão que aguardava na beira da linha.

Ouviram-se gritos, aplausos. Dizia-se que os robustos vagões que se aproximavam escondiam uma jóia. Ele estava cada vez mais perto. Os que gritavam vendo o trem chegar aplaudiam ainda mais forte.

Em um instante, não viam mais os trilhos a seus pés – eles já haviam sido engolidos pela máquina cansada, que agora fazia chiar seus freios e matar de curiosidade quem assistia àquele disputado desembarque em 1942.

As portas abriram.

Queixos caídos e olhos bem abertos. Sílvio Caldas, que enxugava lágrimas com o refrão amargo de “Chão de Estrelas”, saltou de um vagão, quase despercebido.

Na outra ponta do trem, um tumulto.

Carregado nos ombros, um rapaz com pele de ébano e um finíssimo bigode afastou-se do trem e levou com ele toda aquela multidão, que seguiu pela rua, em fila.

Eles erguiam aquele homem em seus braços como se quisessem deixá-lo mais perto do céu.

Uma mulher perguntou o que era aquilo.

A outra respondeu:

“Acho que é a procissão de São Benedito.”

Mas o santo que aqueles fiéis carregavam nos braços era de carne e osso. Um diamante negro do mais precioso quilate, Leônidas da Silva.

A contratação de Leônidas da Silva e sua emocionada recepção na estação de trem do Norte estavam em todos os jornais no dia seguinte. Não era para menos: o “Diamante Negro” não era um simples reforço. Pai da bicicleta e artilheiro da Copa do Mundo de 1938, o fabuloso atacante era uma lenda viva.

O tenente da então Força Pública (hoje Polícia Militar) Porfírio

da Paz fez questão de mostrar que acreditava nesta lenda. Foi um dos dirigentes que caminharam até a estação para dar as boas-vindas a Leônidas.

Quando o trem parou, ele não se conteve: ergueu o craque e o colocou nos ombros. Empolgado, participou da “procissão” da estação até a Rua Dom José de Barros, antiga sede do clube.

No outro dia, o tenente folheava os jornais para saber da repercussão daquela grande festa. Deu de cara com uma foto sua carregando Leônidas. Pouco depois, veio o recado: seu superior, o general Maurício Cardoso, não havia gostado de ver um oficial participando de uma festa daquelas.

Apesar disso, não houve punição.

O comando da Força Pública sabia que o coração do tenente era irremediavelmente tricolor.

Certa feita, depois de uma grande vitória do São Paulo sobre o Palmeiras, Leônidas estava indo pela Rua Direita, em companhia do amigo Raul Leite, aos estúdios da Rádio Record (Direita com Quintino Bocaiúva) para falar com o dr. Paulo Machado de Carvalho.

Num determinado trecho daquela rua, um cidadão bem vestido aproximou-se de Leônidas e falou:

— Fiquei maravilhado com sua atuação contra o Palmeiras. Não sei qual o prêmio que lhe deram, mas de minha parte, está aqui, um conto de réis. Você merece!

Leônidas agradeceu, sorriu, enfiou o dinheiro no bolso e comentou com Raul Leite:

— Vamos ficar mais um pouco por aqui. Quem sabe aparece outro são-paulino como esse...

A partir de 1942, quando Leônidas foi contratado, sua popularidade na capital paulista foi crescendo de maneira impressionante, com o passar do tempo.

Homem inteligente, ele sabia que era preciso ser simpático com os fãs.

Certo dia, quando caminhava pelo centrô da cidade, na rua José Bonifácio, um cidadão se aproximou e disse:

— A bênção, “seu” Leônidas - pedindo-lhe a mão para beijar. Leônidas sorriu, levantou a mão direita, mas não para ser beijada:

— Beijar não. Estendo a mão para cumprimentá-lo.

O homem não aceitou:

— Isso não. Quem sou eu para pegar na mão de um homem santo como o senhor, que vive salvando nosso time com seus gols.

Percebendo que o torcedor não mudava de intenção, Leônidas cedeu, com esta conclusão:

— OK, então eu te abençôo. Vai com Deus, meu filho.

Uma coincidência interessante liga a vida futebolística de Leônidas no São Paulo com o Corinthians.

Sua primeira partida com a camisa tricolor foi contra o time do Parque São Jorge em 24 de maio de 1942, quando foi quebrado o recorde de público no Pacaembu. O resultado deste jogo foi 3 X 3.

Sua última partida pelo Campeonato Paulista foi realizada no dia 11 de dezembro de 1949, quando o Tricolor venceu o Alvi-Negro da Marginal por 3 X 2, tendo ele marcado um gol.

Dos 16 São Paulo x Corinthians do período em que Leônidas jogou pelo Tricolor, ele participou de 15, vencendo 10, empatando 3 e perdendo somente 2 vezes. Marcou 7 gols.

Leônidas sempre levou vantagem contra o Corinthians.

A última vez em que compareceu a um jogo de futebol, em 1991, foi na vitória tricolor por 3 X 0 sobre o mesmo adversário, com três gols de Raí.

Antes da final do Campeonato Paulista de 1991, o São Paulo, por sugestão do conselheiro José Acras, homenageou os ex-craques do “Esquadrão de Aço” dos anos 40 Luizinho e Leônidas.

Acompanhados pelo então diretor-adjunto de Marketing Bastos Neto, encarregado da cerimônia de homenagem, Luizinho e Leônidas foram recebidos nos vestiários, conversaram com Telê Santana e ficaram vendo o aquecimento dos jogadores.

Vinte minutos depois, Leônidas não se conteve e perguntou a Telê:

— Mas por que eles estão fazendo tantos exercícios agora?

— Estão se aquecendo.

A que Leônidas emendou:

— Se eu fizesse tudo isso antes do jogo, não conseguiria entrar em campo...

Os dois foram então para o campo, onde dariam o pontapé inicial, cerimônia já acertada com a Federação.

O juiz, Ulisses Tavares da Silva Filho, já demonstrando sua “imparcialidade”, quis atrapalhar:

— Pontapé inicial não existe nas regras do futebol.

Bastos Neto, então, sugeriu que ele não precisaria apitar. Apenas afastar-se um pouco para que Leônidas passasse a bola para Luizinho com as equipes já formadas em campo.

Ulisses jogou a bola no chão, deseducadamente, e bradou:

— Faça o que você quiser.

Leônidas, então, passou a bola para Luizinho.

Depois, os dois foram para as tribunas, assistir ao jogo.

Ao ver o lance do pênalti não marcado contra o Corinthians, saiu-se com esta:

— Como o futebol mudou. No meu tempo, isso era pênalti...

O último gol de bicicleta de Leônidas aconteceu em 07/07/49, na vitória de 7 X 2 contra o Comercial da Capital.

O seu mais famoso gol de bicicleta, fotografado pela Gazeta Esportiva, foi contra o Juventus, 8 X 0, dia 13/11/48.

Quando encerrou sua carreira, Leônidas tentou ser técnico do São Paulo. Não deu certo, como acontece com quase todos os ex-grandes jogadores, talvez por exigirem que seus pupilos façam o que eles próprios faziam. Não se consideravam gênios, ao contrário dos “mortais”.

Mas Leônidas tentou, em 1951, numa excursão à Europa, dirigindo o combinado São Paulo-Bangu. Até jogou uma partida nessa excursão, mas só uma.

Logo percebeu que não dava para técnico. Aceitou, então, o convite do dr. Paulo Machado de Carvalho e abraçou a profissão de comentarista de futebol, primeiro na TV Record e depois na Rádio Jovem Pan, então Rádio Pan-Americana.

Foi o precursor dos comentaristas ex-jogadores, hoje tão em voga, como Gérson, Rivelino, Falcão, Casagrande, Raul Plassman, Mário Sérgio e que tais.



LUIZINHO

(LUIZ MESQUITA)

Luizinho, ponta-direita do Esquadrão de “Aço dos anos 40”, foi um dos remanescentes do Paulistano. Jogou, portanto, no São Paulo da Floresta, transferiu-se depois para o Palestra Itália e voltou ao São Paulo depois da fusão com os Estudantes para se consagrar. Foi o quarto maior artilheiro da história do São Paulo, com 145 gols, e também o quarto artilheiro por média, 0,656 gol por jogo.

O advogado Luiz Mesquita de Oliveira foi conselheiro do São Paulo depois que pendurou as chuteiras.

Todos sempre ficavam admirados de ver os continuados gols de

cabeça de Luizinho, por um motivo óbvio: sua pequena estatura. Um dia, ainda no Canindé, um jornalista esportivo perguntou a Luizinho qual era o segredo. Obteve a seguinte resposta:

— Jamais contei esse segredo, mas como você soube observar bem esse detalhe, vou lhe dizer. Eu era estudante, duro, sem dinheiro, e o técnico do time do Estudantes era o argentino Ramon Platero. Ele sabia das coisas e me perguntou se gostaria de me tornar um grande cabeceador e ainda ganhar dinheiro. Topei, claro.

— Qual foi a proposta dele?

— Que eu deveria treinar muito um certo tipo de jogada.

— Que treinamento era esse?

— O Platero pendurava, cada dia num lugar do gol, uma bandeja e pedia que o ponta-esquerda cruzasse uma bola a meia altura.

— E daí?

— Eu tinha de me antecipar ao marcador e cabecear a bola na bandeja. Cada vez que eu conseguia acertar a bandeja ganhava dez réis.

Quando a 2ª Guerra Mundial estava no auge, em 1942, o poderio bélico das forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) disseminou pelo mundo um serviço de espionagem que no Brasil levou o nome “Quinta Coluna”.

Como o País se alinhava com os Aliados, quem quisesse acu-

sar alguém de traidor o chamava de “Quinta Coluna”.

Obviamente, os descendentes de alemães, italianos e japoneses foram os mais visados. Em determinado momento, Getúlio Vargas, chefe do governo, baixou um decreto-lei determinando que todos os clubes com denominação estrangeira deveriam trocá-la.

O Palestra Itália virou primeiro Palestra de São Paulo. Mas como o nome ficou parecido com o do archi-inimigo São Paulo F.C. – que os palestrinos consideravam mentor daquela medida obrigando a troca de nome – houve uma nova troca para Palmeiras, por causa da cor verde e para aproveitar o P do distintivo do Palestra Itália.

Nesta altura, o Campeonato Paulista de 1942 entrava na sua fase mais importante, e dois times emergiam como favoritos ao título: São Paulo e Palestra Itália, ou Palestra de São Paulo ou Palmeiras.

Eles iriam se enfrentar dia 20 de setembro, no Pacaembu. O jogo, logicamente, refletia todo esse clima. Seria, além do mais, o primeiro do Palestra Itália com o novo nome.

O juiz indicado, Jaime Rodrigues, não era o ideal para uma partida de tal monta, dada à sua inexperiência.

O Palmeiras entrou em campo com uma enorme bandeira do Brasil e tendo à frente o então capitão do Exército Adalberto Mendes, palestrino convicto, para dar maior brasilidade ao clube.

Cláudio abriu a contagem para o Palmeiras aos 19 minutos. Valdemar de Brito empatou aos 23. Virgílio, zagueiro tricolor, marcou contra no final do primeiro tempo.

No início da etapa final, o árbitro deixou de marcar um pênalti

claríssimo em cima de Leônidas. Os são-paulinos reclamaram à toda.

Aos 14 minutos, Etcheverria fez Palmeiras 3 a 1.

Aos 19, Virgílio cometeu pênalti em cima de Og Moreira, e este o juiz assinalou.

O São Paulo não se conformou. Devido às reclamações, o árbitro expulsou Virgílio. O capitão Luizinho, depois de xingar muito o juiz, retirou o São Paulo de campo.

Depois do jogo, o ponta-direita são-paulino explicou a razão de tal atitude:

— Eu já sabia que o jogo seria difícil, por causa dos seus envolvimento. Por isto mesmo, combinei com o árbitro que o resultado ideal seria o empate. Pelo jeito, ele não iria cumprir a palavra.



MAURO RAMOS DE OLIVEIRA

O zagueiro-central Mauro atuou no São Paulo entre 1948 e 1960 e foi o jogador mais novo do clube a ser convocado para a Seleção Brasileira, em 1948, aos 18 anos.

Era um jogador espetacular, que unia a técnica e a raça à elegância. Por causa desta última, ganhou, nos anos 50, o apelido de Marta Rocha, a Miss Brasil que comoveu o País em 1954. Ela era, obviamente, elegantíssima.

Quando Mauro fez seu primeiro treino no São Paulo, em fevereiro de 48, o então zagueiro-central titular Renganeschi virou-se para o técnico Vicente Feola e disse:

— Já vi que vou ter de começar a arrumar minhas malas, pois logo perderei a posição.

Em dezembro daquele ano, Renganeschi foi mesmo embora, para se tornar logo depois um treinador de sucesso, cujo primeiro título foi o

de campeão do Interior de 1951 com o XV de Jaú.

Mauro foi bicampeão mundial pela Seleção Brasileira em 1958 e 1962. Na primeira Copa ainda jogava pelo Tricolor. Na segunda, atuava no Santos.

Formou, com De Sordi, também campeão mundial em 58, uma das mais famosas duplas de zaga do futebol paulista e brasileiro.



JORECA

(JORGE GOMES DE LIMA)

Jorge Gomes de Lima, conhecido como Joreca, português de nascimento, fazia um pouco de tudo.

Foi jornalista, árbitro, comentarista de rádio, funcionário da Federação e técnico de futebol.

Joreca apitou o jogo de estréia do Leônidas, em 1942.

O Tricolor havia iniciado mal o campeonato de 1943 e o Dr. Décio Pedroso, então presidente, contratou Joreca, que estreou como técnico na vitória contra a Portuguesa Santista por 6 X 1.

Deste dia em diante, só alegria, até conquistarmos o título da “Moeda de Pé”.

Joreca transformou-se em técnico porque falava bem e “com propriedade”. Foi, mal comparando, o precursor de situações como as de João Saldanha e Mário Sérgio, entre outros.

O jornalista Saldanha, por falar bem e “com propriedade”, foi

técnico da Seleção Brasileira. Mário Sérgio treinou o Corinthians e o São Paulo depois que virou jornalista, carreira que abraçou depois que deixou de jogar futebol.



VICENTE FEOLA

D

Vicente Feola foi uma espécie de "faz-tudo" no São Paulo. Além de técnico, jornalista, escritor, produtor de programas de rádio e de televisão, ele também foi jogador de futebol. Foi o primeiro técnico brasileiro a trabalhar no exterior, na Argentina, onde treinou o Boca Juniors e o River Plate. Foi também o primeiro técnico brasileiro a trabalhar no Brasil, onde treinou o São Paulo e o Corinthians. Foi o primeiro técnico brasileiro a trabalhar no exterior, na Argentina, onde treinou o Boca Juniors e o River Plate. Foi também o primeiro técnico brasileiro a trabalhar no Brasil, onde treinou o São Paulo e o Corinthians.

VICENTE FEOLA

Desde 1937, quando chegou, até 1976, quando faleceu, Vicente Feola foi uma espécie de “faz-tudo” no São Paulo: administrador, técnico do time principal e das divisões de base, negociador de jogador, vendedor de cadeira cativa, historiador. Tudo, enfim.

Foi ele quem convenceu o dr. Paulo Machado de Carvalho a trazer Sastre da Argentina. Foi ele quem descobriu craques do quilate de Mauro e Bauer, só para falar de dois. Foi ele também que, com muitas viagens para o Rio e muito tato, abriu o caminho para a vinda de Zizinho, só para falar de um.

Feola elevou o nome do São Paulo também na Seleção Brasileira. Foi ele o técnico do Brasil na Copa do Mundo da Suécia, em 1958, quando o País conquistou seu primeiro título mundial de futebol.

Aliás, o comando-base daquela Seleção saiu do São Paulo – clube-origem do “Marechal da Vitória” Paulo Machado de Carvalho, de um dos autores do Plano de Ação, Paulo Planet Buarque, e do psicólogo João Carvalhaes, além de Feola.



ROBERTO GOMES PEDROZA

Roberto Gomes Pedroza foi goleiro do São Paulo nos anos 30, presidente do clube na década de 40 e presidente da Federação Paulista de Futebol de 48 a 54, quando faleceu.

No comando da Federação, certo dia ele resolveu enfrentar a ácida imprensa esportiva e defender Vicente Feola das críticas que o técnico da Seleção Paulista vinha recebendo por causa de uma convocação.

Pedroza desafiou 12 jornalistas para, naquele momento, apresentar cada um a sua lista de convocados. E provocou:

— Se duas, só duas forem iguais, eu perco a aposta.

Pois nenhuma bateu.

E Feola pôde trabalhar em paz.



PEQUENAS HISTÓRIAS DOS ANOS 40

—□— TIMAÇO DE ASPIRANTES —□—

Em meados da década de 40, os são-paulinos nunca iam ao campo para vibrar com um jogo só, mas com dois.

O time principal se consagrou como campeão paulista em 43, 45/46 e 48/49, sendo batizado de “Rolo Compressor”.

Mas se o clube tinha um “esquadrão de aço” na categoria de cima, não deixava por menos nas divisões básicas: seus aspirantes conquistaram um notável pentacampeonato (43/44/45/46/47) e também eram conhecidos pelo mesmo imponente (e merecido!) apelido.

Entre as proezas dos dois esquadrões estão inesquecíveis goleadas. No dia em que o time principal impôs um elástico 9 a 1 no Santos, o de aspirantes massacrou o mesmo Santos por 14 a 0. As

sequências de vitórias também eram marcantes. Os aspirantes conseguiram até um título invicto, em 1943.

Estes grandes times, sem dúvida, foram responsáveis pelo erguimento do nome do São Paulo em um período lembrado como início de sua estabilização como grande clube.

Talvez seja por isso que os são-paulinos da época ainda lembram, saudosos, dos “rolos compressores” que atropelavam os adversários na década de 40.

Segundo eles, quando um deles entrava em campo desconhecia-se apenas o placar. A vitória, diziam, era certa.

—□— CAMPEÃO INVICTO DE 43 —□—

A base do segundo time campeão paulista invicto de 1943 foi Caxambu (Doutor), Savério e Alfredo; Záclis, Hélio II e Hélio I; Nuno, Yeso, Antoninho, Américo e Leopoldo. Depois foram entrando Faganello, Armando, Teixeira, Bauer, Jacó, Azambuja, Gaeta e outros ótimos jogadores.

Um deles, Yeso Amalfi, foi um dos primeiros brasileiros a jogar na Europa. Transferiu-se para o Principado de Mônaco, onde virou “rei” não só pelo seu futebol mas também por sua vocação boêmia, seu gênio agradável, sua inteligência.

Tornou-se amigo íntimo do Príncipe Rainier, com quem participou de muitas noitadas pouco esportivas antes do casamento real com a atriz norte-americana Grace Kelly.

—□— COISAS DO DESTINO —□—

Outro ótimo jogador dos aspirantes, o lateral-esquerdo Jacó, foi levado pelo destino a ser um eterno reserva. Mas como ser reserva do São Paulo é, até hoje, melhor do que ser titular de muitos grandes times, é de se questionar se o destino foi ruim ou bom com Jacó até 1950.

Já no segundo semestre daquele ano, a Portuguesa se interessou pelo nosso lateral-esquerdo reserva, que pediu para ser vendido, porque Noronha jogava todas e era um dos nomes fortes do time principal.

O São Paulo concordou. Jacó finalmente seria titular, na Lusa.

Mas no final daquele mesmo ano, a perda do tricampeonato paulista precipitou o desmanche do “Esquadrão de Aço”. Poucos ficaram.

Noronha estava entre os que foram embora.

Sabem para onde?

Para a Portuguesa! – cujo lateral-esquerdo reserva, 60 dias depois, chamava-se Jacó.

—□— DOUTOR GOLEIRO —□—

O goleiro Doutor também era um dos destaques dos aspirantes do São Paulo, pelo fato, incomum no meio até hoje, de ser estu-

dante de medicina na época em que o São Paulo foi buscá-lo no Rio, em 1943.

Mas Doutor era paulista, e de família tradicional no Estado. Seu nome completo: Pedro Otávio de Camargo Penteado.

O apelido nasceu como um sinal de respeito à profissão de médico, que logo depois ele abraçaria.

Outro jogador-estudante de família ilustre daquela época era o ponta-direita Luizinho, do time principal. Luiz Mesquita de Oliveira estudou Direito e se formou advogado.

—□— 9 A 1 NO SANTOS —□—

Uma vitória é uma beleza .

Uma goleada é uma delícia, e se for contra um grande adversário, é o êxtase total.

No Campeonato de 1944, dia 18 de junho, o São Paulo enfrentou o Santos, no Pacaembu.

A temperatura estava baixa, 14° C, o tempo nublado. Mesmo assim, o estádio recebeu mais de 30.000 torcedores.

O campeão paulista do ano anterior começava a se impor como grande clube. Sua torcida já crescia com mais velocidade.

O Santos vinha de um bom empate contra o Corinthians: 1 x 1.

Leônidas não jogaria.

Soler abre a contagem para o Peixe, aos 13 minutos do primeiro tempo.

Inspirado pela vitória na preliminar contra o mesmo adversário por 14 x 0 e pelo apoio da torcida, o São Paulo vai à frente.

Aos 27 minutos, Pardal empata.

Aos 38, Pardal marca novamente e vira o jogo.

O primeiro tempo termina 3 x 1, terceiro gol, de Remo, aos 42 minutos.

No segundo tempo:

Tim aos 3.

Luizinho aos 11.

Tim aos 19.

Luizinho aos 28.

Sastre aos 37.

Remo aos 42.

Final 9 x 1, alegria total no estádio.

Uma espinha na garganta do Peixe.

—□— 12 A 1 NO JABAQUARA —□—

Outra goleada histórica imposta pelo São Paulo naquela fase foi a de 12 a 1 no Jabaquara, a goleada-recorde do Campeonato Paulista depois da criação da Federação.

Foram quatro gols de Leônidas, quatro de Remo, três de Teixeira e um de Barrios.

O São Paulo atuou naquela partida histórica com Gijo, Piolin e

Virgílio; Bauer, Rui e Noronha; Barrios, Sastre, Leonidas, Remo e Teixeira. *Teixeirinha*.

Esse jogo foi realizado no Pacaembu no dia 14/07/45.

—□— SIGNORE BRADELLI —□—

Esta história aconteceu em 1951 mas faz parte da década de 40, pois deu início ao desmanche do “Esquadrão de Aço”, que ganhou cinco campeonatos paulistas em sete anos.

O Paulista de 1950 só terminaria no começo do ano seguinte, sob a ameaça das tradicionais chuvas torrenciais dos verões paulistanos. O São Paulo precisava vencer o Palmeiras na finalíssima, dia 28 de janeiro, para ser tricampeão. O empate daria o título ao adversário.

Chovia muito.

Bola rolando e o São Paulo, logo aos três minutos, abriu o marcador por intermédio do ponta-esquerda Teixeira.

O Palmeiras ficou assustado o primeiro tempo inteiro. No segundo, partiu com tudo para a ofensiva, já no meio de um lamaçal provocado pelo temporal. O centroavante palmeirense Aquiles, aproveitando-se que a bola havia parado numa poça d’água, empatou o jogo, sendo este o resultado final.

Mas o resultado seria diferente se o árbitro, Mr. Bradley, não tivesse anulado um gol legítimo de Teixeira, que imediatamente o interpelou, aos gritos:

— O gol foi ilegal.

Mr. Bradley indicava o meio de campo.

Teixerinha não se conformava. Noronha interveio.

— Não adianta, esse “F da P” não entende português.

A imprensa chamou aquele clássico de “Jogo da Lama”, não se sabendo ao certo se a preferência era ao gramado ou à arbitragem.

Alguns dias depois, os jornais mostraram uma foto de Mr. Bradley dançando carnaval no Palmeiras - o que confirmou o acertado apelido que lhe aviam dado após a anulação do gol de Teixerinha: Signore Bradelli.

—□— O JUIZ IMPARCIAL —□—

João Etzel, um dos mais importantes árbitros do futebol das décadas de 40 e 50, era conhecido por sua capacidade de intervir nos resultados das partidas.

Todos confiavam nele.

Todos desconfiavam dele.

A situação chegou a tal ponto que um dia, véspera de um jogo contra o Corinthians, dr. Paulo Machado de Carvalho telefonou ao presidente do adversário, Alfredo Inácio Trindade, e com ele travou este diálogo:

— Trindade, ouvi dizer que você já acertou com o Etzel.

— Eu é que ouvi dizer que você já arranjou tudo.

— Não é verdade, estou lhe dizendo.

— Será?

— Olhe, tenho uma idéia. Veja se você concorda.

— Qual é a idéia?

— Ao invés de ficarmos gastando muito dinheiro sem saber o que poderá acontecer, que tal nós dois irmos falar com ele?

— Tá certo. Aí poderemos ter a situação sob controle.

E lá foram os dois falar com o João Etzel.

No dia seguinte, o dr. Paulo explicou aos companheiros da diretoria:

— O Trindade, eu e Etzel fizemos um acordo ontem para que ele tivesse uma arbitragem imparcial no nosso próximo encontro - iniciou, para concluir:

— Cada um lhe deu um conto de réis, como presente de Ano Novo.

O jogo foi realizado no dia 04/01/48, valendo pelo Campeonato de 1947. O São Paulo nem deu muita importância à escalação de seu time, confiante na imparcialidade do árbitro, tanto que entrou com o ataque reserva: Ferrari, Neca, Antoninho, Ieso e Leopoldo.

Não deu outra.

O jogo terminou 1 x 1.

—□— O BODE AUGUSTO —□—

O bode se chamava Augusto e chegou ao Canindé em 1948.

Mais ou menos um ano depois, uma parte do clube estava sendo ajardinada, com plantação de pés de eucalipto.

Augusto era vidrado em mudas de eucalipto e... devorou todas elas.

Os sócios queriam que o ajardinamento continuasse, mas o apetite de Augusto provocou uma cisão: uma parte achava que, para o trabalho prosseguir, o bode teria de ser expulso do Canindé; outra parte achava que ele poderia ficar.

A polêmica chegou a tal ponto que gerou duas alas políticas no quadro associativo – uma adepta do “Tira o Bode” e a outra, do “Fica o Bode”.

Após exaustivos debates, chegou-se à conclusão de que o problema só poderia ser resolvido por votação, na base do “Você Decide”.

A turma do “Fica o Bode” ganhou estourado.

O prestígio de Augusto, claro, subiu às alturas, para o desespero dos jardineiros. Se bode comum já não gosta muito de respeitar decisões dos outros animais, imaginem bode mimado...

Pois assim, Augusto foi adquirindo outros hábitos extravagantes, entre eles o de gostar de cigarros.

Mas não para fumar, como outros animais, e sim para comer. Sem pedir, diga-se. Era só passar por perto do bode com cigarros no bolso e tomar um “bote”. Ao sentir o cheiro, Augusto simplesmente enfiava o focinho no bolso dos distraídos.

Nos treinos aos quais às vezes assistia, Augusto abria uma cla-

reira nas arquibancadas quando resolvia dar o “bote”.

Quando ele saía do Canindé para dar umas voltas e não retornava “na hora certa”, um time de funcionários, “o time da perua”, comandado pelo motorista Ambrósio, saía para buscá-lo. Sempre, por ordem da diretoria.

Mas, um dia, a escapadela foi fatal. Augusto foi morto por uma matilha. Nesta época, é bom que se frise, o Canindé já era da Portuguesa – e o São Paulo ainda estudava como ia acomodar todas as suas coisas, entre elas, Augusto.

—□— TORNEIO INÍCIO —□—

Em 1949, o XV de Piracicaba foi campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista porque, dizem, vestiu a gloriosa camisa do São Paulo num jogo.

Esse torneio, muito badalado até o final dos anos 50, era uma espécie de “lançamento” do campeonato. Os times se enfrentavam num só dia, num só estádio, geralmente cheio (no começo), em jogos eliminatórios de 10 x 10 minutos. Valiam gols e, para desempate, escanteios. Se a igualdade permanecesse, a disputa ia para os pênaltis.

O evento de 49 foi no Pacaembu.

Após várias eliminatórias, o São Paulo chegou à final e ficou esperando o vencedor da outra semifinal, entre XV e Ypiranga, times de uniformes semelhantes. O XV, ascendido naquele ano à

Primeira Divisão, não trouxera as camisas reservas e tomou emprestadas as do São Paulo.

Foi recebido sob aplauso pelos torcedores são-paulinos (os únicos de times grandes ainda no estádio) e incentivado a ganhar do Ypiranga. Ganhou indo para a final. Na finalíssima, pasmem, ganhou do São Paulo também.

A “massa” são-paulina não saiu tão triste do Pacaembu. Afinal, nosso uniforme teve seu quinhão na conquista.

Pode-se dizer, assim, que Ari, Elias, Idiarte, Cardoso, Armando, Adolfinho, De Maria, Sato, Picolino, Gatão e Rebeca vestiram, sim, a camisa do SPFC por gloriosos 20 minutos.

—□— ESTÁDIO: PRÓS E CONTRAS —□—

No final dos anos 40, tomou vulto no São Paulo o movimento pró-construção de um grande estádio. Conselheiros e torcedores importantes diziam que o São Paulo, então o grande papa-títulos do futebol paulista, também precisava crescer patrimonialmente. Em contrapartida, outros conselheiros e torcedores, igualmente fortes e poderosos, não abraçavam a idéia. Afirmavam que o clube enfrentaria sérios problemas financeiros que se refletiriam no time de futebol. O primeiro grupo era liderado por Cícero Pompeu de Toledo, coadjuvado por José César Dias. O outro era comandado por Paulo Machado de Carvalho, então diretor de Futebol. Foi uma fase de grandes batalhas, sempre internas, que, terminaram

com a vitória do grupo pró-estádio, como todos sabem.

Durante o período das discussões, Paulo Planet Buarque, que trabalhava na Rádio Pan-Americana, cujo dono era o Paulo Machado, numa de suas crônicas, falou a respeito da construção do estádio, apoiando-a integralmente.

Paulo Machado soube e chamou-o à sua sala.

— Planet, escutei dizer que você é favorável à construção do estádio.

— Dr. Paulo, se nós pensarmos bem acho que poderíamos começar a construí-lo devagar e ainda contar com uma grande equipe.

— Planet, você sabe que isto é impossível. Uma coisa ou outra.

— Dr. Paulo, na minha opinião ...

— Planet, nas minhas emissoras a única opinião que vale é a do dono. Você está despedido.

Planet saiu da Pan-Americana e foi para a Bandeirantes, onde se consagrou.

Mas Paulo Machado não era homem de guardar mágoas: anos mais tarde, convidou Planet para a TV Record e ainda o colocou, em 1958, na equipe que planejou os trabalhos que levaram a Seleção Brasileira a ganhar sua primeira Copa do Mundo.

Numa noite, na Suécia, a comissão técnica estava reunida para deliberar sobre vários assuntos, e Planet disse:

— Na minha opinião ...

A que Paulo Machado interveio prontamente:

— Planet, nas comissões que eu faço parte, a única opinião que

vale é a minha ...

Foi tudo aprovado, como o Dr. Paulo queria.

—□— O “SANGUE” DE JÂNIO —□—

Quando o São Paulo decidiu construir o grande estádio, umas das áreas visadas foi a do Parque Ibirapuera, na época bem maior.

O prefeito Armando Arruda Pereira concordou em ceder o local e enviou mensagem nesse sentido à Câmara dos Vereadores.

Daria certo se não fosse um vereador, Jânio Quadros, que mais tarde viria a ser prefeito, governador e presidente da República.

A posição de Jânio, contrastando com a de outros vereadores, principalmente Altimar Ribeiro de Lima, proporcionou cenas de pugilato na casa do Poder Legislativo paulistano.

Uma briga entre os dois vereadores (Jânio e Altimar) proporcionou ao futuro Presidente da República, num óbvio ato de demagogia, esfregar o processo no sangue que saía do seu rosto atingido.

A pretensão, enfim, não deu certo.

O São Paulo foi atrás de outras áreas.

O “sangue” de Jânio Quadros acabou levando o estádio para o Morumbi.

—□— INTIMIDADE —□—

Porfírio da Paz era conhecido por seu amor ao São Paulo e

também por sua devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Sempre que ele ou o São Paulo precisasse de algo especial, Porfírio logo dizia:

— Vou falar com ela, é minha amiga.

Certa vez, Cícero Pompeu de Toledo, aborrecido com aquele tipo de conversa, chamou Porfírio e indagou-lhe:

— Como você pode provar essa sua intimidade com Nossa Senhora Aparecida?

— Cícero, você sabe como eu a chamo?

— Nem imagino! Como?

— Cidinha.

—□— A OPERAÇÃO —□—

China, ponta-direita campeão paulista de 1948, passava por exames médicos com o Dr. Dalzell Freire Gaspar logo após ter sido contratado.

— Você sente-se em condições de jogar? - perguntou o médico.

— Sim.

— Você sofreu alguma contusão grave?

— Não.

— Você foi operado alguma vez?

— Sim.

— De quê?

— Fimose.

—□— O CRIME DO BAILARINO —□—

Ponce de León, ponta-de-lança titular do São Paulo no final da década de 40 e início da de 50, era famoso pelo menos por três motivos: jogava bem, não levava desaforo para casa e era feio, daí o seu apelido carinhoso “Miss América”.

Era boêmio também, além de excelente bailarino, tanto que vivia se exibindo nos famosos táxi-girls da época.

Num desses salões, o Avenida Danças, trabalhava Mírian, sua namorada e parceira favorita.

Certa noite, na concentração, telefonaram para Ponce de León informando que Mírian estava dançando há muito tempo com um só cliente.

Duplamente enciumado, Ponce fugiu da concentração, foi ao Avenida e lá encontrou, ainda dançando, sua companheira e o acompanhante.

Ponce interrompeu a dança do casal, trocou palavras ásperas com o rival, bateu nele, mandou Mírian para casa e voltou à concentração, a fim de se “resguardar” para o próximo jogo



ANOS

50

Foram os anos da consolidação do sonho do grande estádio. A pedra fundamental do Morumbi foi lançada em 1952, o Canindé foi vendido à Portuguesa e o clube ficou anos sem sede. Ou melhor: com a sede em construção.

O time consagrou nesta década jogadores como Poy, De Sordi e Mauro, Dino, Gino, Canhoteiro, o Mágico. E trouxe alguns craques já consagrados, como Negri, Zizinho e o técnico Bella Guttman.

A maior atenção às obras do estádio trouxe, como consequência, uma queda no número de vitórias do time.

Dos Campeonatos Paulistas disputados, ficamos com os de 1953 e 1957. A Pequena Taça do Mundo da Venezuela, ganha em 1955, em Caracas, foi também uma conquista muito festejada.

PEDRA FUNDAMENTAL DO MORUMBI

A pedra fundamental do Morumbi foi solenemente colocada no dia 15 de agosto de 1952. O clube fretou ônibus para o evento, presenciado por dezenas de dirigentes e torcedores. Houve discursos e a bênção do local pelo Monsenhor Bastos.

O bairro era muito distante do centro e totalmente desabitado, embora já contando com arruamento asfaltado.

A confirmação ao projeto proporcionou momentos de orgulho à coletividade são-paulina, mas certamente misturados com doses de desconfiança.

O sonho do grande estádio até ali sempre fora frustrado.

O campo da Chácara da Floresta, herdado da A.A. das Palmeiras, não vingara, por causa dos problemas de 1935; o Estádio Antônio Alonso, na rua da Moóca, recebido dos Estudantes, também não, porque era de propriedade da Cia. Antártica, que logo o

quis de volta. O Canindé, adquirido em 1942, não pode ser devidamente utilizado porque a Prefeitura decidiu abrir uma grande avenida no local, a Marginal Tietê. O Ibirapuera foi negado pela Câmara...

Mas nenhum teve lançamento de pedra fundamental. O que teve deu certo.

Quando, por fim, o São Paulo se dispôs a construir o seu estádio, com a fé inquebrantável que o empreendimento, julgado impossível pelos concorrentes, exigia, Cícero Pompeu de Toledo convidou Paulo Planet Buarque para coordenar a venda das cadeiras cativas.

Planet, considerando-se um mal vendedor, sugeriu que o assunto fosse levado a Mário Nadeo, então administrador do São Paulo.

Nadeo aceitou o desafio e associou-se a outra figura marcante da história são paulina, titular do nosso gol durante anos a fio: José Poy.

Os dois, rapidamente, transformaram-se nos reis das vendas das cadeiras cativas, a ponto de, ambos, mercê das comissões recebidas, amealharem um patrimônio até certo ponto estável.



O TÍTULO DE 1953

Foi o primeiro título da “Era Pós-Esquadrão de Aço”. Consagrou craques que se tornaram importantes na história do São Paulo – a partir deste time: Poy, De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira.

Essa foi a equipe do jogo do título, vitória de 3 a 1 no Santos, pela antepenúltima rodada do campeonato, gols tricolores de Maurinho, Albella e Negri. Nas duas últimas, por ironia, o São Paulo jogaria contra o Palmeiras e o Corinthians, que, assim, foram obrigados a ver as faixas de bem pertinho.

Poy e Gino ficaram titulares do São Paulo por mais dez anos; De Sordi e Mauro foram campeões mundiais em 1958; Bauer carimbou sua sina de grande craque; Maurinho chegou à Seleção Brasileira na Copa de 54, na Suíça.

Foi um belo time, que ainda fez base ao campeão de 1957.



O TÍTULO DE 1957

Neste campeonato, Zizinho fez a diferença dentro de campo, e o técnico húngaro Bella Guttman, fora das quatro linhas.

Desde o início do campeonato, o treinador estava pedindo um meia experiente, mas quem? – se ele só conhecia, entre outros europeus, os húngaros Boszic, Puskas e Kocsis, que se consagraram na Copa da Suíça mesmo sem tê-la ganho.

Feola, sempre ele, veio com a idéia: Zizinho, que já jogava sem muita motivação no Bangu.

O diretor de futebol Manoel Raymundo Paes de Almeida utilizou a amizade que tinha com Joaquim Silveira, o patrono do Bangu, e, com a intermediação de Feola, trouxe Zizinho, então com 36 anos.

Foi tiro e queda.

O São Paulo superou-se dentro do próprio campeonato e bateu

o Corinthians numa final inesquecível, por 3 a 1.

O último gol foi de Maurinho, que recebeu lançamento de Zizinho, chegou frente a frente com o goleiro Gilmar e, antes de chutar, perguntou em que canto ele queria.

Vendo a bola entrar nas suas redes, Gilmar, possesso, saiu correndo para bater em Maurinho, cujo apelido era “Flecha”. Não ia pegar nunca.

Armou-se, então, uma grande confusão, mesmo porque Maurinho, antes, havia se chocado com o lateral corinthiano Alfredo e este fraturara a perna.

O confronto físico entre Bauer e o corinthiano Goiano também ficou famoso. Quem levou vantagem? Bauer, lógico.

O time daquela final foi Poy, De Sordi e Mauro; Sarará, Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhotoeiro. Nossos gols foram de Amauri, Canhotoeiro e Maurinho.



CÍCERO POMPEU DE TOLEDO

Cícero Pompeu de Toledo foi, acima de tudo, o condutor e o realizador do sonho do grande estádio, que, não por coincidência, leva o seu nome. Foi presidente do São Paulo de 1947 a 1958.

Foi também campeão paulista de 1948, 1949, 1953 e 1957.

No começo da década de 50, o São Paulo encantava os torcedores com um time aplicado e talentoso. Poy, De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo... Os mais velhos sabem de cor, até os adversários não esquecem. Escalar esse time, dizem era como cantar uma sinfonia.

A força daquele time campeão era gerada também por uma motivadora rotina.

Antes de cada rodada de domingo, o dr. Cícero Pompeu de Toledo fazia uma visita especial aos jogadores, um ritual de que todos aqueles atletas lembram até hoje.

Quando ele chegava à concentração – sempre por volta das 9h30 –, atraía os olhares curiosos dos jogadores por sua aparência: vinha vestido de forma impecável, com um terno bem passado e sapatos cuidadosamente engraxados.

Acompanhado da esposa, Alba, o dirigente sentava-se em um conjunto de cadeiras de couro que ficava na recepção e observava os preparativos para o jogo. Apesar de falar pouco durante estas visitas, o semblante seguro e a postura carinhosa davam segurança aos jogadores.

A presença do dr. Cícero era tão marcante que, nos jogos da campanha de 53, os jogadores não conseguiam disfarçar seu fascínio.

Quando o time entrava em campo, Alfredo e seus companheiros procuravam o dr. Cícero e dona Alba nas arquibancadas.

Parecia que o time queria jogar apenas para eles.

Como não poderia deixar de ser, alguns fatos curiosos da epopéia do Morumbi ficaram na memória dos são-paulinos que acompanharam o processo.

No final dos anos 50, quando as obras estavam a todo vapor, um certo pinheirinho fez história. Era uma arvorezinha de uns três metros de altura que foi poupada de ser derrubada até quando foi

possível. Ela foi preservada porque dava abrigo a um ninho de pássaros, e o caso ecoou bastante na imprensa.

Os jornais noticiavam, diariamente, que o tal pinheirinho ainda não havia sido derrubado por ordem de dona Alba, a esposa do presidente Cícero. Diziam, cada um do seu jeito, que ela mandava mais do que todos os dirigentes juntos.

No final das contas, o pinheirinho acabou sendo derrubado pouco antes da inauguração do estádio, porque no lugar onde ela estava passaria um muro de segurança.

Dr. Cícero sabia que todo dinheiro arrecadado pelo clube deveria ir para a construção do estádio, mas às vezes era pressionado para contratar algum jogador.

Quando não tinha mais argumentos para suportar a pressão até dos diretores, o dr. Cícero, com seu sotaque característico, fazia sempre três perguntas finais:

— Temos esse dinheiro de sobra?

— O jogador é são-paulino?

— Ele é preto ou branco?

Depois de informado, completava:

— Pode comprar.



LUIZ CÁSSIO DOS SANTOS WERNECK

Todos no São Paulo conhecem o temperamento do dr. Luiz Cássio dos Santos Werneck, benemérito, conselheiro consultivo e um dos poucos da ativa que viram e participaram da fusão com o Estudantes, ocorrida em 1938.

Muito arraigado às tradições do Estado de São Paulo e sua Capital, ainda hoje não pronuncia o nome de Getúlio Vargas. Diz, quando se refere a ele: “ditador que usurpou o poder dos paulistas em 1930 e que permaneceu no poder por 15 longos anos”.

Quando o grande estádio começava a se transformar em realidade Werneck, um dos líderes da Comissão Pró-Estádio, fez um acordo com Cícero Pompeu de Toledo, o presidente do clube naquela época:

“O estádio deverá ter um nome que revitalize e homenageie as tradições paulistas”, concordaram.

— Que nome você proporia, Werneck? - perguntou o presidente.

— Que tal Nove de Julho? Lembraremos daquela epopéia contra aquele ditador (etc., etc., etc.).

— Estou de acordo. - respondeu Cícero.

— Então fica acertado. O estádio se chamará Nove de Julho. - concluiu Werneck.

Com o passar do tempo, Cícero ficou doente. Os conselheiros, pressentindo sua morte, fizeram um abaixo-assinado com 149 assinaturas para homenageá-lo, dando seu nome ao estádio.

Os conselheiros eram 150. Faltava uma assinatura para que o apoio fosse completo, a de Luiz Cássio dos Santos Werneck.

— Fiz um acordo com o Cícero de que o estádio seria chamado de Nove de Julho. Não vou mudar de opinião - justificou na época (e justifica até hoje) o 'cardeal' são-paulino, ainda membro ativo e influente nos destinos do clube nesta virada de século. E ele não assinou.

A construção do estádio estava indo bem. Alguns davam dinheiro; outros compravam cadeira cativa; outros ofereciam material...

Era preciso, entretanto, para efeito de marketing, uma entrada grande de capital, para que a obra tomasse um impulso mais visível.

Numa conversa entre os conselheiros Luiz Cássio dos Santos Werneck e Amador Aguiar, surgiu a idéia de se arranjar um patro-

cinador para o clube.

— Estou pensando numa fábrica de cerveja. Poderíamos dar a eles a exploração dos bares quando o estádio ficar pronto. - disse Werneck.

— Poque você não fala com a Antártica? - sugeriu o então presidente do Bradesco.

— Boa idéia. E tem ainda uma vantagem, é paulista. Chama-se Companhia Antártica Paulista! Mas não conheço ninguém lá - observou Werneck.

— Vamos falar com o Walter Belli, que é o presidente. Eles devem muitos favores ao Bradesco.

E lá foram os dois.

Pois não é que conseguiram o cheque...



MANOEL RAYMUNDO PAES DE ALMEIDA

Manoel Raymundo é considerado o maior de todos os são-paulinos, tal o amor e a atenção que dá ao clube desde 1934, quando, aos 13 anos de idade, menino recém-vindo de Uberaba, inscreveu-se como sócio.

Foi o fundador e o líder da primeira torcida organizada de que se tem notícia no futebol paulista, o Grêmio Tricolor, em 1939. Participou ativamente, já como diretor, das glórias do “Esquadrão de Aço” nos anos 40 (de sua casa saiu a carreata comemorativa do título da “Moeda de Pé”). Tornou-se, graças à sua dedicação, um dos alicerces do clube durante a edificação do Morumbi. Foi diretor de futebol nos anos 50 e 60. É sócio benemérito, conselheiro consultivo, um dos “cardeais” do São Paulo. Só não foi presidente porque não quis, em nome da paz política interna.

Manoel Raymundo contratou grandes jogadores para o São

Paulo, como Benê, Bellini, Zizinho, Canhoteiro, Faustino, Amauri.

Se lhe perguntam qual foi a melhor das contratações, pensa um pouco e responde:

— Bellini, como homem e como jogador.

A mais frustrante?

— Faustino, ponta da Ferroviária, que tinha tudo para dar certo e não deu.

A de maior sorte?

— Amauri, que não tinha nome nenhum quando fomos buscá-lo no Barretos e de quem não se esperava muita coisa.

Manoel Raymundo tem como características, entre outras virtudes, a correção, a coerência, o respeito à verdade. Ao vender Maurinho e Gonçalo para o Fluminense, advertiu:

— Os dois são bons jogadores, mas vêm incorrendo em falhas disciplinares.

Também por “falhas disciplinares” dispensou vários jogadores, entre eles Lanzoninho, Zezinho e Zizinho.

Manoel Raymundo era ao mesmo tempo muito hábil. Um exemplo foi sua atuação para resolver um “impasse” acontecido na manhã do dia da decisão do título paulista de 1957 com o Corinthians.

O titular durante todo o campeonato era Dino Sani e seu reser-

va imediato, Ademar.

O outro volante, Sarará, não havia jogado uma partida sequer. Estava até afastado do elenco por causa de desentendimentos com o técnico Bella Guttman.

Dino que estava machucado não se recuperou para a partida. Ademar, seu reserva, também estava machucado.

Como medida preventiva, Manoel Raymundo convenceu o técnico a convocar Sarará para a concentração.

Guttman, em princípio, não queria. Mas diante dos argumentos do diretor, reconheceu, no seu húngaro-italiano-espanhol:

— Também não sou testa dura...

O jogador também foi convencido pelo diretor e rumou para a concentração na manhã daquele domingo. Almoçou com o grupo, foi para o estádio e qual não foi sua surpresa quando Guttman lhe deu a camisa 4.

Pois Sarará entrou, posou para a foto e jogou muito bem.

Por causa da foto, quem escala o time campeão de 57 sempre põe Sarará. E esquece de Dino, este um jogador de muito mais sucesso do que aquele.

Coisas do futebol.



BELLA GUTTMAN

A decisão de trazer o técnico húngaro Bella Guttman para o campeonato de 1957 foi mais uma ação diferenciada do São Paulo. Os adversários ficaram admirados. Achavam que o clube não conseguiria contratar aquele que era considerado um dos melhores treinadores do mundo.

Mas Guttman veio e revolucionou os métodos de treinamento no Brasil. Foi ele quem introduziu no País o sistema tático 4-2-4, que serviu de base à Seleção Brasileira campeã do mundo de 1958 e que teve no mineiro Martim Francisco o seu maior seguidor.

Ele também ensinava os jogadores a calibrar a pontaria pendurando pneus no travessão e no chão, junto às traves. Canhoto era seu melhor freguês neste treinamento. Ele era bom de drible, mas de chute...

Contratado por Manoel Raymundo Paes de Almeida, Guttman chegou à capital e se instalou em um apartamento na Rua do Arouche. Tinha parentes ali perto, na rua Piauí, e não dispensava um chá da tarde no Fasano da Barão de Itapetininga, sempre acompanhado pelo então diretor de Futebol.



CANHOTEIRO

Canhoteiro chegou ao São Paulo para fazer testes, pelas mãos do técnico 71, um treinador de sucesso principalmente no Nordeste.

Meio desajeitado, muito simples. As pessoas que o viram não levaram muita fé. Ainda mais porque seus exames médicos evidenciaram, entre outros problemas, uma grande quantidade de vermes.

Mas, já no primeiro treino, apesar da inibição, mostrava grande intimidade com a bola, principalmente nos dribles. Após dá-los, sempre dizia:

— Desculpa.

Mas...

No terceiro ou quarto treino, já mais familiarizado com o ambiente, começa a driblar todos que se colocam a sua frente. Agora, sem dizer nada. Só sorrindo.

O titular é Teixeira, quase 15 anos de São Paulo e um de

seus maiores ídolos.

A fama daquele nordestino começa a crescer, mesmo sem jogar no time principal.

O Canindé, agora dá de ficar lotado nos dias dos treinos coletivos, 3^a e 5^a, só porque os torcedores querem ver o jogo de Canhoteiro.

Nas partidas do São Paulo, a torcida começa a vaiar Teixeira, só para que o técnico escale Canhoteiro. Ainda não há substituições durante os jogos.

Seu repertório já é grande: usa para demonstrações moedas, tampinhas de cerveja (depois de controlá-las, joga-as para o alto e as faz cair no bolso da camisa, dando uma puxadinha nele para a frente) e até xícara. Com um golpe da ponta da chuteira no pires, levanta a xícara ao ar, controla-a para, finalmente, “matá-la” no dorso do pé.

Seus dribles, com e sem bola, ficam famosos. Ninguém se atreve a enfrentá-lo mano a mano, de frente.



Uma noite, no Pacaembu, jogam São Paulo e Corinthians. O Estádio está cheio.

Num determinado instante, a bola vem alta para Canhoteiro, que está a menos de 50 cm da linha lateral do lado da geral

(naquela época), ali, pela intermediária do adversário.

Canhoteiro mata a bola no dorso do pé e a coloca no gramado um pouco a frente de seu pé esquerdo.

Fica parado.

Idário, seu mais famoso e íntegro marcador, e Goiano se aproximam. Param a uns três metros da bola.

O Pacaembu silencia.

Canhoteiro finge que vai passar entre os dois, mas apenas passa o pé esquerdo por cima da bola e volta à posição antiga.

Naquele instante, Idário e Goiano também dão dois passos para trás, mas percebem que Canhoteiro volta à posição antiga, e também eles dão os dois passos para a frente.

Canhoteiro finge novamente.

Idário e Goiano vão e voltam.

O silêncio agora é sepulcral.

Canhoteiro, então, finge que finge e vai com a bola dominada para cima dos dois. Idário e Goiano titubeiam. Não sabem se recuam ou atacam... e acabam os dois caindo, facilitando a passagem do malabarista.

Os são-paulinos vibram.

Os corinthianos xingam.

E Idário diz para Goiano:

— Que sorte tem esse ponta.

Canhoteiro, dono de um coração enorme, amigo dos seus amigos, fez um acordo com Djalma Santos, que também era seu marcador, na ida dos dois para a Seleção Brasileira de 58. Acordo este que só mais tarde foi revelado.

— Compadre, disse Djalma, você sabe que pode me driblar, mas que eu também posso marcar você muito bem. Além do mais, eu gostaria de ir para a Suécia.

— Compadre, qual é o acordo ?

— Você passa uma por mim, sem muito espalhafato, e na seguinte eu tiro a bola de você, sem usar violência. É uma de cada um.

— Tá feito.

E assim foram os treinos, quando um jogava contra o outro.

Feola um dia chamou Canhoteiro e perguntou:

— Por que você não dribla o Djalma ?

Canhoteiro responde:

— Ele é meu amigo.

Talvez por este motivo, talvez por influência de Zizinho, de quem ele era fã, escutava conselhos, e que vivia lhe dizendo que Seleção não dava camisa a ninguém, que ele tenha sido cortado da Seleção.

Sobre Canhoteiro, Zizinho diz em seu livro: “Fazia pela esquerda o que o Garrincha fazia pela direita. Só que com mais consciência”.

No famoso jogo no Maracanã, entre Brasil e Inglaterra, em 1960, em que Julinho entrou vaiado em campo por substituir Garrincha, e saiu aclamado depois, Canhoteiro mostrou na ponta esquerda que poderia ter sido o titular da Seleção de 58.

Canhoteiro não tinha uma vida saudável fora do campo. Gostava muito de bater papo com os amigos e tomar umas cervejinhas a mais. Daí sua carreira e sua vida terem se abreviado bastante.

Porém, jamais será esquecido por todos que assistiram aos seus jogos, tanto que, na votação dos Conselheiros do São Paulo para se escolher os maiores ídolos do clube no Século XX, Canhoteiro recebeu 100% dos votos de todos os que o viram jogar.



ZIZINHO

Zizinho foi um dos melhores jogadores do Brasil nas décadas de 40 e 50. Nível “A” com louvor, como poucos. Está seguramente entre os 10 tops de todos os tempos. Foi contratado pelo São Paulo em 1957, já com 36 anos, mas ainda com um futebol refinado, inteligente, fundamental para a conquista do título paulista daquele ano.

Logo no seu primeiro treino no São Paulo, Zizinho foi conversar com os jogadores mais experientes para saber quem era quem.

Mauro, então, lhe explicou:

— Se você quiser fazer um ataque rápido, mande a bola para o Maurinho. Ele é um raio. Se quiser parar um pouco o jogo ou ganhar moral em cima do adversário, mande a bola para o Canhoteiro, na esquerda. Ele dribla como ninguém. É um mágico.

Depois de cair nas graças da torcida e se tornar-se peça-chave da conquista do título paulista de 1957, ninguém entendeu direito na época porque Zizinho ficou somente um ano e três meses no São Paulo.

— Naquele tempo eu era cabeça dura, e o seu Manoel Raymundo era durão. Ele tinha um “olheiro”, de nome Camarguinho, que ficava circulando à noite nos lugares frequentados pela boemia para ver se encontrava algum jogador do São Paulo. Eu havia saído para jantar com o Lanzoninho e depois fomos para a Boate Oásis, uma das melhores casas noturnas daquela época.

No dia seguinte, já uniformizado para o treino, Zizinho foi informado que havia sido multado por ter ido a um “inferninho”.

— Eu disse que aceitava a multa, mas não concordava que o São Paulo usasse a palavra “inferninho”, pois, na minha opinião, a Boate Oásis não podia ser qualificada daquela maneira. Ele não tirou a palavra “inferninho”. Ficamos naquele impasse, eu cabeça dura e ele durão – e fui embora.

Pouco tempo depois, até devido a uma mútua admiração, Manoel Raymundo e Zizinho reataram a amizade, tanto que nas vezes em que vem para São Paulo, o ex-craque não deixa de visitar o conselheiro Manoel Raymundo Paes de Almeida.

Em setembro de 1999, Pelé e Zizinho se encontraram na Rede Globo.

Pelé: Você roubou meu primeiro tricampeonato.

Zizinho: Eu não. Nosso time era melhor do que o seu.

O meia campeão de 1957 conta que, naquele ano, o São Paulo bateu o Santos, na Vila Belmiro, por 6 a 2.

— Foi o jogo do Canhoteiro - conta Zizinho. “Quando estava 3 a 0, pedi a ele que prendesse a bola. Pois não é que ele vinha do ataque para a defesa e ia da defesa para o ataque sem que ninguém lhe tirasse a bola.

A não ser que usassem a violência. Zizinho não se lembra do nome do beque do Santos que, em desespero, acabou dando uma cabeçada no rosto de Canhoteiro.

— O olho dele ficou inchado, encoberto, marcado. Daí para a frente passamos a chamá-lo de Zé Montilla, numa alusão ao Run Montilla, em cujo rótulo há um pirata com um olho encoberto.



GINO E DINO

Seja pela semelhança de nomes ou pela coincidência de jogarem juntos por cerca de 10 anos, Gino e Dino são vistos até hoje como grandes companheiros. Realmente foram: começaram a jogar, juntos, nas equipes de base do Palmeiras, foram juntos para o XV de Jaú, depois para o Comercial da Capital e, finalmente, o São Paulo, onde jogaram até 1958, quando Dino foi para o Boca Juniors da Argentina e Gino ficou. Aliás, ficou até hoje, já que é administrador do Morumbi há 30 anos.

Semelhante, também, foi o sucesso que os dois fizeram na carreira. Dino foi campeão do mundo em 1958 com a Seleção Brasileira e jogou em outros grandes times, como Boca Juniors, Milan e Corinthians.

Gino ficou no São Paulo. Atuou diversas vezes na Seleção Brasileira, entre elas uma, em Portugal, em 1956, que ficou famosa por

causa de um gol de bicicleta que fez no estádio do Vale do Jamar. Foi uma bicicleta diferente, pelo alto, com as costas em posição vertical em relação ao chão, levando o Brasil a ganhar de Portugal por 1 X 0.

Certo dia, no Interior, o São Paulo aguardava o jogo do dia seguinte na concentração de um hotel.

Dino resolveu ir para o quarto (todos no térreo) para descansar. Estava cochilando quando, de repente, levou um tremendo susto: uma galinha entrou pela janela e caiu sobre o seu peito.

Dino acalmou-se e levou a galinha de volta para seu terreno.

Surpresa. Lá estava Gino, sorriso matreiro, perguntando o que estava acontecendo...

Dino soltou um palavrão e voltou à cama, agora com a janela do quarto fechada.

Numa viagem aérea, Gino e Dino sentaram-se atrás de um jogador novato que estreava no São Paulo, chamado Roque.

Durante o serviço de almoço, após todos terem sido atendidos,

Dino começou a falar mais alto com Gino:

— Você está perdido, vá logo ao banheiro.

— Isso passa logo, estou apenas um pouco enjoado.

Ao mesmo tempo, Gino desfiava um pedaço de frango com as mãos e enfiava ‘o produto’ no saco para enjôo, jogando também dentro um pouco de coca-cola.

Dino insistiu novamente:

— Gino, vá ao banheiro... Vá antes que você vomite aqui.

— Acho que você tem razão, estou cada vez pior.

Gino então levantou-se abruptamente, fingiu vomitar e jogou o ‘conteúdo’ do saco na cabeça de Roque, que se já estava incomodado com a conversa, acabou vomitando de verdade, sujando-se todo.

Gino gostava de ‘aproveitar-se’ da inexperiência dos mais novos. Nas viagens, principalmente internacionais, procurava sentar-se perto de um novato falando em acalmá-lo, dar-lhe apoio, etc.

Numa dessas viagens, sentou-se ao lado de Jonas, que faria sua primeira viagem aérea.

Gino, muito solícito, deixou que o garoto se sentasse junto à janela, como queria, ajudou-o a amarrar o cinto de segurança e lhe disse:

— Qualquer coisa fale comigo.

Logo depois que o avião estabilizou-se no ar, Gino perguntou:

— Algum problema?

— Tudo bem. Apenas uma pequena dor de cabeça perto da nuca.

— Não se preocupe - retrucou Gino, chamando o comissário de bordo.

— Por favor, traga uns chumaços de algodão.

Tão logo o pedido foi atendido, Gino falou para Jonas:

— Ponha este chumaço na boca e vá mastigando.

Jonas prontamente atendeu.

Dali a pouco, Gino voltou e perguntou:

— Melhorou?

Jonas pôs a mão na boca para tirar o chumaço e responder.

Gino interveio rapidamente.

— Não tire o chumaço agora que você pode vomitar. Como você está ficando branco (e Jonas era negro) é melhor por mais um pouco de algodão na boca.

Falando e agindo, o centroavante enfiou mais um pouco de seu “remédio” na boca do novato.

— Continue mastigando. Caso você sinta náuseas me avise que eu coloco um pouco mais de algodão.

E lá foram os dois.

Numa viagem à Argentina, Gino ficou no mesmo quarto que o massagista Flávio.

Na manhã seguinte, o artilheiro tricolor falou para o massagista:

— Vamos pedir o “desayuno”.

— O que é isto?

— É o café da manhã.

Como já falava bem o espanhol, Gino pediu bife, ovo frito, batata cozida e pão com manteiga, pois sabia que seu acompanhante não entendia nada.

Enquanto esperavam o “desayuno” Gino propôs:

— Você toma banho primeiro, depois vou eu.

Enquanto Flávio estava no banheiro, chegou a comida.

Gino escondeu os talheres e esperou o massagista sair do banheiro.

Quando Flávio voltou ao quarto, Gino tomou o final de sua xícara de chá e disse que precisava sair, explicando que iria visitar Albella, jogador que atuado com ele no Tricolor anos antes.

Flávio olhou a comida e logo perguntou:

— Onde estão os talheres?

Gino não perdeu a pose e emendou:

— Peça pelo telefone.

— Mas eu não sei como se fala.

— Diga apenas “Buenos Dias” e depois “Peluquero”, que quer

dizer faca e garfo.

Dito isto saiu e fechou a porta.

Na hora do almoço Gino encontrou-se com Flávio e perguntou:

— Tudo certo ?

— Mais ou menos... Tenho a impressão de que esse pessoal não fala espanhol.

— Por quê?

— Além de não trazerem os talheres, ainda mandaram um sujeito que mais parecia um barbeiro que um garçom.

Como o São Paulo viajava bastante, os comandantes e as tripulações já conheciam os jogadores e principalmente as brincadeiras de Gino.

Durante uma viagem para Porto Alegre, o comandante Vieira, que era íntimo do Gino, avisou em particular que a aeronave dentro em pouco entraria numa zona de turbulência.

Canhoteiro e Maurinho, que estavam sempre juntos, tinham em comum várias coisas, entre elas, medo de avião. Gino, então, disse aos dois companheiros de ataque:

— Parece que o vôo será difícil e o pior é que nesta região, há dois anos atrás, caiu um avião. O comandante até pediu-me para ir à cabine de comando.

Ao ouvir que um avião já havia caído naquele lugar, os dois pontas colocaram na boca as medalhinhas que ficam penduradas nas correntinhas em volta do pescoço e começaram a rezar.

Nosso artilheiro dirigiu-se à cabine de comando, deixou a porta entreaberta e sentou-se na poltrona do comandante.

Logo o avião começou a balançar.

Vendo aquilo, Canhoteiro esbravejou:

— O que você está fazendo aí?

E muito nervoso começou a gritar:

— O Gino vai derrubar o avião! O Gino vai derrubar o avião!

Quando Feola descansava ninguém o importunava, pois todos sabiam que a “bronca” seria violenta, acompanhada de muitos palavrões.

O São Paulo viajava para a Colômbia, onde jogaria a primeira partida de uma excursão pelas Américas.

Maneca, jogador novato vindo de Ribeirão Preto, fazia sua primeira viagem aérea.

Lá pelas tantas, Gino incitou Poy a fazer uma brincadeira e o goleiro aceitou. Poy teria de imitar o outro goleiro argentino do São Paulo, Bonelli, que, machucado, não havia acompanhado a delegação.

Aí ambos foram à cabine do comandante e pediram para a aeromoça chamar Maneca ao interfone do avião.

Maneca atendeu. Poy, fazendo-se passar por Bonelli, disse que estava em Ribeirão Preto com os familiares dele e que tudo estava em ordem.

Maneca agradeceu e voltou para o seu lugar.

Dali a pouco, a aeromoça apareceu com um pires na mão e um papel sobre ele, entregando-o a Maneca.

A esta hora o Gino já estava sentado ao lado do novato, que, surpreso, lhe perguntou:

— O que é isto?

— É a conta do telefonema.

— E quanto é?

— Dez dólares.

A aeromoça, que sabia da brincadeira, interveio:

— O pagamento tem de ser em dólares, pois foi uma ligação a cobrar.

— Eu não tenho o dinheiro, você me empresta Gino?

Gino naturalmente não tinha esses dólares, mas sugeriu:

— O único que tem dinheiro americano é o Feola. Peça para ele.

— Mas ele está dormindo.

— Não faz mal, ele não se importa.

Maneca levantou-se e sacudiu Feola para lhe pedir os dez dólares. Imaginem o que aconteceu !

As relações entre jogadores do São Paulo e do Corinthians foram se deteriorando com decisões de 53 e 54, e se mantiveram assim até 1957 - quando a animosidade se aprofundou.

Luizinho, chamado de “Pequeno Polegar”, era um meia habilidoso, tanto no trato da bola, como na influência que tinha sobre a torcida corinthiana, fazendo com que ela se inflamasse contra os árbitros ou algum jogador do time adversário.

Logo no primeiro tempo do jogo do primeiro turno (1 a 1), Luizinho passou a bola entre as pernas de Vítor.

Gino logo gritou:

— Quebra esse cara!

Numa segunda tentativa perto da entrada da área, Luizinho novamente passou a bola entre as pernas de Vítor, que, ao ser driblado, cometeu falta violenta no meia corinthiano.

Gino apoiou o companheiro.

— É isso mesmo. Manda o pau.

Imediatamente Gino foi para a barreira, colocando-se no meio dela por ser um dos mais altos da equipe.

Luizinho, que iria bater a falta, provocou o centroavante são-paulino:

— O que você faz aí? Vai para casa ver o que sua mãe está

fazendo...

Gino respondeu:

— Eu sei onde ela está e sei também onde a sua mulher vai quando você fica concentrado.

O clima continuou nesse nível. Pouco depois Luizinho aproximou-se outra vez de Gino:

— Você é muito grosso. Aposto que em sua família ninguém joga bola, pois jogar bola é coisa hereditária.

— Se isso funcionar, então você vai acabar como seu irmão, que é “viado”.

O jogo não foi violento só em palavras.

O lateral corinthiano Alfredo, que jogara no Tricolor, fraturou a perna num choque com Maurinho.

Na segunda-feira à noite, os jogadores do São Paulo, Gino entre eles, foram ao hospital visitar o ex-companheiro. Encontraram-se com os do Corinthians, que tiveram a mesma idéia. Luizinho não estava no grupo.

Ao chegarem ao jardim do hospital, já na saída, surgiu Luizinho, com um tijolo na mão. Ele estava escondido atrás de uma árvore e atirou o tijolo na cara de Gino, que voltou para dentro a fim de receber os primeiros socorros.

No segundo turno, contra o mesmo Corinthians, o São Paulo ganhou o título com aquela confusão toda de Maurinho, Gilmar, Bauer, Goiano, etc., etc., etc. (ver título de 1957).



OLTEN AYRES DE ABREU

Poucos podem ter uma adjetivação tão discrepante dada pelas pessoas que o cercam, como também, pelas suas diversidades e aptidões pessoais, como Olten Ayres de Abreu.

Atleta vitorioso, formado em Educação Física e Direito, árbitro de sucesso no futebol brasileiro e mundial, inovador como presidente do Sindicato dos Treinadores Profissionais do Estado de São Paulo, bailarino exímio e bom de briga, são algumas de suas facetas.

Brincalhão, carrancudo, companheiro, amigo fiel, mas uma figura pública controvertida.

No São Paulo, militou com sucesso no atletismo nas décadas de 40 e 50, ao lado de figuras inesquecíveis como Adhemar Ferreira da Silva, Carlos Luiz Mossa, Francisco de Assis Moura, Edman Ayres de Abreu, Edgar Freire e muitos outros, conseguindo com seus companheiros 14 títulos Paulista e seis títulos do Troféu Brasil.

Seus inimigos dizem que, quando era árbitro sempre apitava contra o Tricolor.

Ele nega. Diz que era imparcial, mas que, às vezes, seu coração tricolor o fazia ultrapassar os limites de seus deveres. Como da vez em que o São Paulo jogava com o Comercial, em Ribeirão Preto.

O jogo corria fácil para o Comercial, que logo fez dois gols.

Olten olhava para o banco de reserva e via, às vezes, o técnico Feola cochilar.

Mais um pouco e o Comercial fez mais um gol.

Olten passou a apitar o jogo cada vez mais perto do banco do São Paulo, incomodado com o “cansaço” do treinador.

Quando o Comercial fez o quarto gol, Olten pisou com força no pé de Feola e gritou:

— Vê se olha direito o jogo, seu Feola!

Olten vai à Federação Paulista de Futebol a fim de verificar a escala dos árbitros para o próximo fim de semana.

Ele estava escalado para um jogo do São Paulo.

Ao sair da Federação, encontra na porta o presidente Henri Aidar, que ao vê-lo, tira de seu bolso interno uma caneta tinteiro muito bonita, e diz:

— Este é o presente pelo seu aniversário.

Olten pega a caneta, guarda-a e responde:

— Dr. Henri, o senhor deve estar equivocados, pois estamos em maio e meu aniversário é em setembro.

Dr. Henri não perde a pose:

— Então, recebe o presente por conta.

Na disputa do Troféu Brasil de Atletismo, no Rio de Janeiro, a delegação tricolor estava hospedada num quartel, com dormitórios grandes, inúmeras camas-beliche.

Era costume os atletas andarem de sapatilha, que deixavam desamarradas e prontas para enfiar o pé tão logo levantassem da cama.

Francisco de Assis Moura, o Chicão, sempre querendo brincar, pregou um dos pés da sapatilha do Olten no chão.

Olten acordou e rapidamente enfiou os pés na sapatilha para sair da cama.

Quando tentou dar o passo, levou um tombo.

Só não se machucou porque se segurou no beliche ao lado.

Todos riram.

Olten levou na esportiva.

Na equipe são-paulina de atletismo havia um arremessador que se chamava Antônio de Souza Passos.

Ele pesava 140 quilos, era muito forte e também muito simples.

Seu apelido: “Passinho Carinhoso”.

Na época, havia um Torneio de Boxe patrocinado pela Gazeta Esportiva que tinha ótima divulgação.

Olten inscreve “Passinho Carinhoso” na categoria “pesados”, sem falar nada para o companheiro.

Dois dias depois, Edman, irmão de Olten e também atleta tricolor, que já sabia do caso, apoiado por outros atletas, chamou o arremessador:

— Parabéns pela sua inscrição no Campeonato de Boxe.

— Mas eu não me inscrevi.

— Mas seu nome está aqui no jornal, veja.

— Mas eu não me inscrevi.

— Você está inscrito. Você tem de lutar.

No que Olten complementou:

— Você pode ser preso caso não atenda à sua inscrição.

Tanto falaram que Antônio cedeu à argumentação.

Foi à academia do São Paulo, na rua Santa Ifigênia, conversou com o técnico Kid Jofre e fez um único treino acompanhado de seus “amigos”.

No dia da estréia, todos estavam lá para vê-lo lutar.

Resultado, ganhou por nocaute.

Gostou da coisa e acabou ganhando mais duas lutas.

Na final, foi espancado. O adversário ganhou por nocaute técnico. Dias depois, nos treinamentos do atletismo, ainda todo dolorido, “Passinho Carinhoso” não se conteve:

— Se no próximo ano o jornal me inscrever de novo, eu volto para a minha terra.



PEQUENAS HISTÓRIAS DOS ANOS 50

—□— SENTADINHO DE OLIVEIRA —□—

Grande parte dos recursos financeiros necessários para a construção do estádio do Morumbi saíram da venda de cadeiras cativas. Para aqueles que adquirissem o produto, foi criada uma nova categoria social, a de Sócio Olímpico.

Como forma de divulgar a venda das cadeiras, o radialista Osvaldo Molles, que trabalhava na Rádio Record, criou para o São Paulo uma campanha publicitária original. A sigla “S.O.” (Sócio Olímpico) foi usada na propaganda, que, no entanto, não informava o que essas letras significavam, nem qual a relação delas com o São Paulo.

A intenção de Molles era atizar a curiosidade do público, e, assim, aumentar a divulgação em torno da venda de cadeiras

cativas.

A campanha propriamente dita veio logo em seguida e foi um grande sucesso. Osvaldo Molles usou seu talento também para fazer graça sobre o assunto. Piadista, ele gostava de dizer que “tudo e todos eram qualquer coisa de Oliveira”. A expectativa era saber quando e onde ele usaria sua veia cômica em relação à campanha publicitária do S.O.

Desenhando num cartaz, Molles botou um bonequinho sentado, acompanhado dos dizeres “Sentadinho de Oliveira”.

Ao personagem foi atribuída a imagem de muitos integrantes da Comissão Pró Estádio.

—□— PRIMEIRO DE ABRIL —□—

Em 1951, um combinado São Paulo-Bangu excursionou à Europa. Foi uma excursão vitoriosa, com 10 vitórias, dois empates e duas derrotas. O primeiro jogo foi em Gênova, Itália, dia 29/03/51, e terminou empatado por 1 a 1.

O locutor Geraldo José de Almeida, da Pan-Americana, que nunca escondeu de ninguém as cores são-paulinas de seu coração, dava de vez em quando notícias sobre o andamento do jogo.

No dia 31 de março, um sábado, a Rádio anunciou várias vezes a transmissão para o dia seguinte, domingo, do jogo entre Milan e São Paulo-Bangu. No mesmo dia e na mesma hora, jogariam no Pacaembu Corinthians e Flamengo.

Geraldo José de Almeida informou, então, primeiro um gol do Milan, depois, o empate do São Paulo. Daí em diante, entrava na irradiação do jogo do Pacaembu e informava um gol atrás do outro do Milan, chegando o placar a 8 a 1.

A cada gol italiano, o locutor aumentava de intensidade suas críticas aos dirigentes do Tricolor, por terem aceito aquela excursão. O mais visado era Paulo Machado de Carvalho, mesmo ele sendo o dono da emissora.

A cada gol do Milan, no Pacaembu, a torcida corintiana vibrava tão intensamente quanto as críticas do locutor da Pan-Americana.

Após o termino da partida, Geraldo José voltou ao ar para anunciar que aqueles 8 a 1 não passavam de uma brincadeira de 1º de abril...

Alguns não acreditavam no desmentido.

Outros diziam que não tinham acreditado nas informações sobre o jogo.

O final daquele domingo foi de informações desencontradas. Afinal, não havia TV, Internet e o sistema telefônico ainda era precário.

No dia seguinte, tudo ficou esclarecido. Tinha sido um verdadeiro 1º de abril.

E aqueles mentirosos 8 a 1, se transformaram em vitórias tricolores nas três únicas vezes que o São Paulo enfrentou o Milan: 1 a 0 e 2 a 1 em Milão (excursões em 1964 e 1981) e ainda naquele inesquecível 3 a 2 de Tóquio, dia 12 de dezembro de 1993, pelo

Mundial de Interclubes.

—□— O BURRO DA CENTRAL —□—

O Taubaté subiu para a Divisão Principal do futebol paulista em 1952 e o primeiro time grande a visitar aquela cidade do Vale do Paraíba foi o São Paulo.

O clube local aproveitou a visita para festejar seu título, então chamado “Campeão do Interior”. A festa teve de tudo. Até um burro entrou em campo, pois este animal, era (e é) o símbolo do time, cognominado de “Burro da Central”.

O São Paulo ganhou o jogo por 3 a 1.

Na saída, o motorista de um lotação que havia levado alguns dirigentes são-paulinos ao evento, entre os quais Basílio Rodrigues da Silva e Homero Bellintani, começou a provocar os torcedores do Taubaté. Dizia que, ao colocar o burro no campo, eles haviam pedido para perder por 3 (número do grupo do burro no jogo de bicho).

Houve uma grande confusão e o motorista precisou fugir do local, deixando para trás, sem condução, os citados conselheiros.

—□— A VOLTA DE ALBELLA —□—

Durante o campeonato de 1953, o então diretor de Relações Exteriores do São Paulo, Júlio Brisola, ficou encarregado de trazer

de volta o jogador Albella, que havia viajado para seu país, a Argentina, e não pretendia voltar para disputar o Campeonato Paulista.

O detalhe é que o clube estava com dificuldades financeiras, já por causa da construção do Morumbi, e Brisola teria de arcar com todas as despesas, suas e as do jogador. Ele aceitou.

Chegando lá, a tarefa realmente não foi fácil. Albella criou dificuldades. Afirmava que não queria voltar porque detestava ficar em concentração. Qualificava-se como um homem do lar, daqueles que vivem para a família e que ajudam a enxugar a louça após o jantar.

Júlio Brisola garantiu a Albella que ele não ficaria concentrado, mas ainda assim ele relutou. O técnico do São Paulo na época, Jim Lopes, também argentino, foi chamado por Brisola para ajudá-lo a convencer o jogador a voltar.

Depois de muita conversa e insistência, Albella finalmente aceitou viajar a São Paulo. O esforço foi compensador: Albella foi um dos artilheiros do time campeão.

—□— JUIZ “F. DA P”. —□—

São Paulo X Corinthians, década de 50, João Etzel Filho no apito. Dino achou que o árbitro estava favorecendo o adversário e xingou-o de “F da P”.

Etzel virou-se imediatamente para o jogador e...

— Você está expulso!

— Mas eu estava xingando o De Sordi, pela desatenção com que ele está marcando o ponta adversário.

Etzel continuou com o dedo em riste, apontando para os vestiários:

— Fora do mesmo jeito. No jogo, é proibido xingar também o companheiro e o adversário.

—□— DIRETOR FINANCEIRO —□—

Marcel Klaczko, na época proprietário da Marcel Modas, rede de roupas femininas, era quem comandava as finanças do clube. Era o diretor financeiro, convocado para tal posição exatamente por sua capacidade de controlar o dinheiro.

Como o São Paulo estava na fase de construção do estádio, cabia a ele que nenhum tostão, como se dizia então, fosse desviado da arrecadação do Paulistão para o time de futebol. Todo numerário seria destinado apenas para as obras.

Apesar de inicialmente ser apoiado por todos, depois de certo tempo, começou a ser criticado por muitos.

Começando depois de alguns anos a sentir o desgaste, procurou entre os conselheiros alguém que tivesse o seu perfil e que estivesse habituado a lidar com dinheiro.

Certo dia, convidou o conselheiro Milton Fernandes, que tinha tido posição destacada no Banco da Bahia e possuía cargo elevado no Bradesco, para uma conversa.

— Milton, conheço-o bem e sei de sua capacidade. Você poderia arranjar algum tempo para me auxiliar aqui no clube?

— Posso dar um jeito.

— Milton, você concordaria em ser chamado de “F. da P.” todos os dias?

— Como assim ?

— É o que acontece aqui. Se eu não aprovo uma despesa logo dizem: “O ‘F. da P’. não quis assinar”. Se estou demorando para arranjar o dinheiro, dizem: “O ‘F. da P’. ainda não assinou”. Se finalmente eu aprovo a solicitação, então dizem: “Finalmente, o ‘F. da P’. já assinou”. Se você concordar, o cargo é seu.



ANOS

60

Foram os anos de poucos títulos significativos e muita história, principalmente ligadas ao estádio. Quase todo o dinheiro arrecadado era revertido para o Morumbi, e o time sempre ficava devendo.

A torcida, sempre levada pela emoção, não concordava muito, e quem penava eram os dirigentes.

O então presidente, Laudo Natel, penou muito, mas, firme, com seus pares, foi até o fim consagrador. Quem ajudou muito para esta consagração foi o Carnê Paulistão, uma idéia genial de um são-paulino genial, Hélio Setti.

Foram os anos de Dias, Jurandir, Bellini, Benê, Paraná, Nelsinho e Babá, Aimoré Moreira...

A INAUGURAÇÃO DO MORUMBI (I)

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo foi inaugurado parcialmente (capacidade para 60 mil espectadores), de maneira oficial, no dia 2 de outubro de 1960, com um amistoso internacional entre São Paulo e Sporting de Lisboa de Portugal.

O placar foi 1 a 0 para o São Paulo, gol do atacante Peixinho, que, assim, ficou para a história.

O time tricolor atuou com Poy, Ademar, Gildésio e Riberto; Fernando Sátiro e Vítor; Peixinho, Jonas (Paulo Lumumba), Gino, Gonçalo (Cláudio Garcia) e Canhoteiro.

O juiz foi Olten Ayres de Abreu, atleta são-paulino nos anos 40/50, hoje conselheiro vitalício do clube.

O placar ainda estava no 0 x 0. Peixinho viu o médio Fernando Sátiro tomar a bola de um português e puxar o contra-ataque para o São Paulo. Sátiro passou para Gonçalo, que acionou o jovem (e genial) Jonas.

O rápido atacante seguiu pela direita e chegou à linha de fundo. Alçou a bola.

O centroavante Gino esperava com água na boca aquele cruzamento perfeito.

Mas Peixinho, que vinha na corrida acompanhando o lance, se antecipou e mergulhou, com vigor, colocando a cabeça na bola enquanto completava seu vôo pela área.

Mais de 60 mil pessoas celebraram quando a rede balançou pela primeira vez no gigante do Morumbi.

Com aquele mergulho, o atacante – filho de Peixe, artilheiro do Campeonato Paulista de 1940 – marcava seu nome na história do estádio, do São Paulo e do futebol.

A partir daquele dia, a alegre jogada em que um jogador mergulha de cabeça em direção à alegria do gol já tinha nome: peixinho.



LAUDO NATEL

— Como um clube endividado pode conseguir erguer o maior estádio particular do mundo? E pior, no meio do mato.

A pergunta parecia grudada na garganta do torcedor e nas páginas esportivas dos jornais paulistanos dos anos 50. Quando não vinha acompanhada de alguma gozação, trazia consigo sempre a mesma resposta:

— Só por milagre!

Toda essa desconfiança não foi o bastante para desanimar a diretoria.

Após a venda do Canindé, dizia-se que o patrimônio tricolor estava restrito a onze camisas e uma história.

Sob a regência do presidente Laudo Natel, após a morte de Cícero Pompeu de Toledo, o São Paulo deu início às obras num bairro, o Morumbi, que existia apenas nos registros da Prefeitura.

O sonho começava a se tornar real.

Alguns meses depois, Laudo chama a imprensa e mostra o início das obras, aguardando o reconhecimento da torcida e, principalmente, da imprensa.

Porém, bastou abrir um dos jornais no dia seguinte para ver na seção de esportes uma foto que mostrava um imenso matagal subscrito com esta frase:

“Futuro estádio do São Paulo em 1980”

Nos anos 60, (23/11/60) o time profissional penava com a falta de recursos, travava uma batalha desigual com os maiores rivais. Isto não impedia, entretanto, que o governador do Estado, também presidente do clube, assistisse a alguns jogos, quando encontrava tempo.

Numa rodada noturna, jogo no Pacaembu, o São Paulo venceu o Corinthians por 4 a 1, jogando bonito.

Contagiado pelo resultado e também pela festa dos tricolores no estádio, o presidente chegou a casa exultante.

A esposa, já deitada, ouviu a chegada, mas não viu o rosto satisfeito do marido. Acostumada aos fracassos da equipe, dona Zilda perguntou ao presidente o placar da partida.

Ele inflou o peito e bradou:

— Quatro a um!

Ela virou, desanimada, e perguntou, com pena do companheiro:

— E quem fez o gol do São Paulo?

Na mesma época em que festejou aquela rara vitória por goleada, Laudo Natel sofria para conter a tentação de impor uma pausa à construção do estádio e abrir os cofres para armar um esquadrão de craques.

A torcida não queria esperar o fim das obras para voltar a celebrar um título.

Mesmo assim, o presidente agarrou-se a uma promessa feita no início do projeto: nenhum centavo levantado para a obra seria aplicado no time.

Aos torcedores, só restava esperar – e ao presidente, suportar as críticas, os xingamentos e as reclamações.

Um dia, quando voltava para casa, Laudo passou pelo Pacaembu e notou que o jogo do São Paulo ainda estava na metade.

Entrou discretamente e ficou vendo o jogo. Para seu azar, a equipe atravessava mais uma noite melancólica e saiu vaiada de campo.

Um rapaz aproximou-se de Laudo e pediu:

— Presidente, meu irmão acabou xingando o senhor no calor da partida e foi preso. O senhor não poderia perdoá-lo e pedir que o soltem?

Laudo concordou.

Dirigiu-se então ao “chiqueirinho” do Pacaembu, onde o delegado de plantão era Lisandro Bartholo, antigo jogador do São Paulo e conselheiro vitalício do clube.

Lisandro, ao ver o governador e presidente, indagou:

— A que devemos a honra ?

Laudo, político matreiro:

— Vim aqui para te ver.

E olhando o “chiqueirinho” abarrotado de torcedores, perguntou a Lisandro:

— Qual o rapaz que foi preso por me xingar?

Constrangido, Lisandro respondeu:

— Todos eles, governador.

O presidente Laudo Natel aguardava com ansiedade o dia 25

de janeiro de 1970, quando se daria a inauguração do Estádio Cícero Pompeu, cujas obras havia conduzido como presidente.

Nessa época ele já era governador e convidou para a inauguração, com bastante antecedência como se requer nestes casos, o Presidente da República, Costa e Silva. Ele havia aceito o convite, mas deixou o cargo por causa de uma doença. Médici, seu substituto, também foi convidado e aceitou.

Naquela época, o Brasil passava por momentos de instabilidade social e os agentes de segurança da Presidência da República achavam perigoso deixar o Presidente entrar no campo. Além dos riscos à integridade física, tinham receio de que ele pudesse receber vaias.

O estádio estava cheio, 110 mil pessoas, por baixo.

— Presidente, entre comigo, insistiu Laudo, para completar:

— Dediquei uma vida a esse estádio e espero ter o reconhecimento hoje.

Médici aceitou. Quando os dois pisaram no gramado, a multidão deu início a uma inesquecível ovação.

A saudação ao presidente do São Paulo F. C. estremeceu pela primeira vez as arquibancadas do gigante Morumbi.

Laudo Natel recebia, quando era presidente do Tricolor, inúmer-

ros pedidos de torcedores e de simpatizantes em geral. Eram solicitações de camisas, bolas, flâmulas, entre outros pedidos.

Entretanto, quando do advento do rádio à pilha (transistor), os pedidos passaram a envolver quase só o referido objeto.

Certo dia, Natel recebeu um pedido de um são-paulino do interior do Paraná, nos seguintes termos:

“Ilustríssimo Senhor Laudo Natel, Digníssimo Presidente do clube de meu coração. Moro no interior do Paraná, onde não existe energia elétrica ainda e, pela distância, a mesma deverá demorar muito a chegar. Sou são-paulino desde que me conheço por gente. Quando acontecem os jogos do São Paulo, eu percorro 22 quilômetros a cavalo para ir até a casa do meu compadre, que tem um rádio à pilha, para ouvir as irradiações das partidas...”

Em seguida, ele declinou seu pedido.

Laudo então perguntou a seus companheiros:

— Adivinhem o que ele pediu?

— Um rádio de pilha - respondeu Agnelo Di Lorenzo.

— Claro que é um rádio de pilha - afirmou Feola.

— Não há a menor dúvida - observou Jérson, outro funcionário dos mais antigos.

Pois não era.

O torcedor pediu uma lambreta para ir à casa do seu compadre, ouvir os jogos do São Paulo, uma vez que a cavalo cansava muito.



ROBERTO DIAS BRANCO

No final dos anos 50, o treinador das equipes inferiores do São Paulo era Remo Januzzi, craque do “Esquadrão de Aço” dez anos antes.

Manoel Raymundo Paes de Almeida prometia-lhe prêmios especiais por jogador que revelasse e se firmasse no time principal.

— Dois eu garanto, dr. Manoel: Dias e Jonas - dizia ele ao diretor.

Dias foi até para a Seleção nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, onde formou o meio de campo com Gérson, que era do Fluminense e, dez anos depois, viria para o São Paulo. Firmou-se, depois, como um dos melhores jogadores do São Paulo de todos os tempos.

Jonas, pena, foi acometido por um câncer no joelho quando tudo indicava que atingiria mesmo o estrelato.

O Juventus sempre foi adversário difícil para os grandes, daí seu

apelido “Moleque Travesso”. Como em todo bom São Paulo X Juventus, naquele de meados da década de 60, houve muitos lances disputados, jogadas violentas, tudo permeado pela ânsia de vencer.

Num destes jogos, aconteceu o seguinte feito. A bola rondava a área do São Paulo. Dias estava lá, como sempre, empenhado para não deixar que a redonda passasse a linha do gol. A bola sobrou para um atacante do Juventus, que mandou um foguete na entrada da grande área. Dias evitou o gol quase feito. Mas a bola atingiu a parte mais delicada do corpo masculino, depois do bolso. Sentindo dores horríveis, Dias caiu. Tentou levantar-se. Ficou de joelhos e, quando pensou em pedir para parar o jogo, gritando “seu juiz”, outra bolada, disparada por outro jogador, atingiu sua a boca.

Sem poder falar e ainda contorcendo-se em dores, Dias somente rezou para que ninguém o acertasse de novo.



Titular absoluto desde 1961, Dias estava em plena forma quando, no início de 71, passou mal ao término da partida.

Chegando em casa, um médico verificou que ele estava sofrendo um infarto, e, pasme, aos 28 anos de idade.

A doença, causada em parte pelo cigarro, foi uma espécie de quarta “paulada” para Dias. Em 1966, foi excluído injustamente da

Seleção que disputou a Copa da Inglaterra, como o foram também Carlos Alberto Torres e Djalma Dias.

Em 1969, João Saldanha não o chamou para a Seleção Brasileira das Eliminatórias por causa do pouco tempo disponível para treinar. Preferiu escalar o time do Santos quase inteiro.

Logo depois, em 1970, Zagallo fez o mesmo e não convocou o zagueiro para a quarta-zaga, onde foi improvisado Wilson Piazza. Sorte que aquela Seleção ganhou, se não Zagallo penaria muito por causa desta falha.

No final de 1972, Dias voltou à ativa, mas sem o mesmo brilho e a garra de antes. Acabou indo jogar no Jalisco, de Guadalajara, no México, que tinha o ex-zagueiro tricolor Mauro Ramos de Oliveira como técnico.



ZEZÉ E AIMORÉ MOREIRA

O São Paulo teve dois irmãos, em épocas diferentes, dirigindo sua equipe de futebol, Zezé e Aimoré Moreira.

Zezé, sério, sisudo, de pouca fala, disciplinador, foi campeão paulista em 1970 e dirigiu a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1954, na Suíça.

Aimoré, falante, descontraído, mais poeta, mais íntimo dos jogadores, dirigiu o São Paulo duas vezes na década de 60 e foi o técnico da Seleção Brasileira campeã do Mundo no Chile, em 1962.

Até pelo seu estilo, Aimoré deixou mais histórias, entre as quais a mágoa por ter sido dispensado pelo Tricolor depois da Copa do Chile. Motivo: aceitou excluir do elenco da Seleção o craque Benê, que, segundo os médicos, tinha uma lesão no coração.

Os dirigentes tricolores acharam que Aimoré foi condescendente com o que chamaram de “farsa”, já que os exames de Benê

nunca acusaram nada no coração, nem antes e nem depois daquela Copa do Mundo.

Aimoré voltou em 66.

Num jogo contra o América, em Rio Preto, pelo Campeonato Paulista, um dos diretores de Futebol, Paulo Planet Buarque (os outros eram Wadi Sadi e Júlio Brisola), não se conteve, ante a derrota parcial do São Paulo.

No intervalo, pediu que o técnico não entrasse nos vestiários porque ele, Planet, teria uma conversa “séria” com os jogadores. Depois que eles entraram, o diretor mandou fechar a porta e determinou que todos tirassem a camisa do São Paulo, dizendo:

— Vocês são indignos de vesti-las. Além do mais, estão perdendo para uma equipe inexpressiva, cujos salários dos jogadores somados é menor do que o de um único jogador do São Paulo.

Dito isto, o diretor retirou-se dos vestiários, deixando os jogadores sozinhos.

No segundo tempo, o São Paulo foi brilhante e virou o jogo. Todos voltaram contentes para São Paulo.

Aimoré não falou nada.

No outro dia, Aimoré chama Planet e diz:

— Nunca mais faça isto.

Planet responde:

— Mas, não ganhamos o jogo ?

— Ganhamos, é claro. Mas, se o diretor fala em separado com os jogadores, sem a minha presença, vão acabar dizendo que o técnico não faz falta e eu vou acabar sem emprego.

Concentração do Morumbi, estádio já parcialmente inaugurado. Num início de noite, de um arroz-com-feijão básico, mais uma salada e um bife grelhado, chegou a vez de Dias provar a sobremesa de marmelada.

De brincadeira, ele jogou um pedaço do doce para cima, que ficou grudado no teto. De repente, Aimoré surge no recinto. Não deu outra. A marmelada caiu bem em cima dele.

Muito bravo, o técnico foi logo perguntando quem tinha feito aquela brincadeira.

Dias assumiu.

Aimoré perdoou. Ele era companheiro.

Campeonato Paulista de 1966. Os diretores de futebol eram

Wadi Sadi, Júlio Brisola e Paulo Planet Buarque. O técnico, Aimoré Moreira. Apesar da boa campanha do primeiro turno, com o time permanecendo invicto até o último jogo, o treinador insistia na contratação de um meio-campista experiente. A derrota por 2 a 1 para o Santos na derradeira partida do turno precipitou uma reunião na Comissão Técnica.

Aimoré:

— *Temos de contratar um jogador experiente. Que jogue no meio do campo.*

Brisola pergunta:

— *Quem é esse jogador? Onde está?*

— *É o Didi, que está em litígio com o Botafogo, responde Aimoré.*

— *Será que ele quer jogar em São Paulo? pergunta Sadi.*

— *Eu falo com ele. Eu o levei para a Seleção em 62.*

— *Será que não está velho demais? indaga Planet.*

— *Ele está bem. E não se fala mais nisso. Eu quero o Didi - insiste Aimoré.*

No outro dia, vão falar com Marcel Klazsko, diretor financeiro, que logo avisa:

— *Não temos dinheiro.*

— *Mas necessitamos do jogador, é minha opção - diz Aimoré.*

— *Só se for por empréstimo. - retruca o Klazsko.*

Planet embarca para o Rio e contrata o jogador com enorme sacrifício para o clube.

Na mesma semana, Didi estréia contra a Portuguesa. Precipitadamente, aliás.

O São Paulo perde o jogo.

Didi só jogou aquela partida e foi dispensado.

No outro dia, os jornais estampavam a indignação de Aimoré pela contratação do craque.

— Isso é coisa de diretoria. Eu nunca pedi esse jogador.

Mas todos da diretoria sabiam a verdade.

Ontem, como hoje ...



NELSINHO E BABÁ

A dupla de atacantes Nelsinho-Babá fazia muito sucesso no Guarani na segunda metade da década de 60, despertando o interesse dos times grandes, principalmente paulistas. O então diretor de futebol, Paulo Planet Buarque, marcou uma reunião com os dirigentes do Guarani para tratar do caso. O São Paulo levava em consideração não só as qualidades de Nelsinho e Babá como também uma tradição de sempre se dar bem com jogadores vindos do Guarani.

— O caixa do São Paulo estava baixo e nós sabíamos que o caixa deles também estava fraco — relembra Planet.

A reunião foi marcada para Campinas. Representavam o clube campineiro o presidente, Jaime Silva, e o diretor de futebol, Eduardo José Farah.

Foi uma reunião demorada. Planet tentava convencê-los a dar

um desconto ao Tricolor e também uma dilatação de prazo, utilizando os mais diversos argumentos.

Os diálogos ficaram nervosos e, às vezes, tensos. Farah, por duas vezes, saiu da sala.

O presidente do Guarani dizia que havia outro interessado nos jogadores, mas Planet não se importava com estes argumentos.

De repente, o telefone da sala tocou. Farah atendeu. Pediu silêncio e disse ao interlocutor, fazendo entender a todos que falava com diretores do Palmeiras, transmitindo inclusive as condições do negócio.

Depois de longo silêncio ao telefone, Farah volta a falar:

— Ah! Vocês cobrem a proposta? Vou falar com os diretores do São Paulo. Depois eu ligo.

Desligou o telefone.

Planet mudou radicalmente o encaminhamento do negócio e o concluiu:

— As condições são um pouco altas para o meu clube, mas para terminar logo esta conversa, aceitamos fechar nas bases pedidas pelo Guarani.

O negócio foi fechado naquele instante. Foi dado o cheque, assinaram-se os papéis, etc etc.

Mas, até hoje, quando se recorda daquela noite, Planet indaga para si mesmo:

— Será que aquele telefonema foi verdadeiro ou foi forjado?

Eta, Farah...



PEQUENAS HISTÓRIAS

DOS

ANOS 60

—□— PASSA A BOLA, SEU BELLINI —□—

Hideraldo Luís Bellini, zagueiro do São Paulo entre 1962 e 1968, consagrou-se como capitão da Seleção Brasileira campeã do mundo de 1958, na Suécia. Sua foto segurando a Copa Jules Rimet com as duas mãos, sobre a cabeça, tornou-se um dos símbolos do futebol brasileiro.

Essa imagem de ídolo, de grande jogador, foi a razão de sua contratação pelo São Paulo. Na ocasião, o diretor de futebol Manoel Raymundo Paes de Almeida achava que o Tricolor precisava de mais uma “bandeira” no elenco para atrair a torcida.

Pois bem. No seu primeiro treino, fotos daqui, de acolá, repórteres, microfones, entrevistas mil e, finalmente, Bellini entrou em campo.

Entrou já meio encabulado e acabou completando seu constrangimento com o tratamento que lhe foi dado por alguns jovens profissionais:

— Passa a bola, “seu” Bellini.

—□— O SANTOS DE PELÉ FUGIU DE CAMPO —□—

O Santos dominou os campeonatos paulistas da década de 60, mas nem por isso deixou de amargar grandes derrotas.

Várias delas foram para o São Paulo, que naquela época estava mais voltado à construção do Morumbi do que propriamente às conquistas dentro do campo.

Mas uma delas foi especial, ocorrida no Campeonato Paulista de 1963, mais precisamente no dia 15 de agosto daquele ano, época em que o Santos, após ter vencido a Libertadores e o Mundial Interclubes, estava a caminho do bi.

O Pacaembu estava cheio.

O São Paulo jogou com Suly, Deleu, Bellini e Ilzo; Dias e Jurandir; Faustino, Cecílio Martinez, Pagão, Benê e Sabino.

Santos: Gilmar, Lima, Mauro e Geraldino; Zito e Aparecido; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe.

O árbitro, o melhor da época, dizia-se, foi Armando Marques.

Faustino abriu o placar. Pelé deixou tudo igual, mas por pouco tempo. Benê desempatou. Aos 40 minutos do primeiro tempo, Cecílio Martinez assinalou o terceiro gol tricolor.

Pelé e Coutinho, inconformados, desacatarem o árbitro e foram expulsos, primeiro Coutinho, depois Pelé.

No intervalo, o comentário geral era de que o Santos não voltaria para o segundo tempo, com receio de uma goleada histórica que poderia repercutir até no exterior, onde seu time começava a ser conhecido.

Mas voltou, só que sem o quarto-zagueiro Aparecido. Naquela época, não havia substituição durante o jogo e a explicação foi a de que Aparecido se machucara.

Logo no início do segundo tempo, Pepe, sozinho, caiu inexplicavelmente em campo e saiu de maca.

A fuga ia se caracterizando, mas não antes de Pagão fazer o quarto gol tricolor. 4 a 1!

Aí, quem caiu foi Dorval.

Com seis jogadores santistas em campo a partida não poderia continuar.

Só por isso a goleada não foi maior.

—□— “O HOMEM É LOUCO” —□—

Bem que Bellini tentou segurar Pelé após a expulsão de Coutinho. Amigos e companheiros de Seleção Brasileira, Bellini exclamou:

— Não vai lá que o homem te expulsa também. Ele é louco.

Pelé foi e ouviu a frase peculiar do juiz para aqueles momentos:

— O senhor está expulso. Por favor, retire-se.

No vestiário, após o fim do cai-cai, uma rádio colocou o fone de ouvido em Bellini e em Pelé.

Ainda revoltado, Pelé desafiou o zagueiro são-paulino:

— Quero ver você repetir que o Armando é louco.

Bellini, sem arrependimentos:

— Eu nunca disse isso, Pelé...

—□— DE FURACÃO A VENTINHO —□—

Em 1963, o São Paulo foi ao Uruguai e derrotou o Peñarol, campeão do mundo de 1961. Meses depois, goleou o Santos, campeão do mundo de 1962, por 4 a 1, no famoso jogo do cai-cai. Logo em seguida, participou da II Pequena Copa do Mundo de Caracas e ganhou do Real Madrid, campeão do mundo de 1960.

As vitórias sobre os três campeões do mundo levaram o cronista esportivo Thomaz Mazzoni, o “papa” daquela época no futebol paulista, a escrever que o São Paulo, se quisesse, poderia colocar mais três estrelas sobre seu símbolo

Já em 1964, depois de terminar o Rio-São Paulo em último lugar, o São Paulo fez uma excursão à Europa. Iniciou-a, obviamente, desacreditado, mas foi ganhando, ganhando e o descrédito transformou-se em admiração.

A imprensa passou a cognominar o time de “Furacão”, dando ótimas manchetes com tons nacionalistas.

Voltando ao Brasil, o time começou o campeonato perdendo

para o Juventus e continuou caindo até terminar a competição em quinto lugar. Os torcedores diziam, então, que o Furacão havia virado “Ventinho”.

—□— TERTO EM PARIS —□—

O atacante Terto (Tertuliano Severiano dos Santos) foi um dos jogadores mais eficientes do São Paulo durante, aproximadamente, dez anos. Era desmanzelado, mas fazia muitos gols.

Era também folclórico. Adquirido do Santa Cruz de Recife no início de 1968, ele chegou às vésperas de uma excursão à Europa.

Em São Paulo, só houve tempo de fazer exames médicos, ir ao dentista para dar uma arrumadinha na arcada e tirar medidas para receber roupas apropriadas.

Logo a delegação estava em Paris, e Terto viu sua vida de rapaz mudada em poucos dias.

Depois da chegada e instalação no hotel, os dirigentes liberaram os jogadores para conhecer a cidade.

No começo da noite, todos já estavam de volta ao hotel. Só faltava um ... Terto.

O chefe da delegação, Dr. Waldemar Mariz de Oliveira Jr., perguntou:

— Onde está o Terto?

Ninguém sabia.

O tempo foi passando. Já era hora de jantar e nada do Terto.

A preocupação foi aumentando. Os dirigentes ligaram para a Polícia, Consulado, etc...

Por volta das 8 horas da noite, finalmente, Terto chegou ao hotel acompanhado de um senhor, que, pelo sotaque, também era nordestino.

O Dr. Mariz perguntou:

— O que aconteceu?

Terto, em sua simplicidade, respondeu:

— Saí andando por aí. Não sabia onde estava, então fiquei parado numa esquina para ver se aparecia algum conhecido.

— E daí?

— Este senhor que me trouxe chegou perto de mim e perguntou: “Você não é o Terto? Eu sou torcedor do Santa Cruz. Reconheci você.”

— Expliquei a situação e ele me trouxe até aqui.

—□— O VALENTE PARANÁ —□—

Garra, raça, valentia, destemor e que tais eram a característica mais marcante do ponta-esquerda Paraná, bicampeão paulista em 1970/1971.

Jamais, em toda sua carreira, levou desaforo para casa. Para ele, tanto fazia jogar no Morumbi, Pacaembu, Jaú, Marília ou qualquer cidade.

Certa feita, numa excursão à Europa em 1969, o São Paulo

jogou contra o Estrela Vermelha da cidade de Sarajevo, na Iugoslávia, local que nos últimos anos foi duramente atingido pela Guerra dos Balcãs.

— Os adversários batiam da “medalhinha” para cima - lembra o jornalista Walter Lacerda, que acompanhou a delegação naquela viagem

Mas não em Paraná.

Ao contrário, quem batia era ele, depois de perceber que os jogadores do Estrela Vermelha queriam intimidar os são-paulinos.

A torcida local ficou deslumbrada com a valentia do craque e passou a aplaudir suas jogadas.

No dia seguinte, pasme, alguns torcedores foram até o hotel levar flores para Paraná:

— Foi o jogador mais valente que já jogou em Sarajevo - disse um deles.

—□— O CARNÊ PAULISTÃO —□—

O São Paulo descobriu uma verdadeira “mina de ouro” no fim dos anos 60, o Carnê Paulistão, responsável pelo término do Morumbi e pela formação de uma equipe com jogadores de alto nível, como Toninho Guerreiro, Gérson, Forlan e Pedro Rocha, entre outros.

Tratava-se de uma espécie de bingo, idealizado pelo são-paulino Hélio Setti, que sorteava prêmios aos montes, ao vivo, pela TV

Excelsior, todos os dias, às 21 horas, no intervalo das novelas.

Quem estivesse em dia com o pagamento do carnê, concorria aos prêmios. Ao quitar o carnê o comprador escolhia um prêmio entre os anunciados. Era mais ou menos o que o Baú da Felicidade faz hoje.

Todo mundo comprava. O Paulistão tornou-se uma febre nacional.

Mais tarde, os outros clubes imitaram o São Paulo, obtendo autorização do Ministério da Fazenda para realizar o sorteio.

Mas o número excessivo de carnês de times diferentes confundiu o público. Só o Paulistão deu certo.



ANOS 70

O Morumbi foi inaugurado, completo, dia 25 de janeiro, e com ele voltaram os títulos importantes.

Foram os anos de Pablo Forlan, Gérson, Chicão, Serginho, Pedro Rocha, Toninho Guerreiro, Valdir Perez...

O grande estádio causou, ao mesmo tempo, euforia e inveja. O público pagante nos jogos de futebol do Estado de São Paulo entrou em outra estratosfera. Em vez de no máximo 50 mil, agora chegava a 100 mil, 120 mil, podia chegar até 150 mil. Mas tinha gente falando que o Morumbi era longe, fora de mão...

Nos anos 70, o São Paulo arrancou novamente em conquistas: foi campeão paulista de 70, 71 e 75 e foi campeão brasileiro de 77, só para falar das mais significativas.

INAUGURAÇÃO

DO

MORUMBI (II)

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo foi inaugurado em toda a sua plenitude (com capacidade para 120 mil pessoas) no dia 25 de janeiro de 1970, com um amistoso internacional entre São Paulo e F.C. do Porto de Portugal.

O placar foi 1 a 1. O São Paulo começou na frente com gol do ponta-direita Miruca, que, assim, ficou para a história.

O time tricolor atuou com Picasso, Édson, Jurandir, Dias e Tenente; Lourival e Gérson; Miruca (Zé Roberto), Toninho, Téia (Babá) e Paraná (Claudinho).

Um fato curioso ocorreu pouco antes da inauguração do está-

dio do Morumbi.

Por essa ocasião, já estavam instituídas as traves roliças, feitas com madeira de ipê ou perobinha.

O São Paulo Futebol Clube já dotara o seu campo com esse tipo de material, porém, para o grande evento, quis instalar traves novas.

A empresa encarregada daquela confecção postergava e postergava a entrega das referidas traves até que, às vésperas do grande acontecimento, comunicou que não tinha condições de fabricá-las.

Motivo: não encontrava “na praça” caibros de sete metros. Os mais compridos eram de carroceria de caminhão e mediam quatro metros e meio.

Resultado: ninguém percebeu, mas o estádio foi inaugurado com as traves antigas!

Poucos dias antes da inauguração do Morumbi, as fôrmas de madeira (entulho que sobrou do processo de conclusão do complexo são-paulino) ainda não tinham sido retiradas, e a empresa responsável por esse serviço queria 40 dias para executá-lo.

O dr. Astolfo Araújo, diretor do São Paulo e amigo do general Coutinho, comandante da 2ª Região Militar, deu um jeito.

Sabendo que os militares estavam precisando de madeira velha, ofereceu uma troca ao general Coutinho: o São Paulo dava a madeira, mas o Exército tinha de tirá-la de lá em um dia.

Dito e feito.

As madeiras foram retiradas do Morumbi numa verdadeira “operação de guerra”.



O TÍTULO DE 70

Doze anos depois, o São Paulo voltou finalmente a ser campeão paulista. O jejum, desde 1957, deve ser creditado à construção do Morumbi. Ou seja: a maior parte do dinheiro arrecadado pelo clube era destinado às obras, não ao time.

O Carnê Paulistão, que começou a funcionar em 1967, teve tanto sucesso que, além de ajudar na conclusão do estádio, proporcionou recursos para o São Paulo montar um time para o Campeonato de 1970.

Contratou, entre outros, o lateral-direito uruguaio Pablo Forlan, os meio-campo Édson e Gérson, o centroavante Toninho Guerreiro, então tricampeão pelo Santos, além do técnico Zezé Moreira, um dos mais respeitados do País.

Foi tiro e queda.

O São Paulo voltou a ser campeão justamente no ano da inau-

guração do Morumbi completo.

O título veio na penúltima rodada, com uma vitória sobre o Guarani, em Campinas, por 2 a 1. O time que jogou essa partida foi Sérgio, Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto (Tenente); Édson e Nenê; Paulo, Terto (Benê), Toninho e Paraná. Técnico: Zezé Moreira.

Gérson, que estava com pé engessado, fez questão de ir com a equipe e ficar sentado no banco de reservas.

Na última rodada, o São Paulo enfrentou o Corinthians, que, não tendo outro jeito, colocou as faixas no campeão.

O São Paulo sempre teve grandes goleiros, entre eles, Sérgio Valentim, titular do time bicampeão paulista de 1970/71, apelidado de São Sérgio pelos milagres que operava debaixo dos três paus.

Mas se dependesse da final de 70...

Mais ou menos no meio do segundo tempo, quando o São Paulo vencia por 2 a 0, houve uma pane no sistema de iluminação do estádio. Os refletores se apagaram e se acenderam numa fração de segundos, suficiente, porém, para ocasionar o gol do Guarani: chute de Cardoso com a bola passando no meio das pernas de Sérgio.

Foram, depois, uns 20 minutos de sofrimento, compensado pelas faixas.



O TÍTULO DE 71

A final foi contra o Palmeiras, que estava um ponto atrás.

Toninho Guerreiro fez o gol logo no início do jogo em que o adversário teve um gol, do meia Leivinha, anulado, num lance que deu muita polêmica.

O árbitro, Armando Marques, alegou que foi com a mão. Os jogadores do Palmeiras armaram a maior confusão, garantindo que foi de cabeça (as tevês não pegaram o lance).

Interessante também foi o grito do volante são-paulino Édson ao árbitro no momento do gol anulado:

— Foi com a mão! Não vá errar de novo!, referindo-se ao lance famoso daquela época acontecido num Fla-Flu decisivo do Campeonato Carioca, em que o mesmo Armando Marques validou um gol de mão (claramente mostrado nos teipes das tevês) do ponta direita Wilton, que deu o título ao Fluminense.

Será que o grito de Edson valeu?

O time que bateu o Palmeiras perante 103.887 pagantes, no Morumbi, foi este: Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson, Gérson e Pedro Rocha (Carlos Alberto); Terto, Toninho e Paraná. Técnico: Osvaldo Brandão.

Com o título de campeão paulista de 1971, o centroavante Toninho Guerreiro conseguiu uma façanha inigualável no futebol paulista: foi pentacampeão, tendo ganho os títulos de 1967, 68 e 69 pelo Santos, de quem foi contratado em agosto de 69, e os títulos de 70 e 71 pelo São Paulo.

Era um craque espetacular, clássico e guerreiro ao mesmo tempo.

Foi o artilheiro dos campeonatos paulistas de 1970 e 1972 atuando pelo Tricolor.



O TÍTULO DE 75

Este campeonato revelou ao País um dos seus maiores artilheiros, Serginho, o jogador recordista de gols com a camisa do São Paulo, 242. E, pasme, ele surgiu de um acaso.

O centroavante titular era Mirandinha, jogador de seleção e titular absoluto. Mirandinha, porém, teve a perna fraturada num jogo em Rio Preto, com o América.

O técnico, Poy, testou os atacantes reservas e nem imaginava dar chance naquela posição a um ponta-esquerda que havia vindo de um empréstimo ao Marília e estava sendo emprestado novamente ao XV de Piracicaba.

Mas colocou Serginho no comando do ataque num jogo amistoso em Manaus. Ele fez dois gols, foi ficando e ganhou a posição de maneira incontestável, tornando-se o artilheiro do Paulista-75 – cujo título o São Paulo ganhou em finais contra a Portuguesa.

Primeiro jogo, São Paulo 1 a 0. Segundo jogo, Portuguesa 1 a 0, o São Paulo a maior parte do tempo com 10 jogadores devido à expulsão do meia Muricy, ainda no primeiro tempo.

O jogo foi para a prorrogação (o São Paulo ainda com dez) e para os pênaltis, disputa que o Tricolor ganhou por 3 a 0.

O time da decisão foi Valdir Perez, Néelson, Samuel, Paranhos e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha, Muricy e Zé Carlos; Terto e Serginho. Técnico: José Poy.

O jogador que mais vestiu a camisa do São Paulo também foi responsável direto por alguns de seus maiores títulos. O excepcional Valdir Perez defendeu a meta tricolor durante dez anos – de 1973 a 1983 – e, nesse tempo, mudou a história de duas importantes decisões em pênaltis.

Para isso, fez proveito de um talento muito especial: o de irritar os adversários.

Com muito sangue-frio, Valdir levou o São Paulo a um inesquecível título paulista em 75, contra a Portuguesa.

“Pode mandar em qualquer canto que eu vou pegar!”, gritou para Dicá, primeiro da Lusa a bater.

Pegou.

“A casa está cheia, você está nervoso e vai errar”, disse para

Wilsinho.

O ponta chutou por cima.

“Vou defender como fiz com os outros. Você está nervoso”,
falou para Tata, terceiro cobrador luso.

E defendeu mesmo. São Paulo campeão.



O TÍTULO BRASILEIRO DE 77

Este título foi ganho em final única contra o Atlético Mineiro, no Mineirão, diante de mais de 100 mil atleticanos, que fizeram, naquele dia, o ‘silêncio mais ensurdecedor’ da história do grande estádio.

O Atlético, com a melhor campanha da competição, era o favorito. Mas o São Paulo, com muita garra, segurou o 0 a 0 nos 90 minutos regulamentares e na prorrogação, e a decisão foi para os pênaltis.

Nos pênaltis, os mineiros chegaram a estar ganhando por 2 a 0. Era fazer mais um e pôr a mão no título. Mas erraram os outros três, e o São Paulo converteu os três últimos, vencendo por 3 a 2.

O time tricolor dessa partida foi Valdir Perez, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Viana (Neca); Mirandinha e Zé Sérgio. Técnico: Rubens Minelli.

Um dos fatos marcantes da decisão do Campeonato Brasileiro de 1977 foi o pisão do capitão tricolor, Chicão, no meia Ângelo, do Galo, quando este estava caído, já no segundo tempo do jogo.

O jogo estava sendo disputado virilmente, lance a lance. Num determinado momento, o meia Neca, do São Paulo, chocou-se com o meia Ângelo, do Galo, que ficou caído, se contorcendo.

A bola continuou rolando. Ao ver Ângelo no chão e achando que ele estava fingindo, Chicão passa por ele pisando-lhe na perna machucada e dizendo:

— Levanta covarde ...

Na verdade, Ângelo tinha sofrido ruptura dos ligamentos no choque com Neca.

Chicão foi amaldiçoado pelos atleticanos e pela imprensa mineira naquela ocasião.

Anos depois, o volante foi contratado pelo clube mineiro, para dar mais respeito ao time. Foi capitão e campeão.

Outro fato de destaque na decisão do Brasileiro de 1977 foi

protagonizado pelos “Duendes do Futebol” (e pelo goleiro Valdir Perez, como no Paulista-75) na disputa de pênaltis. Nervos, logicamente, à flor da pele.

Chicão bateu o primeiro e errou. Ziza fez Atlético 1 a 0. Getúlio cobrou o segundo pênalti tricolor e, pasme, também errou. Alves fez Atlético 2 a 0.

Foi quando Valdir e os “duendes” entraram em ação.

Valdir provocou Cerezo e ele chutou fora o terceiro pênalti atleticano.

Joãozinho Paulista também se intimidou com a frieza do arqueiro tricolor e errou

O São Paulo foi acertando (Perez, Antenor e Bezerra).

O zagueiro Márcio bateria o último pênalti da série de cinco. Se marcasse, decretaria 3 a 3 e a decisão iria para as cobranças alternadas.

Com muita malícia, Valdir deu um tapinha no traseiro no zagueiro do Galo quando este se dirigia para a marca da cal.

— Você vai errar!!!

O zagueiro mandou a bola para as nuvens.

São Paulo campeão, para a tristeza atleticana.



HENRI AIDAR

Uma das características marcantes do dr. Henri Aidar, presidente do São Paulo de 1970 a 1978, era a sagacidade.

Em 1975, as finais do Campeonato Paulista foram disputadas entre São Paulo e Portuguesa de Desportos. O Tricolor venceu o primeiro jogo por 1 a 0, gol de Pedro Rocha.

No segundo jogo, logo aos 18 minutos do primeiro tempo, nosso meia Muricy foi expulso de campo. Com um jogador a mais durante quase toda a partida, a Portuguesa ganhou por 1 a 0 — levando a decisão do título para a prorrogação.

Henri Aidar aproximou-se do juiz, Dulcídio Wanderlei Boschilia, e o informou:

— Aqui está a escalação do time.

— Mas vocês estão escalando onze jogadores, e o Muricy foi expulso.

- Aquele foi outro jogo.
- Como assim ?
- Na prorrogação, o placar inicial é 0 a 0?
- É, claro.
- Então, é outro jogo.
- O regulamento não diz isso.
- O regulamento está errado.
- Eu tenho de respeitar o regulamento.
- Mas nós vamos escalar onze jogadores.
- O Muricy não pode entrar. Ele foi expulso.
- Aquele era outro jogo ...

Este bate-boca durou mais de quinze minutos.

Enquanto isto, a equipe do São Paulo descansava nos vestiários e a da Portuguesa, já em campo, vivenciava os momentos de tensão que antecedem uma prorrogação.

A “confusão” deu certo. O São Paulo entrou mais descansado e suportou a prorrogação.

Nos pênaltis, o São Paulo foi campeão.

Decisão do Brasileiro-77, Atlético-MG vs. São Paulo, dia 5 de março de 78.

O então presidente, Henri Aidar, foi convidado pelo presidente

da Federação Paulista de Futebol, na época, José Ermírio de Moraes Filho, para viajar a Belo Horizonte em seu jato particular. Ele cancelou o voo de carreira que pegaria durante a manhã e foi no jato à tarde.

Enquanto isso, o filho do presidente e então diretor-adjunto do Departamento Jurídico do clube, Carlos Miguel Aidar, já havia chegado a Belo Horizonte e ouviu que o Atlético teria conseguido um efeito suspensivo para que o centroavante Reinaldo jogasse a final, ele, que estava suspenso por quatro jogos.

Então, Carlos Miguel ligou para sua mulher, em São Paulo, e disse para ela telefonar para o São Paulo. A instrução era achar Serginho Chulapa, então suspenso por 14 meses por chutar um bandeirinha. Acionado, Serginho viajou imediatamente para Belo Horizonte.

Quando Henri chegou a Minas, Carlos Miguel correu pela pista do aeroporto, alegando doença na família, e explicou toda a história para o seu pai. A partir daí, o presidente assumiu a confusão.

Chegando ao estádio, o presidente foi logo cercado dos repórteres. O mineiro Carlos Gropem, atleticano doente, foi o primeiro a perguntar:

— O Serginho vai jogar?

— Sim..

— Mas ele não está suspenso?

— Estava. Conseguimos a liberação.

— O senhor poderia mostrá-la?

— Só a mostraremos para o árbitro e ao representante.

O então técnico do São Paulo, Rubens Minelli, entrou na encenação, dando uma camisa número nove para Serginho, que logo colocou-se em aquecimento.

A porta do vestiário ficou propositadamente entreaberta.

A imprensa cuidou de levar a informação para o lado do Atlético, que garantia: se Serginho entrasse em campo, Reinaldo (cuja punição não estava em efeito suspensivo, como se supôs pela manhã), também jogaria.

Na hora de assinar a súmula, nenhum dos times queria ser o primeiro.

Porém, na hora das equipes entrarem em campo, nenhum dos jogadores, pivôs do duplo blefe, estavam presentes.

Minelli comentou com o presidente:

— Tenho impressão que eles (Atlético) ficaram perturbados.

No final do jogo, com a vitória do São Paulo e a conquista do título de campeão brasileiro, pai e filho se abraçaram, e Henri sussurrou ao ouvido de Carlos Miguel:

— Parece que nossa estratégia deu certo.

Na década de 60, quase todos os recursos do São Paulo eram destinados à construção do Estádio do Morumbi. Depois de pron-

to, sua magnitude causou inveja em todos os clubes de São Paulo. Não eram raras, como ainda não são, as reclamações infundadas de diretores rivais sobre as condições de jogo do estádio.

Um diretor de futebol do Corinthians, na década de 70, reclamava que não era possível jogar no Morumbi. Alegava que o grama não era bom e que lá ventava muito.

Às vésperas de um clássico São Paulo e Corinthians, marcado para o Morumbi, num programa de rádio, o tal diretor fez várias reclamações e disse que a grama do Morumbi era ruim.

Enquanto isso, o então presidente do São Paulo, Henri Aidar, esperava na escuta telefônica para entrar no ar.

A sua participação foi bombástica.

O locutor chamou-o, perguntando:

— Presidente Aidar, o senhor concorda que a grama do Morumbi é realmente ruim?

O dr. Henri respondeu, no melhor de sua verve:

— Não sei, nunca experimentei...



PABLO JUSTO

FORLAN

Este lateral-direito contratado pelo São Paulo juntamente com outros craques, para formar a grande equipe que nos tiraria de uma espera de 12 anos destacou-se pela cordialidade com os companheiros e virilidade com os adversários.

Trazido por Juan Figer em sua primeira participação como empresário junto ao São Paulo, Forlan foi recebido pelo presidente, Henri Aidar, com esta frase:

— Você chegou para nos ajudar a sair da fila.

Forlan não entendeu o que seria “sair da fila”.

Henri explicou:

— Estamos há 12 anos sem ganhar um título estadual.

Forlan prontamente afirmou.

— Vamos “sair da fila” neste ano.

Pouco antes do jogo que decidiu o título com o Guarani, em

Campinas, Forlan estava abaixado, amarrando a chuteira, quando Henri se aproximou dele:

— É hoje?

— É hoje, sim. Não vou deixar escapar esta.

E não deixou mesmo.

Certo dia, perguntaram a Forlan o porquê de tanta garra contra determinados clubes, e ele respondeu:

— No Uruguai, desde pequeno, aprendemos a escolher um inimigo. Deste modo, ou se é o Peñarol ou o Nacional. Ou se é uruguaio ou estrangeiro.

— E no Brasil ?

— Escolhi o Palmeiras.

Frase atribuída a Forlan:

— Ninguém é expulso de uma partida nos primeiros cinco minutos.

Baseado nesta máxima, aquele valoroso lateral, dizem, aproveitada aquele período do jogo para se impor sobre os pontas

que teria de marcar.

Que o diga Nei, ponta esquerda do Palmeiras no início dos anos 70



PEDRO ROCHA

O grande jogador Pedro Rocha foi um dos mais importantes jogadores do São Paulo. Ele veio do Paraná em setembro de 1970 por uma boa soma salarial de 1970. Chegou com 28 anos, já o jogador por três vezes da J. futebolista e dois mundiais. Quando chegou ao clube foi por três anos, mas não jogou nada. Rocha foi campeão estadual pelo São Paulo em 71 e 72, campeão brasileiro em 77. Chamado em "El Verdugo", porque sempre era chamado de "o selvagem" com um futebol rápido, chuto, forte e com um chute furioso e sempre bem colocado. Não era de falar muito, só quando de futebol, sempre com frases curtas no seu primeiro ano de São Paulo, ou mesmo de outros meio-campista. Estava mais tímido, ele chegava a se irritar com os companheiros.

— Eles são eles, eu sou eu — costumava responder.

PEDRO ROCHA

O craque uruguaio Pedro Rocha foi um dos mais brilhantes da história do São Paulo. Ele veio do Peñarol em setembro de 1970 e por aqui ficou até setembro de 1979. Chegou com 28 anos, já consagrado por três títulos da Libertadores e dois mundiais, entre outros. Era considerado por Pelé um dos cinco maiores jogadores do mundo.

Rocha foi campeão estadual pelo São Paulo em 71 e 75 e campeão brasileiro em 77. Seu apelido era “El Verdugo”, porque realmente “matava” os adversários com um futebol refinado, clássico, inteligente, com um chute fortíssimo e sempre bem calibrado.

Não era de falar muito, ao contrário de Gérson, com quem dividiu as atenções no seu primeiro ano de São Paulo, ou mesmo do outro meio-campista, Édson. Mais tímido, ele chegava a se irritar com as comparações.

— Eles são eles, eu sou eu — costumava responder.

Dentro de campo, entretanto, Rocha e Gérson eram de eficiências comparáveis (Édson, um pouco abaixo), com estilos diferentes. Rocha, mais artilheiro, mais refinado. Gérson, mais armador, mais rústico.

Era muito “cobra” para pouco espaço, especialmente no meio de campo. Rocha, Gérson, Édson ...

O sistema tático permitia que jogassem os três. Mas a divisão das funções, responsabilidades e, principalmente, do comando da equipe, viviam, nos olhos de alguns jornalistas, sobre um tênue fio de navalha. Um verdadeiro barril de pólvora.

Num jogo pelo campeonato, a situação aparentemente calma para quem estava de fora não correspondia à verdade.

O jogador Édson chega ao lado do técnico (Poy) e diz, contrariado:

— Puxa vida, o Pedro Rocha está sentindo a perna. Pediu para sair.

Incontinentemente, Poy providencia a substituição.

Ao sair de campo, Pedro Rocha pergunta ao técnico:

— Por que, o senhor me tirou do jogo ?

— Foi o Edson que disse que você pediu.

— Qualquer dia, eu acerto esse sujeito.



GÉRSON DE OLIVEIRA NUNES

Gérson veio do Botafogo, na mesma época que outros craques como Forlan, Edson Cegonha, Toninho Guerreiro, Pedro Rocha, etc... para a formação do grande esquadrão campeão paulista de 1970/71.

Dono de técnica aprimorada, de onde despontavam seus longos lançamentos de esquerda (daí o apelido “Canhotinha de Ouro”) e as faltas bem cobradas de média e curta distância.

Aliava esta capacidade irretocável a, às vezes, alguns chutões para cima ou para fora, com a finalidade de acalmar o jogo.

Gérson detestava andar de avião, o que o obrigava a ir de carro com mais alguém para jogar no Rio, Paraná, Minas etc. Só em localidades mais distantes é que entrava no avião.

O craque gostou tanto do São Paulo que, pressentindo o fim de sua carreira, pediu para ser vendido a fim de que o clube recupe-

rasse o dinheiro nele investido.

Gérson ficou famoso, também, pelas suas respostas e observações contundentes. Numa de suas primeiras partidas pelo Campeonato Paulista de 70, o técnico Zezé Moreira escalou na lateral-esquerda um crioulinho muito sorridente que seria conhecido, mais tarde, como Gilberto Sorriso, e que estava iniciando sua carreira.

Meio conturbado pela chance de jogar no time principal e de estar ao lado de tantos cobras, Gilberto aproximou-se de Gérson e perguntou, com todo o respeito possível:

— Seu Gérson, o que é que eu faço?

Gérson, já quase uniformizado e olhando para o garoto já pronto para entrar em campo, responde, secamente:

— Olha, é só passar a bola para o pessoal que está com o uniforme igual ao nosso. Certo?

Cláudio Deodato, que jogava pela lateral-direita mas que, apesar de esforçado, não seria nunca um grande craque, pediu para falar com Gérson, um dia, na concentração:

— É claro. Deixa eu acabar de comer que já falaremos.

Acabada a refeição, Deodato acercou-se de Gérson:

— Pode ser agora?

— Pois não. O que você quer?

— Meu contrato está para vencer e eu não sei bem o que fazer.

— Você aceita um conselho?

— Claro, pode falar.

— Se eu fosse você, mudava de profissão. Certo?

Gérson estreou no São Paulo juntamente com Toninho Guerreiro num jogo contra o Atlético Mineiro, no qual fomos derrotados por 5x2 no Morumbi.

Acabado o jogo, a torcida vaiou e xingou os jogadores, principalmente os estreantes.

Seriam dois jogadores em fim de carreira?

Tão logo chegou ao vestiário, Gérson começou a gritar, dirigindo-se aos outros jogadores:

— Vocês estão querendo me boicotar? Eu vim aqui para jogar bola, para tirar este time da fila e para vocês ganharem dinheiro com as vitórias e os bichos. Se vocês não quiserem nada disso é só falar. Eu pego a mala e vou embora. Certo?

O silêncio foi total.

Alguns esboçaram desculpas pelo resultado. Outros ficaram quietos.

Dali em diante, todos passaram a respeitar o novo líder.



SERGINHO

(SERGIO BERNARDINO)

Serginho Chulapa foi uma das maiores dores de cabeça para o São Paulo em 1978. Ele havia chutado o bandeirinha Wandevaldo Rangel e, a partir de fevereiro, pegou uma suspensão de 14 meses. Quando Carlos Miguel Aidar assumiu a diretoria jurídica do Tricolor, naquele mesmo ano, seu grande desafio era diminuir a pena do jogador. Ele utilizou toda a sua bagagem jurídica, mas nada conseguiu.

Já não havia mais instâncias a recorrer.

Então, Carlos Miguel, aproveitando-se do clima criado com a chegada do papa João Paulo II no Brasil, pediu indulto ao presidente do CND (Conselho Nacional de Desportos), General César Montanha.

Todos os jogadores suspensos foram perdoados.

Serginho Chulapa cumpriu quatro meses a menos do estipula-

do, ao que Carlos Miguel confidenciou:

— A justiça não concedeu, mas Deus atendeu.

O São Paulo excursionou para os Estados Unidos em 1981, e Serginho protagonizou esta história com o garçom de um hotel de Miami – onde, como em quase todo aquele país, há o costume de se beber leite frio.

Os jogadores queriam leite quente. Como nenhum deles falavam inglês, a comunicação foi “empolgante”.

Uma hora um, outra hora outro, eles tentavam explicar o que queria ao garçom.

— Milk quente - era o que mais se ouvia.

O garçom não entendia e trazia leite frio. Todos riam com o “erro”, inclusive o garçom.

Aí, Serginho, estilo malandrão, encontrou finalmente a solução. Tirou o isqueiro do bolso do seu agasalho e acendeu-o em baixo do copo.

O garçom, finalmente, pronunciou o tão esperado OK.

Segundos depois, ele trouxe o leite quente.

Serginho deve grande parte de sua descontração ao psicólogo João Carvalhaes, o introdutor da psicologia no futebol brasileiro, que se tornou famoso por pertencer à equipe de Paulo Machado de Carvalho da Copa do Mundo de 1958.

No início da década de 70, Carvalhaes desenvolveu um trabalho importante com o centroavante, que, quando chegou ao clube, ainda juvenil, era tímido e introvertido. Problemático até, no entender de alguns. Não falava com quase ninguém e se “encolhia” em momentos mais importantes.

Conversando, Carvalhaes o modificou. O jogador foi se desinibindo, se desinibindo...

Conclusão: se acertou na metodologia, Carvalhaes exagerou na posologia, pois Serginho tornou-se um dos jogadores mais extrovertidos da história do São Paulo.



CHICÃO

(FRANCISCO JESUÍNO AVANZI)

Chicão chegou ao São Paulo em agosto de 1973, vindo da Ponte Preta. É um dos “Reis da Raça” da história tricolor, ao lado, entre outros, de Zezé Procópio, Forlan, Paraná...

Eles se notabilizaram pela garra e “macheza” nas disputas de qualquer jogo. Como se diz na gíria, “suavam sangue”, e muitas vezes também tiravam.

Dono de uma personalidade marcante, Chicão, em pouco tempo, enturmou-se com os colegas e passou a ser uma espécie de protetor deles dentro do campo.

Isto ficou tão claro que, quando qualquer jogador do São Paulo sofria uma entrada mais violenta, logo dizia para os adversários:

— O Chicão vai te pegar.

O que, na verdade, muitas vezes acontecia.

Dentro do campo, Chicão sempre foi um “leão”. Fora, uma pessoa afável, amiga, atributos que levaram, em 1977, o técnico recém-contratado Rubens Minelli a dar-lhe a braçadeira de capitão.

Minelli, perfeccionista, sempre gritava:

— *Chicão vai para lá.*

— *Chicão fica na posição.*

— *Chicão corre.*

— *Chicão marca.*

Na época, Chicão ganhou um cachorro da raça Fila, que seria tão destemido quanto seu dono.

Então, o nosso volante pensou num modo de brincar, homenagear e gozar o seu técnico.

Colocou no cachorro o nome de Minelli.

Daí para diante, era só:

— *Minelli, senta.*

— *Minelli, levanta.*

— *Minelli, corre.*

— *Minelli, vem cá...*



PEQUENAS HISTÓRIAS

DOS

ANOS 70

—□— O HINO DO RIVAL —□—

Última rodada do 1º turno do Campeonato Paulista de 1971, dia 25/04/71. São Paulo e Palmeiras dividiam a liderança.

O São Paulo jogaria em Campinas, contra o Guarani, e o Palmeiras enfrentaria o Corinthians, no Pacaembu. Logo no início, o Palmeiras já ganhava por 2 a 0 e o São Paulo, com 0 a 0, teve seu líder, Gérson, expulso de campo.

A torcida já se conformara em terminar o turno um ou dois pontos atrás do Palmeiras, o que fazer ?

Entretanto, tudo mudou após os 90 minutos. O São Paulo derrotou o Guarani por 1 a 0 e o Corinthians virou em cima do Palmeiras por 4 a 3, com o último gol marcado no último minuto.

Pois bem, sabem o que aconteceu ? Uma das comemorações

da torcida tricolor em Campinas foi entoar, mesmo que timidamente, o hino do Corinthians.

Pode???

—□— A LARANJADA —□—

O São Paulo estava bem classificado no Campeonato Brasileiro de 72 e jogaria no Rio de Janeiro contra o América. Se vencesse, passaria para a outra fase. O América não tinha mais esperança alguma, estava fora da competição.

Todos os cuidados foram, então, tomados e, como era uso na época, o clube também levou o seu cozinheiro para evitar surpresas na alimentação.

O time estava muito bem preparado fisicamente, mas durante o jogo não correspondia. Parecia estar amarrado ao chão. Poucos se movimentavam com destreza.

O resultado não foi outro: América 1 x 0 São Paulo, e estávamos desclassificados.

A direção técnica ficou perplexa, todas as providências foram tomadas. Não haviam comido nada de fora, nem água nos quartos. A pergunta persistia:

— Por que quase todos estavam sonolentos?

Alguém então afirmou.

— Eles só tomaram a laranjada que nós preparamos...

O Dr. Dalzel então sugeriu:

— Recolha o que sobrou de laranjada e vamos fazer uma análise.

Dias depois o resultado comprovava; havia sonífero no líquido. Diretoria e Comissão Técnica checaram o acontecido, e sem provas, as providências não puderam ser tomadas.

—□— MIRANDINHA X BRETAS —□—

Mirandinha é um nome marcante na gloriosa história do São Paulo. Um dos melhores centroavantes do futebol brasileiro, dotado de uma velocidade incrível, ele infernizava os zagueiros com seu estilo ágil e sóbrio, nos anos 70.

O Tricolor jogaria contra o Palmeiras em 24 de novembro de 1973, num Morumbi lotado. Às vésperas, o jornalista Geraldo Bretas, com seu estilo ácido, provocou Mirandinha, dizendo que ele não faria gol contra o alviverde, e o São Paulo perderia a partida, porque era um time pior do que o Palmeiras.

E apostou: se Mirandinha fizesse gol, poderia cortar o cabelo dele, Bretas; caso contrário, o são-paulino teria de vestir a camisa do Palmeiras. O jogador topou.

Nos vestiários, antes do jogo, o técnico Poy acercou-se de Mirandinha:

— Como é, negão, você não vestir a camisa do Palmeiras, não é?

Mirandinha foi a campo e marcou os dois gols do São Paulo no

Palmeiras do goleiro Leão, placar de 2 a 1.

Ao final do jogo, a Polícia Militar recolheu cerca de 200 tesouras no estádio e imediações. A torcida tricolor queria cortar o cabelo de Geraldo Bretas na marra. Mirandinha cumpriu a “obrigação” no sábado seguinte, no programa televisivo “Almoço com as Estrelas” – e Bretas ficou careca.

—□— A MERCADORIA —□—

Como o usual no futebol brasileiro, Sudaco era um jogador de formação simples, alvo fácil para as brincadeiras dos companheiros. Estando a delegação tricolor na Bahia, Sudaco pediu informação para colegas sobre que mercadoria poderia comprar para ser vendida com lucro em São Paulo.

A resposta, em tom jocoso, foi “maconha”.

Todos se esqueceram logo da brincadeira, menos o Sudaco. Ele confiou na dica, foi ao Mercado Modelo de Salvador e encomendou o “bagulho”.

Algum tempo depois, o roupeiro, esbaforido, entrou no quarto do presidente, Henri Aidar:

— Dr. Henri, não sei nem como, mas tem dois sujeitos aí trazendo dois pacotes de maconha para um jogador nosso...

O presidente desceu imediatamente para o hall do hotel. Quando chegou, a agitação já tinha acabado. Os jogadores mais experientes tinham resolvido o que foi chamado de “mal entendido”.



ANOS

80

Se os anos 70 foram de uma nova arrancada de títulos, os 80 foram de disparada. Vejam quantos: 80, 81, 85, 87 e 89, só de campeonatos paulistas.

Houve, ainda o Brasileiro de 86, espetacular, emocionante, quando Nelsinho teve vontade de beijar a testa de Bernardo e Gilmar e, no desespero, virou-se para Vágner Basílio e falou: "Dá pro Careca que ele resolve".

Foi nessa década, também, que o técnico Cilinho, pressionado pelo procurador de Falcão chamado Cristóvão Colombo, resolveu se cognominar de Pedro Álvares Cabral, pode?

Boa também foi a do meia Alexandre Bueno, hoje empresário de futebol bem sucedido, ao responder ao preparador físico que havia determinado que ele fizesse 50 flexões: "Em quantos anos?"

O TÍTULO DE 80

O transcorrer do primeiro turno do Campeonato Paulista de 1980 não indicava que o São Paulo seria o campeão daquele ano. O time terminou esta fase em sétimo lugar. No segundo turno, entretanto, as coisas mudaram.

A grande arrancada deu-se com a contratação do zagueiro Oscar, vindo do New York Cosmos, e a providencial fixação de Dario Pereyra como quarto-zagueiro pelo técnico Carlos Alberto Silva. A defesa ficou intransponível. Valdir Perez pegava tudo no gol, tanto que foi tirando de Leão a vaga de titular da Seleção Brasileira.

Defesa forte, mais os dribles de Zé Sérgio e o oportunismo de Serginho, formaram o tempero certo. O ponta-esquerda Zé Sérgio brilhou naquele ano. Foi o melhor de sua carreira. Já o oportunismo de Serginho foi o de sempre.

As finais foram contra o Santos. Poderiam chegar a quatro par-

tidas, mas em duas o São Paulo liquidou a fatura, vencendo, ambas, por 1 a 0, gol de Serginho nas duas. O time que botou a faixa foi este: Valdir Perez, Getúlio, Oscar, Dario Pereyra e Ayrton; Almir e Heriberto; Paulo César, Renato (Alexandre Bueno), Serginho (Assis) e Zé Sérgio. Técnico: Carlos Alberto Silva.



O TÍTULO DE 81

Este título foi ganho pelo time do ano anterior, com outro técnico, Formiga, e reforçado por jogadores veteranos, Mário Sérgio e Marinho Chagas — atendendo a uma tradição que vem desde Friedenreich, seguida pelo presidente Antonio Leme Nunes Galvão.

Marinho era um lateral moderno, que atacava bastante e tinha um chute sensacional, tanto de direita como de esquerda. Mário Sérgio, o mesmo que hoje é comentarista de tevê, era um jogador altamente técnico. Seus passes para o lado contrário daquele que estava olhando faziam a torcida vibrar, daí seu apelido de “Vesgo”.

A decisão foi com a Ponte Preta, no Morumbi, com um público pagante de 63.481 pessoas, 95% ou mais de são-paulinos.

Foi 2 a 0 para o São Paulo, gols de Renato no primeiro tempo e Serginho no segundo. O time foi este: Valdir Perez, Getúlio, Gassen (Nei), Dario Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto e Renato;

Paulo César (Tatu), Serginho e Mário Sérgio. Técnico: Formiga.

Marinho Chagas poderia ter vindo para o São Paulo dez anos antes, quando ainda atuava no Náutico, de Recife. Ele havia sido indicado por Bastos Neto e seu amigo Rogoberto Cunha. O técnico, Poy, porém, queria que ele fizesse um período de experiência, e isso atrapalhou o negócio.

Marinho era realmente um craque, de Seleção, mas criava problemas fora do campo.

Ele vivia se envolvendo em encrencas e tinha a imagem de irresponsável. No final dos anos 70, foi para o New York Cosmos e dali para o Strikers, também dos Estados Unidos, onde não se deu bem.

Como o São Paulo precisava de um lateral-esquerdo, os diretores da época imaginaram dar nova chance a Marinho.

Jayme Franco, então diretor de futebol, foi ao Rio de Janeiro falar com os médicos da clínica onde o Botafogo fazia os exames médicos de seus jogadores.

Pedi que lhe mostrassem algum laudo dizendo se Marinho tinha ou não problemas mentais.

Os médicos não possuíam esse laudo, mas afirmaram que o jogador era normal e que o problema dele eram as companhias.

Jayme, então, pensou:

— Isto, lá no São Paulo, nós consertamos.



O TÍTULO DE 85

Este título fez com que uma nova safra de jogadores entrasse para a história tricolor, a safra que se tornou conhecida do os “Menudos do Morumbi” ou os “Menudos de Cilinho”.

Era composta por jogadores como Muller, Silas, Sidney, Vizoli, Márcio Araújo, Vágner Lopes – todos recém-promovidos dos juniores, justificando o cognome “Menudos”, um conjunto musical de jovens portorriquenhos que fazia sucesso na época.

O técnico Cilinho, espirituoso, alegre, falante, frasista como poucos, foi quem apelidou a meninada, que, bem orientada pelo “maestro”, jogava realmente muito bem.

Este campeonato foi também marcado pela recuperação de Careca, que, contratado com grande esforço pelo presidente José Douglas Dallora em 1983, ainda não havia deslanchado.

Zé Teodoro foi outro reforço importante para essas e outras

conquistas.

Como aconteceu 10 anos antes, o finalista despachado foi a Portuguesa, por 2 a 1, gols de Sidney no primeiro tempo e Muller no segundo, desempatando e garantindo o título. 99.025 pagantes, no Morumbi, viram o São Paulo jogar com Gilmar, Zé Teodoro, Oscar, Dario Pereyra e Nelsinho; Márcio Araújo, Silas (Pita) e Falcão (Freitas); Muller, Careca e Sidney. Técnico: Cilinho.



O TÍTULO BRASILEIRO DE 86

São Paulo e Guarani decidiram o Brasileiro-86 em dois jogos. O primeiro, no Morumbi, terminou empatado em 1 a 1. O segundo, em Campinas, também. Nos dois, o Guarani saiu na frente. Na finalíssima, o primeiro gol foi deles, contra, do lateral-esquerdo Nelsinho, aos 2 minutos do primeiro tempo. Quando Bernardo empatou, aos 9, de cabeça, Nelsinho não se conteve:

— Dei um beijo na testa do Negão (Bernardo).

A decisão foi para a prorrogação. Pita fez São Paulo 1 a 0, Boiadeiro empatou e João Paulo fez Guarani 2 a 1. O time de Campinas estava com a mão na taça quando, faltando menos de um minuto, Wágner Basílio foi cobrar um tiro de meta.

— Manda a bola pro Careca que ele resolve.

Ela foi em direção a Pita. Como se tivesse ouvido Gilmar, ele cabeceou para Careca, que, com num sem-pulo sensacional em-

patou a prorrogação.

A decisão foi para a pênaltis. O então diretor de futebol, Juvenal Juvêncio, entrou em campo e liderou uma “corrente de pensamento positivo” com todos os são-paulinos de mãos dadas, exceto Valdir Perez quando ia defender, e o cobrador, quando o São Paulo ia cobrar. Vencemos por 4 a 3.

O time campeão foi este: Gilmar, Fonseca, Vágner Basílio, Dario Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Muller, Careca e Sidney (Rômulo). Técnico: Pepe.

O público foi de 37.370 pagantes.



O TÍTULO DE 87

Os “Menudos de Cilinho” atacaram novamente. O técnico havia deixado o clube no ano anterior (o treinador, campeão brasileiro, foi Pepe) e retornou de maneira triunfal, com este título que, para ele, representou um bi.

A base do time era a mesma dos anos anteriores, com o zagueiro Adílson no lugar de Oscar, já em fim de carreira, Bernardo no de Falcão, Lê no de Careca, vendido para o futebol europeu, e Edivaldo no de Sidney, já perdendo o lugar por falta de preparo.

O título foi conquistado sobre o Corinthians. O São Paulo ganhou a primeira final por 2 a 1 (gols de Edivaldo e Lê) e a segunda terminou empatou por 0 a 0, Morumbi com 109.474 pagantes.

Os jogadores que deram a volta olímpica foram estes: Gilmar, Zé Teodoro, Adílson, Dario Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas e Pita; Muller, Lê (Paulo Martins) e Edivaldo (Neto).



O TÍTULO DE 89

Este foi o primeiro dos muitos títulos que Raí conquistou no São Paulo. Ele era reconhecido como bom jogador mas, nas inevitáveis comparações com o irmão Sócrates, sempre ficava em segundo plano.

Outros jogadores marcantes desta conquista foram Ricardo Rocha, zagueiro de Seleção; Bobô, contratado do Bahia por ter sido considerado o melhor jogador do País no ano anterior, quando seu time foi campeão brasileiro; Mário Tilico, ponta que, diziam, era tão veloz quanto o vento, e o ex-júnior Vizoli.

As finais forão contra o E.C. São José, as duas no Morumbi, atendendo o mando da Federação.

O São Paulo venceu a primeira por 1 a 0 gol de André Luís, contra, aos 41 minutos do segundo tempo, em jogada criada por Zé Teodoro e Mário Tilico.

A segunda terminou empatada por 0 a 0 e foi vista por quase 100 mil são-paulinos e uma centena, talvez, de torcedores adversários.

O time campeão foi Gilmar, Zé Teodoro, Adílson, Ricardo Rocha e Nelsinho; Vizoli, Bobô (Benê) e Raí; Mário Tilico, Ney (Bernardo) e Edivaldo.



ALEXANDRE BUENO

Alexandre Bueno, um dos meio-campistas do bicampeonato 80/81, era conhecido por sua notável capacidade de fazer lançamentos longos e pela total falta de vontade de treinar fisicamente.

Uma tarde, o preparador físico pediu para ele fazer 50 flexões.

Ao que Alexandre perguntou:

— Em quanto tempo ?

— Agora. Em seguida.

— Você tá louco. Até hoje, somadas todas as flexões que eu fiz na minha vida, não dão 50, e você quer que eu faça tudo de uma só vez. Vou acabar morrendo.

Numa outra vez, o preparador físico pediu que os jogadores dessem piques de 100 metros.

Alexandre Bueno disse, então, para Serginho:

— Nunca vi ninguém num jogo dar pique de 100 metros. Tenho impressão que vamos jogar no Aeroporto de Congonhas contra o time da Aeronáutica.

Alexandre Bueno não se dava muito com o técnico Carlos Alberto Silva.

Num dos treinamentos, o técnico pediu ao meia que lançasse a bola de uma determinada maneira.

Alexandre não conseguia.

Depois da quarta tentativa frustrada, Carlos Alberto pegou a bola com as mãos e lançou-a para a frente, dizendo:

— É assim que eu quero.

Alexandre não se perturbou e retrucou:

— Não sei se o senhor sabe, mas se eu pegar a bola com as mãos é falta, e se for na nossa área, é pênalti.



PEQUENAS HISTÓRIAS

DOS

ANOS 80

—□— DESCLASSIFICAÇÃO APLAUDIDA —□—

A desclassificação do São Paulo do Campeonato Brasileiro de 1985 teve um sabor especial, diferente.

O time do técnico Cilinho não vinha atuando bem na fase de classificação.

Na noite de 11 de abril, precisaria vencer o Grêmio, no Pacaembu. O time do sul, entretanto, fazia 2 a 0 já no primeiro tempo, para desespero da torcida.

Logo no início da etapa final, Careca abriu o placar para o São Paulo, seguido de Silas. Os são-paulinos na arquibancada, até então quietos, começaram a apoiar o time de uma forma emocionante. Só dava São Paulo, mas a bola não entrava. O jogo acabou em 2 a 2, e o Tricolor amargou a saída do Brasileiro.

A torcida, entretanto, percebeu que ali estava começando uma época de vacas gordas, em que o time ficou conhecido como “Os Menudos”, em referência a uma banda de garotos de Porto Rico que fazia muito sucesso até então.

—□— COLOMBO E CABRAL —□—

Paulo Roberto Falcão, um dos grandes craques dos anos 70 e 80, veio para o São Paulo às vésperas de completar 32 anos, em agosto de 1985, com uma contusão no joelho até certo ponto crônica. Seu ritmo de jogo já não era o mesmo, o que compensava com sua experiência.

Sua passagem pelo São Paulo foi vitoriosa, mas de certa forma tumultuada, pois em alguns jogos o técnico, Cilinho, o deixava na reserva, escalando na posição o então jovem e vigoroso Márcio Araújo.

Falcão, sempre muito bem assessorado, manifestava seu descontentamento nessas situações através de seu advogado, dr. Cristóvão Colombo dos Reis Miller.

Certo dia, os jornalistas acercaram-se de Cilinho para ouvir seu comentário sobre mais uma crítica que o advogado Cristóvão Colombo lhe fizera:

— Digam ao Cristóvão Colombo que quem escala o time do São Paulo é o Pedro Álvares Cabral e está acabado...

Edivaldo de Oliveira Chaves, Pita, meia-esquerda tricolor entre 84 e 88, converteu um dos mais belos gols do futebol brasileiro em todos os tempos.

Ele era um meio-campista de imensa habilidade, com grande controle de bola e muita facilidade nos lançamentos.

No começo de 1985, foi alertado pelo técnico Cilinho de que aquela seria a temporada em que menos precisaria correr, já que o ataque era formado por três velocistas, Müller, Careca e Sidney. Só precisaria lançá-los.

Pelo bem do futebol, entretanto, Pita não se limitou a isso.

No dia 16 de março de 1985, numa partida pelo Campeonato Brasileiro, contra o Palmeiras, ele fez o gol de sua vida: aos dez minutos de jogo, o placar ainda estava 0 a 0, e Cilinho pediu para Pita buscar a bola na defesa e sair com ela dominada.

O meio-campista seguiu a instrução à risca. O goleiro Barbiroto começou a jogada com Oscar. Pita desvencilhou-se da forte marcação de Rocha e recebeu o passe, ainda atrás da linha intermediária tricolor.

Ele procurava um jogador desmarcado, mas ninguém estava livre.

Enquanto isso, ia carregando a bola. Passou por Paulinho, Mendonça, Paulo...

Roberto, Maxwell... foi indo, driblando e acabou frente a frente com o goleiro Leão.

Mais uma finta e Pita só empurrou a bola para o fundo do gol. O jogo, que começou de forma apoteótica, terminou com um empate por 4 a 4.

—□— SEMPRE O CORINTHIANS... —□—

A exemplo do que havia acontecido em 1938 (gol de mão de Carlito) e 1982 (gol de Biro-Biro em claro impedimento, e empurrão de Sócrates em Marinho Chagas, com arbitragem de José de Assis Aragão), a partida contra o Corinthians, na fase semifinal do Campeonato Paulista de 88, foi decidida num erro clamoroso do árbitro Renato Marsiglia, ainda jovem, inexperiente para um jogo de tal responsabilidade.

Partida nervosa.

O Tricolor tinha melhor equipe. O Corinthians, como sempre empurrado pela enorme torcida, que se espalha pela crônica esportiva, polícia, quadro de árbitros, etc., enfrentava a partida com fibra.

Eis que, num determinado momento (o São Paulo já merecedor da vitória), o Corinthians fez um gol irregular, com dois jogadores impedidos, conforme mostraram os teipes da época.

Reclamações tricolores.

Euforia corinthiana.

O árbitro Marsiglia, totalmente perdido, apontou para o meio do campo. Ele validara o gol!

A própria torcida corinthiana não se conteve.

Das arquibancadas, mandava seu recado:

— Juiz ladrão, Corinthians campeão!

— Juiz ladrão, Corinthians campeão!

—□— TUDO EU??? —□—

Carlos Alberto Silva saiu em 1982, mas não sem tempo de aprovar a contratação do veterano Mário Sérgio.

Ao fazer uma preleção aos jogadores, demonstrou como queria o time jogando. Em seguida, virou-se para o Mário Sérgio:

— Quero que você arme pela esquerda. Se tiver chance, entre na área e chute em gol. Quando perdermos a bola, volte para marcar. Ajude também o meio-de-campo.

Mário Sérgio, já retirando a camisa de titular que acabara de vestir, disse:

— Se é para fazer isto tudo, é melhor colocar o Éverton no meu lugar.



ANOS 90

Se os anos 70 foram de uma nova arrancada de títulos e os 80, de disparada, equiparando-se aos anos 40, o que falar dos anos 90?

Foi, poderíamos dizer, a década da internacionalização do São Paulo, que ganhou todo tipo de campeonato, ou seja, estadual, nacional, continental e mundial. Vejamos:

Brasileiro-91, Paulista-91, Libertadores-92, Paulista-92, Mundial-92, Libertadores-93, Supercopa-93, Recopa-93, Mundial-93, Recopa-94, Conmebol-94, SuperConmebol-96, Copa dos Brasileiros Campeões Mundiais 95/96, Paulista-98...

Foram os anos de consagração de Raí, Muller, Zetti, Ronaldão, do santo Ronaldo Luiz, Pintado, Válber (ele tinha cada uma...), Telê (rabugento?!), Denílson, Serginho...

Grandes anos!

O TÍTULO BRASILEIRO DE 91

Telê chegou ao São Paulo com a fama de “pé frio”. Seus times, diziam os provocadores, iam bem nas competições, mas não tinham sorte na hora H. Davam as Seleções das Copas de 82 e 86 como exemplos.

Quando o São Paulo perdeu as finais do Brasileiro-90 para o Corinthians, a lista de provocadores cresceu consideravelmente.

O resgate da imagem de Telê aconteceu com o título brasileiro de 1991, conquistado em Bragança Paulista, frente ao Bragantino.

O campeão mais procurado, logicamente, foi Telê, tanto pela imprensa quanto pela torcida.

Carregado nos ombros por torcedores, dezenas de microfones à sua frente, Telê só tinha frases como estas:

— Cadê o pé frio? Onde está o pé frio?

O ex-jogador então radialista Mário Sérgio era o provocador

mais citado pelo treinador.

O título foi decidido em dois jogos, o primeiro no Morumbi (São Paulo 1 x 0, gol de Mário Tilico) e o segundo em Bragança Paulista (0 x 0), porque o Bragantino havia feito melhor campanha na fase anterior.

Por isto, a finalíssima do Brasileiro-91 foi assistida por apenas 12.942 pagantes. O Estádio Marcelo Stefani não tinha capacidade para abrigar mais torcedores.

O São Paulo jogou com Zetti, Zé Teodoro, Antonio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Bernardo, Ronaldão e Raí; Macedo, Muller. (Flávio) e Cafu. Técnico: Telê Santana.



O TÍTULO

PAULISTA DE 91

Este título veio no segundo semestre, imediatamente depois do Paulista – e foi ganho sobre o Corinthians com um sonoro 3 a 0 no primeiro jogo final e um providencial empate de 0 a 0 no segundo.

Foi o jogo da consagração de Raí, que fez os três gols do 3 a 0.

Este campeonato foi disputado por 28 times.

O critério para a divisão dos grupos foi a classificação do ano anterior – e o São Paulo tinha ido mal em 1990, ficando na 15ª colocação.

Foi então para o Grupo Amarelo, formado pelos dez últimos do ano anterior mais os quatro emergentes da 2ª divisão.

Liderou de ponta a ponta. Foi para a segunda fase (com 10 times, cinco do Grupo Amarelo mais cinco do Grupo Verde) e também liderou de ponta a ponta, mesmo que ao lado do Palmeiras, a quem superou pelo critério de melhor campanha na fase anterior.

Aí, veio o Corinthians.

O time campeão foi este: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Nelsinho; Sidney, Suélio e Raí; Muller, Macedo e Elivélton.

Juiz: Ulisses Tavares de Silva Filho, que, parcial, anulou um gol legítimo do São Paulo e deixou de dar um pênalti e dois escanteios claríssimos a favor, também, do Tricolor.

Mas o 0 a 0 deu o título a quem merecia. O jogo, no Morumbi, foi assistindo por 106.142 pagantes, a grande maioria de são-paulinos, certos de que a vantagem não seria revertida.



LIBERTADORES

DE 92

O São Paulo ganhou o título na sétima vez que participou da mais importante competição sul-americana. Superou, na primeira fase, o Bolívar e o San José de Oruro, ambos da Bolívia, e o Criciúma, de Santa Catarina; na segunda fase, já eliminatória, o Nacional do Uruguai; na terceira, o Criciúma, novamente; na semifinal, o Barcelona do Equador; e na final, o Newell's Old Boys, da Argentina.

A primeira final foi em Rosário, Argentina, e o Newell's ganhou por 1 a 0. Na segunda, no Morumbi, o São Paulo devolveu o 1 a 0 (gol de Raí de pênalti). Na decisão por pênaltis, o São Paulo venceu por 3 a 2.

105.185 são-paulinos assistiram à partida do Morumbi, em que o onze tricolor foi este: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão e Ivan; Adílson, Pintado e Raí; Muller, Palhinha (Macedo) e

Elivélton. Técnico: Telê Santana.

O Tricolor ganhara o jogo por 1 a 0, e a decisão da competição iria para os pênaltis, um verdadeiro perigo numa disputa com os catimbeiros argentinos.

Uma semana antes, Valdir Joaquim de Moraes, preparador de goleiros do São Paulo e olheiro de Telê Santana, assistira em Cáli à semifinal entre América local e Newell's Old Boys. Sua missão era decifrar os defeitos de nossos futuros adversários – falhas que, exatas duas semanas depois, fariam de seu pupilo Zetti o herói da tão sonhada final.

— Scoponi gosta de cair para o lado esquerdo – alertou Valdir aos cobradores.

Raí, Ivan e Cafu marcaram; Scoponi defendeu o pênalti de Ronaldão.

Os argentinos haviam errado dois. Se o xerife Gamboa, que havia parado o ataque são-paulino durante os 180 minutos da disputa, não marcasse, o São Paulo colocaria as faixas.

Zetti lembrou-se do recado do experiente ex-arqueiro:

— Gamboa bate forte, no lado esquerdo do goleiro.

Gamboa caminhou para a bola, inclinando o corpo como um touro. Zetti se levantou e estendeu os braços. Mergulhou confiante

no lado cantado pelo velho mestre das traves, escorando com os punhos o tiro de Gamboa. A América era de Zetti e de Valdir. Era, enfim, do São Paulo.

O Morumbi nunca havia sido tão são-paulino como naquela final contra o Newell's Old Boys.

Além dos onze guerreiros que levou a campo, o Tricolor contava com mais 110 mil deles nas arquibancadas.

O Newell's trouxe de Rosario os raçudos Berti, Scoponi e Gamboa e a catimba que, por aqueles lados, é modo de vida.

O São Paulo precisava de apenas um gol para levar a decisão aos pênaltis, mas a falta de sorte da ofensiva insinuava um fim melancólico para o sonho de conquistar a América. 20 minutos do segundo tempo e... 0 a 0.

“Macedo, Macedo, Macedo...”

Mais de 100 mil vozes pediam a entrada do atacante. O coro era firme, decidido. Telê entrou na onda.

— Garoto, você vai entrar e para agradar esse povo, só tem um jeito. Temos de ganhar pelo menos de 1 a 0. Em seu primeiro lance, Macedo aparou a bola com cuidado e girou o corpo, invadindo a área platina. Caiu. O apito cortante do juiz decretou o pênalti salvador e o início da dinastia tricolor nas Américas.



MUNDIAL

DE 92

Foi o título mais importante da história do São Paulo até então. Derrotamos o Barcelona da Espanha, em Tóquio, Estádio Nacional, na madrugada de 13 de dezembro, por 2 a 1, os dois gols de Raí, um de falta o outro de barriga, contando, no primeiro, com a participação fundamental de Muller e, no segundo, de Palhinha e Cafu.

O São Paulo estava perdendo por 1 a 0 quando, aos 26 minutos, ainda no primeiro tempo, Muller avançou pelo lado esquerdo, como ponta. Parou a poucos metros da linha de fundo, deu dois dribles sensacionais no lateral espanhol Ferrer e cruzou à meia altura. Raí jogou o corpo sobre a bola, que bateu em sua barriga e entrou.

Aos 34 do segundo tempo, Palhinha sofreu uma falta na intermediária espanhola, a um passo da meia-lua, posição de meia-di-

reita. Raí fez que ia bater direto mas tocou rasteiro para Cafu, que estava um pouco à sua frente, à direita. Cafu só aparou, deixando a bola de jeito para Raí, aí sim, chutar para a meta e mandá-la no ângulo superior direito do goleiro Zubizarreta, que está procurando a bola até hoje.

O São Paulo jogou com Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luiz; Toninho Cerezo (Dinho), Pintado e Raí; Muller, Palhinha e Cafu. Técnico: Telê Santana.

O juiz foi o argentino Juan Carlos Lostau e o público pagante aproximado, 60 mil pessoas.

Mesmo com os elogios a Raí, Muller, Cerezo e Cafu, muitos consideram que o São Paulo venceu a “Batalha de Tóquio” contra o Barcelona, em 1992, graças à coragem e força de um “soldado raso”.

Se os organizadores e a imprensa coroaram Raí como o melhor em campo, o gigante Ronaldão terminou a partida com outro prêmio, até mais valioso: a comenda de herói da Nação Tricolor.

Ele será sempre lembrado por ter dado início à saborosa virada que fez do São Paulo campeão do mundo.

O Barça vencia por 1x0, e o búlgaro Stoichkov era o único real destaque do time catalão: armava, driblava e concluía sozinho. O

São Paulo ameaçava o gol de Zubizarreta e já merecia o gol, mas ainda parecia tímido em suas investidas.

Na marca de 26 minutos de jogo, o perigoso Stoichkov foi lançado e esticou a perna para receber. Décimos de segundo depois estava no solo, fora do campo, na pista de atletismo, desnorteado por não poder reclamar de uma falta que não existira.

Ronaldão havia voado por trás dele e rebatido a bola com força para o campo adversário. Na queda, com seus 1,87 m de altura, trombou com o meia búlgaro, que girou no ar e caiu de costas, pernas para o ar.

Enquanto Stoichkov tentava arrumar forças para se levantar, no lado do campo o São Paulo tomou a bola e armou o contra-ataque.

Na marca dos 27, Muller invadiu a área, humilhou Ferrer com um drible inesquecível e presenteou Raí com o cruzamento que resultaria no gol de empate. A conquista do mundo estava perto.



LIBERTADORES

DE 93

O bicampeonato da Libertadores foi conquistado pelo São Paulo de maneira menos estafante, já que, como campeão do ano anterior, o time entrou somente na segunda fase. Mas teve de superar, em jogos eliminatórios de ida e volta, com todas as dificuldades inclusive folclóricas da competição, primeiro o Newell's Old Boys, depois o Flamengo, em seguida o Cerro Porteño e, finalmente, o Universidad Catolica do Chile.

O título foi ganho na primeira final, no Morumbi, com uma goleada por 5 a 1, já que o São Paulo poderia perder em Santiago por até três gols de diferença. Perdeu por 2 a 0 e ficou com a taça.

O time que bateu o Universidad por 5 a 1, perante 94.629 são-paulinos foi este: Zetti, Vítor (Catê), Válber, Gilmar e Ronaldo Luiz (André); Pintado, Dinho e Raí; Cafu, Palhinha e Muller.

Os gols foram de Lopez (contra) aos 30, Vítor aos 40 (1º tem-

po), Gilmar aos 9, Raí aos 30 e Muller aos 35, contra um de Almada, de pênalti, aos 40.

Com a confortável vantagem produzida na goleada de 5x1 no Morumbi, o São Paulo partiu para Santiago do Chile confiante. Já no ônibus, o então diretor, Márcio Aranha, percebeu que, com uma união daquelas, nenhum time deixa de conseguir seu objetivo:

— Válber e Pintado deram um show de humor, um desafiando o outro, cada um com sua torcida.

Companheiros de quarto no hotel, a dupla separou-se no ônibus. Em uma fileira de poltronas, Válber fazia proveito de suas célebres imitações para provocar o interiorano Pintado. Na outra fileira, o vigoroso volante respondia à altura e comandava as piadas sobre o coringa carioca.

— Válber encarnava mais um personagem e sua “torcida” de um lado do ônibus vibrava. Pintado rebatia com uma piada ainda mais cabeluda, e levava à loucura seu lado.

Quando o motorista estacionou no portão do Estádio Nacional, não havia mais dúvidas ou temores. A competência, confiança e união da equipe estavam lá, em cada momento do inesquecível duelo entre nossos dois maiores piadistas. A noite seria mesmo muito alegre.



SUPERCOPA

DE 93

O São Paulo ganhou mais este título sul-americano invejável, disputado apenas entre equipes campeãs da Libertadores, superando, em confrontos diretos, o Independiente da Argentina, o Grêmio Porto-alegrense, o Atlético Nacional da Colômbia e, na final, o Flamengo-RJ.

Nas outras chaves, superou, indiretamente portanto, Colo Colo-CHI, Cruzeiro, Nacional-URU, Racing-ARG, Olimpia-PAR, Argentinos Juniors-ARG, River Plate-ARG, Estudiantes-ARG, Boca Juniors-ARG, Santos e Peñarol-URU.

As finais contra o Flamengo terminaram, ambas, empatadas por 2 a 2, a primeira no Maracanã, a segunda no Morumbi.

Depois desta última, a decisão do título foi para os pênatis, quando o São Paulo venceu por 5 a 4.

O Tricolor atuou no Morumbi com Zetti, Cafu, Válber, Ronaldo

e André; Dinho, Doriva, Cerezo (Juninho) e Leonardo; Muller e Palhinha (Guilherme). Técnico: Telê Santana.



MUNDIAL
DE 93

Foi o bi-mês importante da história tricolor. O campeão cinco
vezes campeão desta vez foi o Milan da Itália, que chegou à final
com uma das maiores atuações mais convincentes e mais de 20 gols.
Estados Unidos, campeões do mundo, também foram derrotados.
Mas qual o quê?
Palhinha abriu o placar aos 19 minutos, após um
arrastado passeio de Cerezo. Mas não chegou aos 30 minutos
tempo.
O Milan partiu para cima, apertando-se de que o São Paulo
teria muitas chances logo de cara. Dois gols se seguiram, aos
14, de colocar a Tricolor à frente no placar. Leonardo marcou
Cerezo marcou. Rede!
Aos 36, o francês Papin emprou novamente
Mas aos 41, Muller de calcanhar fez São Paulo 3 a 2. Este

MUNDIAL DE 93

Foi o bi mais importante da história tricolor. O campeão europeu superado desta vez foi o Milan da Itália, que chegou a Tóquio com ares de favorito. Era, praticamente, o time da Seleção Italiana, reforçado pelos estrangeiros Desailly, Papin e Raduciu.

Mas qual o quê!

Palhinha abriu a contagem aos 19 do primeiro tempo, aparando cruzamento rasteiro de Cafu. Massaro empatou aos 3 do segundo tempo.

O Milan partiu para cima, esquecendo-se de que o São Paulo tinha vários craques fora de série. Dois deles se encarregaram, aos 14, de colocar o Tricolor à frente do placar: Leonardo cruzou, Cerezo aparou. Rede!

Aos 36, o francês Papin empatou novamente.

Mas, aos 41, Muller, de calcanhar, fez São Paulo 3 a 2. Ele

pulou de costas para o goleiro quando este ia devolver uma bola. Ela, entretanto, retribuiu a Muller o carinho no trato e, mansamente, fez o que ele queria, ou seja, encaminhar-se para o gol italiano.

O São Paulo jogou com Zetti, Cafu, Válber, Ronaldão e André; Doriva, Dinho, Toninho Cerezo e Leonardo; Muller e Palhinha (Juninho). Técnico: Telê Santana.

O juiz foi o francês Joel Quinou. O jogo realizou-se no Estádio Nacional, dia 12 de dezembro, perante 52.275 pagantes

“Ele não faz gols contra italianos.”

A provocação do zagueiro Alessandro Costacurta a Muller foi apenas um dos sintomas da arrogância italiana no desembarque em Tóquio para a final de 1993.

O Milan surgia com fama de bicho-papão, fruto do sucesso de um inesquecível esquadrão liderado por Gullit, Rijkaard e Marco Van Basten. Mesmo perdendo o precioso trio de holandeses, o time continuava sendo a base da seleção italiana – quase todos os jogadores tinham passagens pela *Azzurra*.

Após 86 minutos eletrizantes de jogo, os italianos respiravam aliviados por estarem arrancando o empate e adiando a decisão para a prorrogação. Faltavam apenas quatro minutos, mas o São Paulo não queria ceder.

Um lançamento longo de Cerezo buscou Muller na área. Foi longo demais: os italianos Baresi e Rossi já cobriam a bola. Muller juntou forças, disparou na área e se enroscou com os dois, tocando milagrosamente o calcanhar na bola.

Virou-se para a meta e assistiu ao próprio gol da vitória mundial.

Enquanto o Estádio Nacional se cobria de vermelho, branco e preto, Muller reencontrou o arrogante Costacurta – agora inconsolável, com as mãos na cabeça.

Todo o italiano aprendido nas temporadas em que jogou no Torino foi posto em prática para consumir a doce vingança tricolor.

“*Questo gol é per te, buffone*”, ou melhor ainda, “Este gol é para você, palhaço”.



RECOPAS

SUL-AMERICANAS

93/94

A Recopa foi instituída pela Confederação Sul-Americana para ser um “tira-teima” anual entre os campeões da Libertadores e da Supercopa. Para tanto, a entidade contou com o apoio da Prefeitura da cidade japonesa de Kobe e da companhia aérea Japan Air Lines, interessadas em reforçar a implantação do futebol no Japão. O tira-teima, assim, deveria ter como local a cidade de Kobe.

Como campeão da Libertadores-92, o São Paulo enfrentou o Cruzeiro, campeão da Supercopa-92. Excepcionalmente, porém, a disputa não pôde ser realizada no Japão por falta de datas. O jeito encontrado foi fazer o jogo São Paulo X Cruzeiro do Campeonato Brasileiro valer também como primeira final da Recopa e realizar um Cruzeiro X São Paulo.

O São Paulo X Cruzeiro, no Morumbi, terminou empatado por 0 a 0.

O Cruzeiro X São Paulo, no Mineirão, também empatou por 0 a 0, e a decisão foi para os pênaltis. O São Paulo venceu-a por 4 a 2. Atuou essa partida com Zetti, Gilmar, Válber, Ronaldão e André; Cafu, Dinho, Cerezo e Juninho; Valdeir (Jamelli) e Palhinha (Catê). Técnico: Telê Santana.

Já a Recopa-94 nem precisaria ser disputada, já que o São Paulo fora campeão da Libertadores e da Supercopa do ano anterior.

Mas, para prestigiar a competição e o próprio futebol japonês, o São Paulo concordou em jogar em Kobe contra o Botafogo-RJ, que havia vencido a Conmebol de 1993.

O São Paulo, então, carimbou a faixa em cima do Botafogo, batendo-o por 3 a 1, gols tricolores de Leonardo, Guilherme e Euler, e jogando com Zetti, Vítor, Júnior Baiano, Válber e André; Doriva, Cafu (Axel), Palhinha (Juninho) e Leonardo; Euler e Guilherme. Técnico: Telê Santana.



CONMEBOL E SUPERCONMEBOL

O título da Copa Conmebol-94 teve um sabor especial, porque foi conquistado pelo time de juniores, chamado “Expressinho”, frente às equipes principais dos adversários – que foram, pela ordem, Grêmio, Sport Boys do Peru, Corinthians e Peñarol.

O primeiro jogo das finais contra o Peñarol foi de arrasar: o Expressinho meteu 6 a 1 na tradicional equipe uruguaia, na maior derrota da sua centenária história. O jogo foi no Morumbi, e o São Paulo atuou com Rogério, Pavão, Néelson, Bordon e Ronaldo Luiz; Mona, Pereira e Denílson; Catê, Caio e Toninho. Os gols foram, pela ordem, de Aguillera (para o Peñarol), Caio, Catê, Toninho, Caio, Catê e Catê.

A segunda final foi em Montevideú, 3 a 0 para eles. Podíamos perder até por quatro gols de diferença.

Já a Supercopa da Conmebol foi promovida pela Confederação Sul-Americana de Futebol em 1996, reunindo os times que já tinham sido campeões da Conmebol desde que ele fora instituída: Atlético-MG (1992), Botafogo-RJ (1993) e Rosário Central da Argentina (1995), além do São Paulo.

Na final, no Estádio José Fragelli, em Cuiabá, o Tricolor venceu o Atlético Mineiro por 3 a 2, gols de Aílton, Almir e Valdir, atuando com este time: Zetti, Edinho, Pedro Luís, Sorlei (Marquinhos Capixaba) e Guilherme; Edmílson, Donizeti e Sandoval; Almir (Gilmar), Valdir e Aílton (Denílson). Técnico: Muricy Ramalho.



COPA DOS CLUBES BRASILEIROS CAMPEÕES MUNDIAIS

Em 1995, o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) decidiu dar uma estocada no futebol e promoveu um torneio entre os quatro únicos times brasileiros que haviam sido campeões mundiais, São Paulo, Santos, Cruzeiro e Grêmio.

O São Paulo venceu as competições de 1995 e 1996, chegando às finais também no ano seguinte.

Em 95, na final realizada em Uberlândia, MG, dia 28 de julho, o São Paulo bateu o Santos nos pênaltis (4 a 3) após empate por 0 a 0 no tempo regulamentar. A equipe tricolor dessa partida foi Zetti, Cláudio, Gotardo, Bordon e Vaguinho; Alemão, Donizeti (Sierra), Denílson (Catê) e Aílton; Juninho e Bentinho. Técnico: Telê Santana.

Em 1996, a final foi em Brasília, dia 18 de julho. O Tricolor bateu o Flamengo por 2 a 1, gols de Adriano, de falta, e Valdir. A equipe campeã foi esta: Zetti, Belletti, Válber, Bordon e Serginho

(Guilherme); Axel, Edmílson, Adriano (Sandoval) e Denílson; Valdir (Pedro Luís) e Muller. Técnico: Muricy Ramalho.



O TÍTULO DE 98

Este foi o 19º título de campeão paulista da história do São Paulo, ganho em cima do Palmeiras, nas semifinais, e do Corinthians, nas finais. Uma conquista emocionalmente perfeita!

A campanha tricolor justificou o belo feito: 81% de aproveitamento, com 11 vitórias e um empate em 14 jogos.

Nas semifinais, ficaram Palmeiras e São Paulo de um lado, Corinthians e Portuguesa do outro. Enquanto o São Paulo passou fácil pelo seu adversário (2 a 1 e 3 a 1), o Corinthians teve de contar com a colaboração fundamental do juiz argentino Javier Castrili.

Por causa disso, a torcida tricolor não perdoou, nas finais, cantando o refrão:

“Ão, ão, ão, roubou a Portuguesa pra ser vice-campeão”.

Isto na segunda final, já que a primeira foi vencida pelo

Corinthians por 2 a 1. Mas o que valeu foi o 3 a 1 da segunda, pois o São Paulo tinha feito melhor campanha.

Um dos fatos marcantes dessa conquista foi a volta de Raí, que participou apenas deste jogo do campeonato. Ele teve atuação decisiva, tendo sido considerado o melhor em campo pela unanimidade da imprensa. Também foram destacados França, Carlos Miguel, Denílson... bem, o time todo, que jogou com Rogério, Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos (Bordon) e Serginho; Alexandre, Fabiano, Raí (Aristzábal) e Carlos Miguel (Gallo); França e Denílson. Técnico: Nelsinho Batista.

Raí havia sido contratado com parte do dinheiro da venda de Denílson, mas para chegar depois do Campeonato Paulista.

Como a transação envolvia uma alta soma de dinheiro, o presidente Fernando Casal de Rey levou o assunto para o Conselho Deliberativo, que aprovou a contratação com apenas um voto discordante, do conselheiro Carlos Kherlakian.

Na noite após a derrota para o Corinthians na primeira final, o presidente recém-empossado Bastos Neto consultou o regulamento e teve confirmada, no capítulo “Das Inscrições”, uma desconfiança que se acercou dele tão logo o juiz encerrou aquela partida.

Na manhã seguinte, enviou um fax à Federação perguntando se

havia prazo para a inscrição de jogador. Resposta da entidade, por fax também:

“Nada a obstar quanto a novas inscrições”.

Daí em diante, foi uma correria só. O processo de convencimento começou por Raí, depois Ricardo Gomes, técnico do Paris Saint Germain, depois os dirigentes do time francês.

Tudo resolvido, Raí chegou e foi apresentado à imprensa.

O técnico Nelsinho Batista relutava sobre a escalação do craque, temendo que a falta de entrosamento poderia ser fatal para o São Paulo. O presidente Bastos Neto, entretanto, foi incisivo:

— O pior que pode nos acontecer é perder de novo. Ninguém pode ser chamado de irresponsável por tentar inverter uma situação como a que estamos passando.

Nelsinho concordou:

— Então vamos em frente com essa irresponsabilidade...



RAÍ VIEIRA DE OLIVEIRA

Raí veio do Botafogo-SP em setembro de 1987. Tinha 22 anos. Já havia sido convocado para a Seleção Brasileira, mas ainda não era um craque consagrado.

Consagrou-se, sim, no São Paulo, depois de um início não muito brilhante. O jogo “divisor das águas” para ele foi o 3 a 0 no Corinthians na decisão do título paulista de 1991, quando fez três gols.

A partir dali, subiu como um rojão. Passou a representar para o São Paulo da década de 90 o que Leônidas representou para o São Paulo da década de 40. Se Leônidas levou o São Paulo a ser conhecido nacionalmente, Raí fez o mesmo em termos internacionais.

O time não parava mais de ganhar títulos, tendo, além de Raí, outras estrelas fulgurantes como Muller, Antônio Carlos, Cafu,

Cerezo, Leonardo etc.

Raí foi o craque do jogo tanto na decisão da Libertadores-92, contra o Newell's Old Boys quanto do Mundial-92, frente ao Barcelona.

Após este jogo de Tóquio, aliás, foi o único jogador brasileiro com quem o técnico do time espanhol, o holandês Johann Cruyff, tentou travar um diálogo, em espanhol, naturalmente.

— Parabéns por sua atuação - disse Cruyff, para completar:

— Já que era para minha equipe ser atropelada, que fosse por uma Ferrari, como aconteceu hoje.

Depois disso, Raí foi jogar na França, no Paris Saint Germain, onde ficou seis anos.

Voltou ainda no auge em 1998 para ajudar o São Paulo a ganhar o Campeonato Paulista.

Naquela ocasião, sua firmeza ajudou o presidente Bastos Neto a tocar para a frente o projeto de trazê-lo de Paris apenas para a finalíssima:

— Perguntei-lhe se arriscaria e ele não pensou duas vezes. Disse que sim e que estava em forma.



JOSÉ EDUARDO MESQUITA PIMENTA

Sócio desde 1956, conselheiro vitalício, o paulistano José Eduardo Mesquita Pimenta foi indicado à presidência pelo grupo que havia assumido o comando do clube em 1990 e tornou-se o presidente mais ganhador da história do São Paulo, até hoje. Ficou no cargo de 1990 a 1994.

Mas ganhar nunca é fácil. Vejam esta:

O time jogaria em La Paz e Oruro, nos Andes bolivianos, pela Libertadores de América de 1992.

Muito se falava da altitude daquelas cidades. Muito se discutia sobre o melhor sistema para se jogar com o ar rarefeito.

Diziam uns:

“É melhor chegar na hora do jogo.”

Diziam outros:

“É preciso chegar vários dias antes.”

No CCT Frederico Menzen, o São Paulo já havia testado a condição aeróbica de cada um dos seus jogadores em condições especiais de baixa pressão, na sala apelidada de “Bolívia”.

Como não havia datas suficientes para se chegar àquelas cidades com muita antecedência, a comissão técnica optou pela chegada no dia do jogo, mas em duas partes: primeiro, a delegação viajaria para Santa Cruz da La Sierra, ao nível do mar. De lá, seguiria em avião fretado para La Paz e Oruro nos dias dos jogos, com tempo apenas para seguir do aeroporto para o estádio, trocar-se, jogar e voltar.

No dia do jogo, em La Paz, o então presidente, José Eduardo Mesquita Pimenta, “quase morreu” de apreensão.

Ele chegou à capital andina um dia antes. No dia seguinte, após o almoço, num bate-papo com dirigentes locais, ele ouviu a frase que deu início à sua apreensão:

“Pelo jeito do tempo, hoje nenhum avião “sobe” até La Paz.”

O jogo estava marcado para as 20h30.

Pimenta olhava no relógio. 19 horas, nada! 19h30, nada!

20 horas! Pimenta não se conteve e saiu do estádio para a rua tentando achar a delegação. Pensava ele no w.o. humilhante que poderia acontecer.

— O que vou dizer no Conselho? Para a imprensa? Para a torcida? - perguntava o presidente para si mesmo.

20h20, finalmente Pimenta divisa um ônibus. Imaginou conversar com o representante da Confederação Sul-Americana de Fute-

bol solicitando o adiamento do início do jogo.

Iria mesmo tomar tal atitude se, ao entrar no ônibus, não divisasse todos os jogadores já uniformizados e prontos para entrar em campo. Estavam até suados.

O “aquecimento” ocorrera devido a falta de ar condicionado do ônibus.

Resultado do jogo: 1 a 1.

Conselho do presidente Pimenta a todos os outros presidentes de clubes do mundo: se quiser optar por chegar a La Paz na hora do jogo, não seja tão pontual...

O São Paulo iria estreiar na Libertadores-92 em Criciúma, Santa Catarina.

Após o reconhecimento do campo do Estádio Heriberto Hulse, o presidente Pimenta ficou mais um pouco no gramado, quando percebeu a aproximação dos dirigentes da CBF (e representantes da Confederação Sul-Americana naquela ocasião) Ildo Nejar e Armando Marques.

— Numa entrevista às rádios locais, o Telê fez críticas desairosas à Confederação Sul-Americana e ao seu presidente Leoz. O São Paulo vai ser suspenso... - advertiu Ildo Nejar.

Aturdido com a notícia, Pimenta perguntou:

— O que podemos fazer?

— A saída é o Telê pedir desculpas pessoalmente ao Leoz. -
sugeriu Armando Marques.

Pimenta:

— Vou falar com o Telê agora mesmo.

O presidente foi até o hotel, falou com o técnico, mas este fez pé firme nas suas declarações, dizendo que não se retrataria.

Depois de mais de duas horas de conversa, vários diretores tentando convencer Telê a se retratar, encontrou-se uma solução: Telê não se desculparia pessoalmente, mas aceitava assinar uma retratação por escrito.

Pimenta pegou a carta e correu célere para o hotel onde estavam os dirigentes da CSAF.

O São Paulo pôde jogar em paz.

Muller havia sido vendido para o Torino, mas seu comportamento irrequieto e sua, digamos, falta de responsabilidade, logo lhe despertaram o desejo de voltar ao Brasil.

Tão logo teve oportunidade, fez esta comunicação aos dirigentes do São Paulo. Pediu, então, uma reunião com o presidente Pimenta e o diretor Casal de Rey, marcando-a num restaurante de Milão, e não de Torino, para não “dar bandeira”, como disse.

Demonstrou tanta vontade de voltar que acabou assinando um contrato provisório num papel sem timbre conseguido pelo garçom que servia à mesa.

Dois problemas, porém, persistiam: o São Paulo não tinha dinheiro e ele, Muller, teria de devolver algumas coisas ao Torino.

O primeiro impasse foi resolvido da seguinte maneira: Pimenta e Fernando acertaram um empréstimo no Banco do Brasil de Milão com o aval do Bradesco.

O segundo impasse foi resolvido por Muller. Ele abriu mão do valor aproximado de US\$ 1 milhão que tinha de receber do Torino e devolveu a Ferrari Testa-Rossa que o clube havia lhe dado de presente...

É isso aí....



Aproveitando a estada de ambos (e de vários outros conselheiros do SPFC) na Copa do Mundo da França, o então ex-presidente Fernando Casal de Rey, recém-saído do cargo, marcou uma reunião com o presidente recém-empossado, Bastos Neto, para tratarem de um assunto pendente, a renovação do contrato de Dodô. O procurador do jogador, empresário Juan Figger, logicamente também foi chamado.

Até aí, tudo tem.

As diferenças chegam agora: o local do encontro foi o Restaurante La Copolle, escolhido por Fernando, talvez lembrando a transação da volta de Muller. Figger levou com ele um dirigente do Bayern Leverkusen, que, incrível, não falou uma palavra. E sabem também quem estava presente? O presidente do Corinthians, Alberto Dualibi, que chegou junto com o dr. Galvão, nosso ex-presidente.

O objetivo da reunião foi cumprido. Houve um acordo para a renovação de Dodô, transcrito, como em Milão, pasme, num papel timbrado do restaurante e assinado por todos.



TELÊ SANTANA

Em outubro de 1990, depois da frustrada chance dada a Pablo Forlan, o São Paulo iniciou nova caminhada em busca de um técnico ideal.

O nome estava definido, Telê Santana. O problema era trazê-lo.

Após verdadeira operação de emergência para conseguir passagens aéreas em um tumultuado feriado nacional, representantes do clube foram para Minas Gerais e, contando com a intermediação do conselheiro e então diretor de Marketing Carlos Caboclo, amigo do treinador, firmaram o acordo.

Poucos meses depois, o time já garantia uma vaga na final do Brasileiro, frente ao Corinthians, apesar de arbitragens “estranhas” durante o campeonato.

Mas, na finalíssima, a cera do Corinthians foi demais para Telê.

A perda do título levou-o de volta a seu recanto mineiro ainda

mais revoltado.

— Estou abandonando o futebol por suas repetidas injustiças - dizia Telê.

Os dirigentes do São Paulo fizeram nova peregrinação a Minas, apelando contra a teimosia do treinador, para o seu bom caráter: vencer contra tudo e contra todos seria a melhor forma de moralizar o esporte.

Resgate bem sucedido.

Já no primeiro campeonato depois do “fico”, o Paulista-91, o São Paulo atropelou seus rivais e nocauteou o mesmo Corinthians na final.

Era apenas o primeiro troféu da farta galeria do mestre Telê Santana no clube.

Ninguém agüentava mais Telê Santana naquele ensolarado 12 de dezembro de 1993.

A delegação do São Paulo preparava-se para deixar o Hotel Tokyo Prince a caminho do Estádio Nacional, palco de mais uma final de Mundial.

Tenso, emburrado (como quase sempre) o Velho Mestre respondia com o mais azedo mau humor a qualquer tentativa de aproximação.

O diretor de Futebol Fernando Casal de Rey ao contrário, estava supercalmo, fisionomia tranquila. Márcio Aranha aproximou-se:

— Poxa, Fernando, como você está bem...

— É que tomei um destes - e mostrou a embalagem do calmante Lexotan.

Márcio, então, teve a idéia de “presentear” Telê com alguns comprimidos. Em nome do bem-estar do grupo, o irritado treinador acabou aceitando a sugestão.

A fama de rabugento de Telê tinha muito a ver com sua sinceridade. Se ele achava que não era certo, reclamava mesmo, sem perdão. Foi assim que procedeu todas as vezes que o São Paulo emprestou o estádio para acontecimentos diversos do futebol.

Certa ocasião, quando o Morumbi foi emprestado para um encontro da Igreja Católica, Telê deu esta declaração, publicada no “Estado de S. Paulo” de 02/12/91:

— O Morumbi, o Maracanã, São Januário, estádios de futebol foram feitos para o futebol. Eu sou católico, mas não posso concordar com a cessão do campo para atos religiosos. Eu nunca peço para treinar na igreja. Os padres, então, nunca deveriam pedir para rezar no Morumbi.

Telê e o embaixador Walther Moreira Salles, dono do Unibanco, são amigos. Até aí, tudo bem. Interessante foi a maneira como travaram amizade: um dia, num avião, um olhou para a mão do outro e perceberam, ambos, que tinham algo em comum. Ou melhor, não tinham.

Os dois não tinham um dedo indicador.

Aí, conversaram pela primeira vez, perguntando, provavelmente:

— Como foi o acidente?

Rabugento, bravo, perfeccionista, lá estava Telê no Centro de Treinamento do São Paulo dirigindo um coletivo.

— Vai, Bernardo.

— Corre, Bernardo.

— Passa logo a bola, Bernardo.

— Chuta, Bernardo.

Até que, num determinado momento, Bernardo, um metro e 90 de puro músculo, perdeu a paciência.

Virou-se para Telê e reclamou, aos berros:

— Aaaaaaaaahhhhhhhhhhhhhrrrrrrrrrrr!!!!

Telê achou que Bernardo havia ficado louco e saiu de fininho...

Numa entrevista ao “Jornal do Brasil” de 12/06/94, Telê Santana deu sua opinião sobre sexo no futebol:

— Pegue um campeão olímpico norte-americano e diga para ele ter uma relação sexual com uma mulher. Ele vai lá, tem a relação e amanhã vai competir.

O brasileiro é diferente, segundo Telê:

— Ele vai querer beber, fazer o aquecimento. Desgasta-se em excesso. Falo por experiência própria. Fui jogador mais de 15 anos e sei o mal que uma relação sexual faz antes de um jogo.

Para encerrar:

— O brasileiro não se contenta com o feijão com arroz. Vai querer uma feijoada.

Cada vez que o contrato de Telê terminava, ele arranjava alguma desculpa e ia para Minas. Era necessário, então, que seu amigo Carlos Caboclo e outros dirigentes do São Paulo fossem lá e o

convencessem a voltar.

Numa dessas vezes, chateado com a repetição constante do fato, o presidente Pimenta comunicou à diretoria que iria contratar outro técnico e contatou Leão.

A notícia espalhou-se pelo clube, fazendo com que os ex-presidentes Galvão e Dallora pegassem um avião e fossem atrás de Telê.

Depois de algumas horas de entendimento, conseguiram fazer com que o Velho Mestre voltasse para o Tricolor.

Rapidamente, ligaram para Pimenta interromper os contatos com Leão.

O então diretor de Futebol, Márcio Aranha, chegou atrasado e esbaforido a uma reunião de diretoria.

O presidente Fernando Casal de Rey perguntou-lhe a causa daquele ar estupefato.

— Estive com o Telê até agora e ele me entregou uma lista de jogadores que não quer mais, para serem dispensados, caso contrário ele vai embora.

— E quais são esses jogadores? - foi a pergunta unânime na sala.

Márcio:

— Muller, Palhinha, Válber, Cafu...

O presidente interrompe.

— Vamos esperar até amanhã para ver se ele se arrepende.

Os diretores, revoltados, criticavam o treinador, comentando que, ou ele estava querendo arrasar com o patrimônio do clube, ou estava querendo mostrar que o bom ali era ele, não os jogadores.

Telê já havia mudado a equipe-base duas vezes e, ainda assim, o São Paulo continuava ganhando títulos.

A terceira “desmontagem”, entretanto, ainda com Telê, não deu certo.



PEQUENAS HISTÓRIAS

DOS

ANOS 90

—□— AS DESCULPAS DE VÁLBER —□—

Válber foi um dos craques com C maiúsculo do São Paulo. Tinha uma habilidade incomum, uma rara visão de jogo e uma certa liderança no grupo, graças à sua inteligência.

Mas nunca foi de levar a carreira a sério, embora fosse sério nos jogos. Faltava aos treinos, ficava dias sem aparecer e dava, depois, as mais variadas desculpas. Exemplos: morte da tia, morte de outro parente, infarto do pai...

Num dos seus “desaparecimentos”, foi chamado pelo presidente Fernando Casal de Rey.

— O que aconteceu, Válber? Quem foi que morreu desta vez? Cuidado para não repetir porque tenho todas as desculpas anotadas...

Válber respondeu, sem perder a compostura:

— O senhor não vai acreditar.

— Fale então - instou o presidente.

— Fui raptado. Fiquei preso no porta-malas do carro por quase dois dias...

—□— VÁLBER E BELLINTANI —□—

Na viagem do São Paulo a Santiago do Chile para o segundo jogo das finais da Libertadores-93 com o Universidad Católica, Válber foi parado no aeroporto chileno: não estava com a documentação em ordem.

Como o problema teria um desfecho demorado, com o acionamento da embaixada brasileira, a Comissão Técnica resolveu seguir para o hotel deixando Válber e um diretor, Homero Bellintani Filho, resolvendo o caso.

Horas depois, eles chegaram finalmente ao hotel. O jantar já havia sido servido e a copa estava fechada, os dois com fome.

Ao ver dois abacates sobre uma fruteira, Válber os pegou:

— Que sorte, doutor. Uma vez comi abacate com um dirigente antes de um jogo importante e nós ganhamos...

— Vamos, então, fazer uma nova prova – disse Homero, entrando na brincadeira..

A coisa, porém, piorou para ele. Válber continuou:

— A gente deve pôr bastante sal e depois não pode comer mais

nada. Nem beber água.

Comeram.

Homero, supersticioso, não comeu mais nada nem bebeu água.
Sacrificou-se em nome do São Paulo.

Se Válber fez o mesmo, não se sabe.

Sabe-se que o São Paulo perdeu o jogo, mas ganhou o título.

Sabe-se, também, que quando Válber viu Homero depois do jogo, foi logo perguntando:

— Gostou da minha “mandinga”, doutor?

—□— O “SALVADOR DA PÁTRIA” —□—

Após atropelar Newell’s Old Boys e Flamengo nas duas primeiras rodadas da Libertadores-93, o São Paulo encontrou uma surpresa nas semifinais. Apesar de estar defendendo o título, o time foi “empurrado” para outra chave pelo regulamento. Agora, defenderia a taça decidindo fora de casa nas duas rodadas finais.

O primeiro obstáculo era o Cerro Porteño. Jogando na mais pura retranca, o técnico brasileiro Paulo César Carpegiani armou uma verdadeira barreira em sua defesa. Mas Raí garantiu o magro 1x0.

No segundo jogo, foi a nossa vez. O “caldeirão” do Defensores del Chaco fervia, mas o time suportava a pressão de forma heróica. Nos minutos finais, com o 0x0 garantindo uma vaga na final, um susto - ou um anjo salvador: Ronaldo Luiz salvou um gol adversário

debaixo das traves, sobre a risca do gol.

Zetti virou-se para ele e exclamou:

— Que destino, hein?

Ronaldo já havia feito o mesmo nos duelos com o Barcelona, em Tóquio, e com o Palmeiras, no Paulistão/92.

O lateral-esquerdo mineiro ficou na história do São Paulo como “Anjo Salvador”. Ou como “Salvador da Pátria”...

—□— DOIS JOGOS NUM DIA —□—

O “Expressinho” debutou na Conmebol-94 em grande estilo: logo de cara, eliminou o Grêmio de Jardel e Paulo Nunes.

Na segunda rodada, o desafio era contra o Sporting Cristal, com direito a uma surpresa adicional: o jogo de ida seria na mesma data de um novo encontro com o Grêmio, agora pelo Brasileirão.

— Vamos, então, promover uma rodada dupla no Morumbi, decidiu o presidente Pimenta.

Juninho, meia pequeno e muito habilidoso, já era a arma-surpresa do time principal. Entrava no meio dos jogos e decidia.

Telê e Muricy, este na direção do “Expressinho”, queriam contar com o craque. O São Paulo decidiu que ele ficaria no banco na preliminar e entraria só se fosse necessário.

Foi necessário, pois o time não deslanchava.

O campeão peruano vencia por 1x0, quando o zagueiro Néelson se contundiu. Muricy, então, avisou Tê pelo rádio:

— Vou colocar o Juninho.

— Tudo bem. Talvez ele ajude a resolver o jogo.

Resultado: São Paulo 3, Sporting Cristal 2.

A torcida ainda recobrava o fôlego depois da empolgante virada quando o time principal tomou o campo, Juninho novamente no banco.

O Grêmio endurecia a partida e o Tricolor sofria para chegar à meta rival. Telê não hesitou: para espanto de todos, mandou Juninho entrar. Ele incendiou o jogo, empurrou o time ao ataque e o conduziu à vitória.

Em uma façanha digna do Guinness, o jovem craque brilhou duas vezes em uma noite autenticamente tricolor.

—□— MIDDLESBROUGH —□—

O meia Juninho, um dos talentos revelados no Morumbi, seria negociado pelo São Paulo com o Middlesbrough, da Inglaterra. Estava mais ou menos acertado que o pagamento seria à vista, após a conclusão dos exames físicos.

Numa sala, onde se encontravam o diretor de Relações Exteriores tricolor, Júlio Brisola, o presidente, Fernando Casal de Rey, um diretor que intermediava os contatos e um representante do time inglês, perguntou-se se o pagamento seria realmente à vista.

O intermediário confirmou, quando o inglês interveio e disse que era ele quem falava quando o assunto era dinheiro. O dirigente do

Middlesbrough queria dar uma terça parte do valor acordado após os exames físicos, uma terça parte depois de seis meses e o último terço em um ano.

Júlio Brisola se enfureceu e encerrou a reunião naquele momento. Momentos depois, ele e Fernando Casal de Rey se acertaram.

— Calma, Júlio, não vamos perder o negócio, o São Paulo precisa do dinheiro.

Os dois e o representante da equipe inglesa voltaram, então, a conversar. Mas a proposta britânica havia mudado: o Middlesbrough pagaria metade depois dos exames clínicos e a outra parte em 60 dias.

Júlio Brisola afirmou que aceitaria se o São Paulo fizesse uma partida contra o Middlesbrough, com cota de US\$ 150 mil sem despesas.

Deu certo.

—□— GOLAÇO DE DENÍLSON —□—

Na noite de 20 de fevereiro de 1997, as “fadas” do futebol visitaram o Morumbi.

O São Paulo já derrotava o Rio Branco de Americana por 3x1 no início do segundo tempo. Aos 23 minutos, os “espíritos santos” desceram à beira do gramado e, não por coincidência, estavam atentos ao camisa onze tricolor – ele era o motivo da visita.

O jovem ponta recebeu do zagueiro Nem antes do meio do

campo e, quando girou para dominar a bola, já havia deixado um marcador para trás. De frente para o gol adversário – mas ainda a setenta metros de distância dele –, enxergou o enorme caminho verde que se espalhava aos seus pés e decidiu seguir por ele.

Ginga daqui, ginga dali, para espanto dos presentes (do estádio e da tevê), o ponta colou a bola nos pés e continuou rasgando o campo sozinho.

Perto da intermediária, enfrentou, solitário, todos os defensores rivais. Após enganar um por um com seu mágico drible, o camisa onze deu de cara com o goleiro da equipe visitante.

Nenhuma surpresa: um corte perfeito e o rival estava para trás, esticado no chão.

Encantada, a bola correu firme para a meta.

Denílson sorriu e olhou para cima. Garrincha, Canhoteiro e Dener, entre outros, retribuíram o sorriso.

—□— NOITE DAS GARRAFADAS —□—

Terminado o jogo São Paulo e Corinthians pela decisão do Campeonato Paulista de 1997, alguns dirigentes tricolores, que saíram aborrecidos do Morumbi, dirigiram-se à Pizzaria Cristal, onde pediram whisky para afogar as mágoas.

Lá estavam: Júlio Brisola, desembargador Francisco de Assis, Galvão, Carlos Caboclo, Constantino Cury e o então secretário-geral, Bastos Neto, entre outros.

O presidente Fernando Casal de Rey demorou para chegar.

Ao entrar no local, totalmente frustrado, foi reconhecido por um grupo de corinthianos, e eles começaram a entoar o hino alvinegro.

Fernando, que no começo tentava mostrar indiferença, depois da terceira repetição do hino, levantou-se e gritou:

— Tá bom, tá bom. Vocês ganharam. Agora chega.

Os adversários cantaram mais alto.

O presidente não se conteve. Pegou uma lata de refrigerante aberta e jogou o líquido contra os desafetos, esbravejando:

— Vamos acabar com isto.

Foi o estopim.

O pessoal atingido pelo refrigerante foi em direção de Fernando.

Brisola advertiu:

— Cuidado, Fernando!

Bastos Neto, que estava sentado de costas para o acontecimento, passou a mão numa garrafa de whisky e a atirou contra os desafetos.

Eles pararam.

Então, Bastos Neto, para afastá-los definitivamente, pegou outra garrafa e ameaçou atirá-la também.

Os antagonistas recuaram e foram embora.

Constantino Cury, assustado com a confusão, esbravejou alto para que todos escutassem:

— Isto não é coisa de são-paulino.

Então, deixou rapidamente o local, pedindo que a conta fosse

debitada em seu nome.

Ao passar por Fernando e Bastos Neto, ainda disse baixinho, com jeito travesso:

— Aquela garrafa de whisky estava quase cheia. Por que vocês não jogaram uma de água?

—□— NA LINHA DO EQUADOR —□—

Que o São Paulo fez (e faz) gols em qualquer parte do mundo, todo mundo já sabe. Mas não precisava exagerar.

Vencido o Centro Sportivo Alagoano-CSA, em Maceió, Alagoas, na primeira rodada da Copa do Brasil de 1999, o Tricolor iria enfrentar o desconhecido Ypiranga de Macapá na fase seguinte da competição.

Como se sabe, o Amapá é um Estado cortado pela linha do Equador, que divide o globo em dois hemisférios.

O curioso é que o time do Ypiranga construiu seu estádio, o Milton de Souza Corrêa (Zerão, por causa da latitude zero), bem em cima dessa linha, fazendo com que a risca do meio-campo coincida com ela. Uma trave no hemisfério norte, outra no hemisfério sul.

O Tricolor fez bonito e meteu quatro gols no time macapense. Dois no primeiro tempo, os outros dois no segundo – para ser igual com nortistas e sulistas.

Serginho, lateral-esquerdo que chegou ao São Paulo juntamente com Belletti, vindos do Cruzeiro, numa troca que de início foi criticada e que depois mostrou ter sido boa, cometia seus deslizes, também.

Certo dia, foi abordado por agentes que tentavam levá-lo para a Alemanha, mais precisamente para o Bayer Leverkusen, e concordou em assinar um contrato de gaveta com o citado clube, recebendo para tanto US\$ 100.000 (cem mil dólares) de adiantamento.

Quando ele comentou aquela atitude com alguns companheiros, foi admoestado principalmente pelo lateral-direito Cláudio, que lhe perguntou:

— Por que você fez isto ?

— Eu estava precisando do dinheiro.

— Porque você não contou a sua situação para o diretor? Talvez ele resolvesse.

— Não pensei nisso.

— Se eu fosse você, eu falava agora com o presidente Fernando Casal de Rey.

Serginho ficou de pensar.

Não falou nada, mas o assunto veio à baila.

Os alemães apareceram para comprar o lateral.

A proposta era de US\$ 2.500.000 (dois milhões e quinhentos mil dólares).

O São Paulo não quis negócio e os compradores resolveram mostrar o contrato assinado com o jogador.

O impasse estava criado.

Serginho poderia ser suspenso pela FIFA.

Final da confusão: o São Paulo precisou pagar ao Leverkusen US\$ 400.000 (quatrocentos mil dólares) e ainda convidá-lo para participar de um Torneio de Verão, a III Copa Euro-América, patrocinada pelo empresário Juan Figer.

Ao entrar em campo naquele jogo, Serginho disse aos companheiros:

— Este amistoso fui eu que arranjei.

Um ano depois, Serginho foi vendido para o Milan por uma quantia quatro vezes maior do que aquela oferecida pelo Bayer Leverkusen.

O presidente do Conselho Deliberativo e advogado, Milton José Neves, interrompendo seus afazeres jurídicos, aceitou acompanhar o jogador para não deixar que alguma aresta atrapalhasse o negócio.

—□— A FORÇA DA NOVA GERAÇÃO —□—

Encantado pelas liras italianas, Serginho foi embora, como tantos outros craques brasileiros. O São Paulo sempre sente a ausência dos que saem, mas nem por isso perde a força. Tem seus sistemas de defesa – e um deles é a Escola de Futebol Vicente Feola, a que mais revela craques no País.

Agora mesmo, no ano 2000, o time de juniores do São Paulo

ganhou a Copa São Paulo, o real campeonato brasileiro da categoria. Repetiu a façanha do jovem São Paulo de 1993, que, na final, meteu um 4 a 3 no Corinthians.

O São Paulo-jovem de 2000 ganhou a final do Juventus por 2 a 1. Ganhou bonito, de virada, num Pacaembu lotado por 50 mil ou mais são-paulinos. Os mais de 10 mil que não conseguiram entrar também vibraram com a conquista que confirmou: o Tricolor do futuro é o mesmo de sempre.



SÃO PAULO F.C., BRASIL.

V aldir Perez, Cafu, Mauro, Bellini e Leonardo; Chicão, Bauer e Raí; Muller, Leônidas e Araken.

No banco, titulares também, Zetti, De Sordi, Oscar, Rui, Noronha, Dino, Luizinho, Gêrson, Denílson, Careca, Waldemar de Brito...

Vários autênticos times dos sonhos poderiam ser formados com os 35 jogadores que disputaram Copas do Mundo enquanto jogavam pelo São Paulo.

Além dos craques, o clube também “emprestou” seus treinadores duas vezes para o Brasil ser campeão do mundo. Acompanhado do “Marechal da Vitória”, Paulo Machado de Carvalho, e do psicólogo João Carvalhaes, Vicente Feola liderou a conquista nos campos suecos em 1958, dando ao Brasil seu primeiro título. E no bicampeonato, em 1962, nosso Aimoré Moreira era o comandan-

te, também “escoltado” pelo dr. Paulo, “Marechal das Vitórias” do “Esquadrão de Aço” do São Paulo dos anos 40.

O Tricolor também foi representado significativamente na conquista da Copa do Mundo de 1994: nada menos que dez dos 22 jogadores do elenco tinham sido formados ou tinham passado pelas nossas fileiras, bem como o preparador físico Moracy Santana.



O SÃO PAULO

O São Paulo é orientado pelo clarão das estrelas, pela fé nos destinos do homem, pela força do trabalho, pelo amor da torcida, pelo descortínio dos dirigentes e pela fibra dos atletas.

Guaracy Sampaio,
conselheiro

ESTATÍSTICAS

Anos 30, 40, 50, 60, 70, 80 e 90. Décadas e décadas de conquistas de campeonatos e torneios no Brasil e no Exterior pelo futebol e de significativas vitórias em outros esportes. Décadas e décadas de fortes emoções forjadas por personagens que se tornaram ídolos de uma nação de 10 milhões de pessoas, pelas projeções do Ibope.

Os títulos e os ídolos, sob o critério estatístico, estão aqui, nas próximas páginas.

Para efeitos didáticos, os títulos estão divididos por períodos (presidências) e obedecem a uma ordem hierárquica: primeiro os grandes, aqueles de incontestável apoio popular, seguidos pelos dos torneios por convites no Exterior e no Brasil e pelas taças/troféus de efeito moral.

Já os ídolos foram divididos por craques que mais ganharam títulos pelo São Paulo; artilheiros por gols, por média, etc; jogadores que mais vezes vestiram a camisa tricolor; as seleções de todos os tempos...

OS TÍTULOS DO FUTEBOL

Presidência de Edgard de Souza (26/01/30 a 12/33)

Campeonato Paulista 1931

Torneio Início do Campeonato Paulista 1932

Presidência de Paulo Machado de Carvalho (15/02/40 a 10/11/40)

Torneio Início do Campeonato Paulista 1940

Presidência de Décio Pacheco Pedroso (29/11/40 a 11/02/46)

Campeonato Paulista 1943

Campeonato Paulista 1945

Torneio Início do Campeonato Paulista 1945

Taça dos Invictos 1946 (23 jogos)

Presidência de Roberto Gomes Pedroza (12/02/46 a 14/12/46)

Campeonato Paulista 1946

Presidência de Cícero Pompeu de Toledo (30/09/47 a 29/04/58)

Campeonato Paulista 1948

Campeonato Paulista 1949

Campeonato Paulista 1953

Campeonato Paulista 1957

Pequena Taça do Mundo (VEN) 1955

Troféu Jarrito (MEX) 1955

Presidência de Laudo Natel (30/04/58 a 27/04/72)

Campeonato Paulista 1970

Campeonato Paulista 1971

Quadrangular de Cali (COL) 1960

Pentagonal de Guadalajara (MEX) 1960

Pequena Taça do Mundo (VEN) 1963

Torneio de Firenze (ITA) 1964

Troféu Colombino (ESP) 1969

Torneio Nunes Freire (MA) 1976

II Copa São Paulo (SP) 1976

Presidência de Henri Aidar (28/04/72 a 26/04/78)

Campeonato Paulista 1975

Campeonato Brasileiro 1977

Taça dos Invictos 1972 (15 jogos)

Taça dos Invictos 1975 (39 jogos)

Presidência de Antônio Leme Nunes Galvão (27/04/78 a 26/04/82)

Campeonato Paulista 1980

Campeonato Paulista 1981

Taça Governador do Estado (SP) 1980

Presidência de José Douglas Dallora (27/04/82 a 17/04/84)

Torneio de Verão de Tampa (EUA) 82

Presidência de Carlos Miguel Aidar (17/04/84 a 16/04/88)

Campeonato Paulista 1985

Campeonato Brasileiro 1986

Campeonato Paulista 1987

Triangular Luís Henrique Rosas (SC) 1985

Presidência de Juvenal Juvêncio (16/04/88 a 23/04/90)

Campeonato Paulista 1989

Quadrangular de Guadalajara (MEX) 1989

Taça Eduardo José Farah (SP) 1988

Presidência de José Eduardo Mesquita Pimenta (23/04/90 a 26/04/94)

Campeonato Paulista 1991

Campeonato Brasileiro 1991

Campeonato Paulista 1992

Libertadores da América 1992

Mundial Interclubes 1992

Supercopa da Libertadores 1993

Libertadores da América 1993

Mundial Interclubes 1993

Recopa Sul-Americana 1993

Recopa Sul-Americana 1994

Copa São Paulo de Juniores 1993

Quadrangular de León (MEX) 1990

Torneio da Amizade (CHI) 1990

Cidade de Barcelona (ESP) 1991

Ramón de Carranza (ESP) 1992

Teresa Herrera (ESP) 1992

Cidade de Barcelona (ESP) 1992

Cidade de Santiago (CHI) 1993

Santiago de Compostela (ESP) 1993

Troféu Jalisco (MEX) 1993

Cidade de Los Angeles (EUA) 1993

Presidência de Fernando Casal de Rey (26/04/94 a 16/04/98)

Copa Conmebol 1994

Supercopa da Conmebol 1996

Torneio Rei Dadá (MG) 1995

Copa dos Brasileiros Campeões Mundiais (MS/MG) 1995

Copa dos Brasileiros Campeões Mundiais (MT/DF) 1996

Troféu Fair Play 1995

Presidência de José Augusto Bastos Neto (16/04/98 a 29/04/00)

Campeonato Paulista 1998

Copa São Paulo de Juniores 2000

Los Angeles Soccer Cup (EUA) 1999

Quadrangular de Pachuca (MEX) 1999

3ª Euro América Cup (SP) 1999

1ª Copa Constantino Cury (SP) 2000

Troféu Fair Play 1998

OS TÍTULOS DOS OUTROS ESPORTES

FUTEBOL DE SALÃO

Campeonato Paulista 1998

Campeonato Paulista 1999

FUTEBOL FEMININO

Torneio Início do Campeonato Paulista 1997

Campeonato Paulista 1997

Campeonato Brasileiro 1997

Campeonato Paulista 1999

BASQUETE

Campeonato Paulista 1943

Campeonato Paulista 1944

VÔLEI

Campeonato Paulista 1954

ATLETISMO

Campeonato Estadual 1944

Campeonato Estadual 1945

Campeonato Estadual 1947

Campeonato Estadual 1948

Campeonato Estadual 1949

Campeonato Estadual 1950

Campeonato Estadual 1951

Campeonato Estadual 1952

Campeonato Estadual 1953

Campeonato Estadual 1954

Campeonato Estadual 1955

Campeonato Estadual 1956

Campeonato Estadual 1957

Campeonato Estadual 1961

Campeonato Estadual 1962

Campeonato Estadual 1963

Campeonato Estadual 1964

Campeonato Estadual 1965

Campeonato Estadual 1966

Troféu Brasil 1945

Troféu Brasil 1947

Troféu Brasil 1948

Troféu Brasil 1949

Troféu Brasil 1950

Troféu Brasil 1951

BOXE

Campeonato Paulista 1943
Campeonato Paulista 1944
Campeonato Paulista 1951
Campeonato Paulista 1954
Campeonato Paulista 1960
Campeonato Paulista 1963
Campeonato Paulista 1992
Campeonato Paulista 1993
Campeonato Paulista 1998
Campeonato Paulista 1999
Troféu A Gazeta Esportiva 1945
Troféu A Gazeta Esportiva 1947
Troféu A Gazeta Esportiva 1953
Troféu A Gazeta Esportiva 1956

JOGADORES QUE MAIS GANHARAM TÍTULOS NO SPFC

Müller – 12

Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 96

Ronaldo – 12

Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 89
Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91

Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93

Zetti – 12

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 96

Cafu – 10

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94

Nelsinho – 9

Campeonato Paulista 80
Campeonato Paulista 81
Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 89
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 91
Libertadores 92

Raí – 8

Campeonato Paulista 89
Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Campeonato Paulista 98

Adílson – 8

Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 89
Campeonato Paulista 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Mundial Interclubes 92
Libertadores 93

Palhinha – 8

Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94

Vítor – 7

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Mundial Interclubes 92
Libertadores 93
Recopa Sul-americana 94
Copa Conmebol 94

Válber – 7

Campeonato Paulista 92
Libertadores 93

Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 93
Recopa Sul-americana 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 96

Teixeirinha – 6

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49
Campeonato Paulista 53

Dario Pereyra – 6

Campeonato Brasileiro 77
Campeonato Paulista 80
Campeonato Paulista 87
Campeonato Paulista 81
Campeonato Paulista 85
Campeonato Brasileiro 86
Campeonato Paulista 87

Dinho – 6

Campeonato Paulista 92
Mundial Interclubes 92
Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 93

Toninho Cerezo – 6

Campeonato Paulista 92
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Libertadores 93
Supercopa Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93

Juninho – 6

Supercopa da Libertadores 93
Mundial Interclubes 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94
Copa Conmebol 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95

Remo – 5

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49

Leônidas – 5

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45
Campeonato Paulista 46
Campeonato Paulista 48
Campeonato Paulista 49

Noronha – 5

- Campeonato Paulista 43
- Campeonato Paulista 45
- Campeonato Paulista 46
- Campeonato Paulista 48
- Campeonato Paulista 49

Bauer – 5

- Campeonato Paulista 45
- Campeonato Paulista 46
- Campeonato Paulista 48
- Campeonato Paulista 49
- Campeonato Paulista 53

Oscar – 5

- Campeonato Paulista 80
- Campeonato Paulista 81
- Campeonato Paulista 85
- Campeonato Brasileiro 86
- Campeonato Paulista 87

Zé Teodoro – 5

- Campeonato Paulista 85
- Campeonato Brasileiro 86
- Campeonato Paulista 87
- Campeonato Paulista 89
- Campeonato Brasileiro 91

TÉCNICOS QUE MAIS GANHARAM TÍTULOS NO SPFC

Telê Santana

Campeonato Paulista 91
Campeonato Brasileiro 91
Campeonato Paulista 92
Libertadores 92
Libertadores 93
Mundial Interclubes 92
Mundial Interclubes 93
Supercopa da Libertadores 93
Recopa Sul-americana 93
Recopa Sul-americana 94
Copa dos Clubes Brasileiros
Campeões Mundiais 95

Jorge de Lima, Joreca

Campeonato Paulista 43
Campeonato Paulista 45

Campeonato Paulista 46

Vicente Feola

Campeonato Paulista 48

Campeonato Paulista 49

Carlos Alberto Silva

Campeonato Paulista 80

Campeonato Paulista 89

Otacílio Pires de Camargo, Cilinho

Campeonato Paulista 85

Campeonato Paulista 87

Muricy Ramalho

Copa Conmebol 94

Copa dos Clubes Brasileiros

Campeões Mundiais 96

É importante ressaltar que eram do São Paulo e foram ‘emprestados’ à Seleção Brasileira os técnicos campeões do mundo de 1958 e 1962, Vicente Feola e Aimoré Moreira.

ARTILHEIROS

— ARTILHEIROS POR GOLS —

Serginho, 242
Gino, 232
Müller, 158
Luizinho, 145
Leônidas, 140
Maurinho, 133
Rai, 122
Pedro Rocha, 113
Careca, 112
Remo, 105

— ARTILHEIROS POR CAMPEONATOS —

Campeonato Paulista

1933 – Waldemar de Brito, 21
1938 – Elyseo de Siqueira, 13

- 1944 – Luizinho, 22
1949 – Friaça, 24
1956 – Zezinho, 18
1970 – Toninho Guerreiro, 13
1972 – Toninho Guerreiro, 17
1975 – Serginho, 19
1977 – Serginho, 32
1985 – Careca, 23
1991 – Raí, 20
1995 – Bentinho, 20
1997 – Dodô, 19
1998 – França, 12

— **Campeonato Brasileiro** —

- 1972 - Pedro Rocha, 17
1986 - Careca, 25
1987 - Muller, 15

— **Rio-São Paulo** —

- 1933 - Waldemar de Brito, 33
1958 - Gino, 12
1998 - Dodô, 5.

— **Libertadores** —

- 1972 - Toninho Guerreiro, 6
1974 - Terto, 7
1992 - Palhinha, 7

— **Conmebol** —

- 1994 - Juninho, 5

— ARTILHEIROS EM UM JOGO SÓ —

— 6 gols —

Sastre, 9 a 0 na Portuguesa Santista, 1943

— 5 gols —

Araken, 11 a 0 Internacional, 1932

Luiuzinho, 11 a 0 Internacional, 1932

Waldemar de Brito, 12 a 1 Sírio, 1933

Augusto, 10 a 0 Guarani, 1950

Raí, 6 a 0 Noroeste, 1992

Dodô, 5 a 0 Cruzeiro, 1997

Dodô, 7 a 1 União São João, 1997

— 4 gols —

Fried, 6 a 1 Juventus, 1930

Fried, 4 a 2 São Bento, 1931

Araken, 7 a 0 América, 1931

Eliseo, 4 a 0 Espanha, 1938

Eliseo, 8 a 1 Lusitano, 1938

Euclides, 6 a 2 Ipiranga, 1939

Euclides, 5 a 1 Flu-RJ, 1939

Leopoldo, 10 a 0 Ourinhos, 1943

Luizinho, 8 a 2 SPR, 1944

Leônidas, 12 a 1 Jabaquara, 1945

Remo, 12 a 1 Jabaquara, 1945

Luizinho, 7 a 0 Juventus, 1946

Luizinho, 7 a 1 Barretos, 1946

Teixeirinha, 7 a 1 Fla-RJ, 1946

China, 8 a 0 Araçatuba, 1949

Lanzoninho, 4 a 1 Nacional-SP, 1956

Zezinho, 5 a 1 XV Piracicaba, 1956

Ney Blanco, 7 a 0 Linense, 1957

Gino, 6 a 2 Ponte Preta, 1957
Prado, 8 a 0 Noroeste, 1965
Paraná, 6 a 1 P. Santista, 1965
Serginho, 4 a 0 Ferroviária, 1982
Guilherme, 4 a 1 Tenerife, 1993

— **ARTILHEIROS POR MÉDIA** —

Fried, 0,814 (66 gols em 81 jogos)
Friaça, 0,727 (48/66)
Leônidas, 0,663 (140/211)
Luizinho, 0,656 (145/22)
Dodô, 0,645 (91/141)
Serginho, 0,618 (242/393)
Careca, 0,595 (112/188)
Albella, 0,580 (47/81)
Toninho, 0,565 (86/152)
Gino, 0,515 (232/450)
Pardal, 0,508 (58/114)
Sastre, 0,449 (58/129)
Muller, 0,416 (158/379)
Maurinho, 0,405 (133/328)

JOGADORES QUE MAIS JOGOS FIZERAM PELO SPFC

Valdir Perez - 597

Poy - 565

Teixeirinha - 533

De Sordi - 501

Terto - 499

Gino - 450

Dias - 450

Nelsinho - 447

Mauro - 444

Zetti - 428

Dario Pereyra - 402

Bauer - 401

Serginho - 393

Canhoteiro - 383

Müller - 379

Pedro Rocha - 373

Paraná - 374

Remo - 357

Zé Sérgio - 348

Rai - 335

Chicão - 331

Maurinho - 328

Getúlio - 323

Noronha - 309

JOGADORES QUE MAIS TEMPO ATUARAM NO SPFC

Teixeirinha - 16a 07m

De Sordi - 13a 07m

Poy - 12a 10m

Dias - 12a 03m

Mauro - 12a 01m

King - 11 anos

Savério - 11anos

Remo - 10a 11m

Valdir Perez - 10a 11m

Dario Pereyra - 10a 10m

Jurandir - 10a 05m

Bauer - 10a 03m

Gino - 10a 01m

Nelsinho - 10a 01m

Luizinho - 10 anos

Rui Campos - 09a 10m

Benê - 09a 10m

Terto - 09a 10m

Canhoteiro - 09a 10m

Noronha - 09a 06m

Paraná - 08a 07m

Sérgio 08a 04m

Ronaldo 08a 02m

Müller - 08 anos

OS MAIORES ÍDOLOS

Os conselheiros, legítimos representantes da alma são-paulina, escolheram os maiores ídolos do São Paulo em todos os tempos em pesquisa realizada em 1997 e atualizada em dezembro de 1999.

Os índices indicam o percentual de votação que cada jogador recebeu no universo dos conselheiros que os viram jogar.

Friedenreich - 100%

Leônidas - 100%

Canhotoiro - 100%

Bauer - 100%

Zizinho - 100%

Mauro - 100%

Gérson - 100%

Pedro Rocha - 95,4
Noronha - 94,4
Poy - 93,3
Zetti - 93,1
Dias - 90,9
De Sordi - 90,9
Rai - 90,9
Dario Pereyra - 89,2
Waldir Perez - 88,6
Müller - 86,3
Rui - 86,1

Sastre - 85,0
Oscar - 84,0
Careca - 81,8
Maurinho - 81,6
Rogério Ceni - 80,2
Leonardo - 79,5
Teixeirinha - 77,7
Luizinho - 77,2
Forlan - 77,2
Serginho - 77,2
Chicão - 75,0
Toninho - 75,0
Cafu - 74,8
Alfredo - 73,4
Pita - 72,7
Dino - 70,4
Gino - 70,4
Denílson - 70,0

AS SELEÇÕES DE TODOS OS TEMPOS

Tabulando-se os votos dos conselheiros apurados na pesquisa realizada em 1997, chega-se a três seleções de todos os tempos. Qual é a sua?

Poy, Cafu, Mauro, Dario Pereyra e Noronha; Bauer, Zizinho e Gérson; Muller, Leônidas e Canhoteiro.

Zetti, De Sordi, Oscar, Dias e Leonardo; Dino, Pedro Rocha e Remo; Maurinho, Fried e Serginho.

Valdir Perez, Forlan, Bellini, Rui e Alfredo; Chicão, Sastre e Raí; Luizinho, Careca e Teixeira.

Obs. É permitido substituições...

Fotolito, Impressão e Acabamento
Gráfica & Editora GUIMARÃES Ltda
Rua Manoel Dutra, 61 - Bela Vista - São Paulo
Tels.: 3106-1381 - 3104-8424 - Fax.: 3104-3931



Com o passar do tempo, a popularidade de Leônidas na Capital paulista foi crescendo de maneira impressionante.

Homem inteligente, ele sabia que era preciso ser simpático com os fãs. Certo dia, no Centro, um torcedor acercou-se dele:

– A bênção, “seu” Leônidas - pedindo-lhe a mão para beijar. Leônidas sorriu, levantou a mão direita, mas não para ser beijada:

– Beijar não. Estendo a mão para cumprimentá-lo, irmão.

O homem não aceitou:

– Isso não. Quem sou eu para pegar na mão de um homem santo como o senhor, que vive salvando nosso time com seus gols.

Percebendo que o torcedor não mudaria de opinião,

Leônidas cedeu:

– Então eu te abençôo, filho.

**FATOS, FEITOS,
E FÁBULAS**

ISBN 85-87825-01-1



9 788587 825018

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ